

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

LUIS HENRIQUE LODI ZAGHI

**A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS DISCURSIVO* NO PERIÓDICO
“LEGIONÁRIO”**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SÃO PAULO
2018**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

LUIS HENRIQUE LODI ZAGHI

**A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS DISCURSIVO* NO PERIÓDICO
“LEGIONÁRIO”**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

**SÃO PAULO
2018**

LUIS HENRIQUE LODI ZAGHI

A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS DISCURSIVO* NO PERIÓDICO “LEGIONÁRIO”

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

Aprovado em: ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Agradeço muito especialmente à CAPES
pela bolsa (CAPES-PROSUC nº 88887.150320/2017-00)
a mim concedida, o que proporcionou levar a cabo a presente pesquisa.

*A minha linda esposa Vanessa
luz dos meus olhos
e ao meu filho Teodoro,
presente de Deus.*

AGRADECIMENTOS

Ao caríssimo Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, meu orientador, pela paciência, persistência, elegância, senso do dever, amizade e coragem de dizer a verdade e me indicar o caminho certo. Obrigado Prof. Jarbas por tudo. Esse trabalho, apesar de indigno, é fruto de sua alma apaixonada e generosa.

A meu pai, que, apesar de não estar aqui para ver esse trabalho concluído, sempre me inspirou, ainda que inconscientemente, a ser melhor. Gratidão eterna!

À minha mãe, minha primeira professora, obrigado pela vida, pela inspiração e pelo amor incondicional.

À minha amada Vanessa, vigilante companheira das horas certas e incertas. Minha gratidão por não desistir de mim. A persistência nesse trabalho se deve ao seu amor e à sua fé de que tudo daria certo.

A Plínio Corrêa de Oliveira, mestre e guia para uma vida toda. A quem conheci em minha juventude. Gratidão pelos ensinamentos, direção e abertura de horizontes. A ele toda minha gratidão por me demonstrar, por meio de exemplos de vida, como ser verdadeiramente católico.

A Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, meu pai espiritual, quem um dia na colação de grau da primeira de minhas graduações, incentivando-me dizia: “é só o começo”. Obrigado pelo impulso inicial e pela exemplo de vida.

À Profa. Dra. Leonor Lopes Fávero, ao Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira, à Profa. Dra. Sueli Cristina Marquesi, à Profa. Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e à Profa. Ana Rosa Dias, pelos extraordinários momentos de aprendizado e crescimento. Jamais esquecerei cada encontro, cada palavra, cada ensinamento.

Ao Prof. Dr. Marcos Antonio Gagliardi Cascino, magnífico Reitor do Centro Universitário Ítalo Brasileiro, e ao Sr. Marcos Vinícius Busoli Cascino, digníssimo Presidente da Instituição Educacional Prof. Pasquale Cascino, pela generosa compreensão e constante apoio.

À Profa. Dra. Leila Rentroia Ianonne, pela gentil, sábia e generosa indicação de conteúdo para a produção dessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Maia Theodoro dos Santos, pelo primeiro incentivo que motivou-me à encetar esse caminho. Gratidão pelo apoio, orientação e confiança.

À coordenação, aos docentes e aos colaboradores do Programa em Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por todo apoio e paciência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa para a conclusão da presente pesquisa.

“Como não reconhecer que o inimigo mais perigoso do Catolicismo não é a espada, mas o sofisma, não é a ameaça, mas a mentira, e que Marat ou Calles fizeram muito menos mal às almas do que Voltaire ou Kant? A terribilidade de um inimigo não se mede pelo vigor com que se serve da espada, mas pela agilidade com que manuseia a pena”.

Plínio Corrêa de Oliveira

Legionário, nº 458, 29 de junho de 1941

RESUMO

Fundamentada em estudos da Análise do Discurso de linha francesa a presente pesquisa, cujo tema é a constituição do *ethos* discursivo no órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo, *Legionário*, publicado na primeira metade do século XX, objetiva apresentar uma compreensão de como se deu a constituição do *ethos* discursivo nesse periódico. O *corpus* escolhido como material empírico de análise foram onze artigos do principal redator, diretor e inspirador do *Legionário*, Plínio Corrêa de Oliveira. O discurso de autoria desse enunciador, analisados nos recortes destacado para essa análise, tem forte relação de interdiscursividade com as publicações emanadas de documentos dos Papas da época, além de estar profundamente relacionada às fontes doutrinárias do catolicismo ultramontano de então. Analisamos como o caráter de interdiscursividade representado nas inter-relação das vozes manifestado em múltiplos tons, emanados do enunciador e do “outro” presente no discurso produziram o *ethos* discurso entendido sob o enfoque do teórico da AD, Dominique Maingueneau. Consideramos que o *ethos* tem relação profunda com a construção de identidade que é constituída por essa interdiscursividade concretizada na materialidade discursiva. Entendemos que o presente estudo pode contribuir para uma compreensão da constituição do *ethos* que procede do discurso jornalístico e, no caso concreto dessa pesquisa, com claras marcas de autoridade moral e religiosa.

Palavras-chave: análise do discurso; discurso; *ethos* discursivo; *Legionário*.

ABSTRACT

Based on studies of French Speech Discourse Analysis the present research, whose theme is the constitution of the discursive *ethos* in the unofficial organ of the Archdiocese of São Paulo, The Legionary, published in the first half of the twentieth century, aims to present an understanding of how it happened the constitution of the discursive *ethos* in this periodical. The corpus chosen as empirical material for analysis were 11 articles by the main editor, director and inspirer of the Legionnaire, Plinio Corrêa de Oliveira. The discourse authored by this enunciator, analyzed in the cutouts highlighted for this analysis, has a strong relationship of interdiscursivity with the publications emanating from documents of the popes of the time, besides being deeply related to the doctrinal sources of ultramontane Catholicism of the time. We analyze how the interdiscursivity character represented in the interrelation of voices manifested in multiple tones, emanating from the enunciator and the “other” present in the discourse produced the discourse *ethos* understood under the approach of AD theorist Dominique Maingueneau. We consider that the *ethos* has deep relation with the construction of identity that is constituted by this interdiscursivity concretized in the discursive materiality. We understand that the present study can contribute to an understanding of the constitution of the *ethos* that proceeds from journalistic discourse and, in the specific case of this research, with clear marks of moral and religious authority.

Keywords: discourse analysis; discourse; discursive *ethos*; Legionário.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Fac-símile do manuscrito de Dom Leme a Plínio Corrêa de Oliveira</i>	26
Figura 2 - <i>Fac-símile do artigo Unidade Nacional</i>	29
Figura 3 - <i>Fac-símile de trecho do artigo citado acima</i>	30
Figura 4 – <i>Fac-símilee do artigo Unum sint, mencionado acima</i>	31
Figura 5 - <i>Fac-símile de recorte da sessão “Orientação Moral dos Espetáculos”</i>	46
Figura 6 - <i>Fac-símile de recorte da sessão “Orientação Moral dos Espetáculos”</i>	47
Figura 7 - <i>Fac-símile do artigo "Genealogia de Monstros"</i>	68
Figura 8 - <i>Fac-símile do artigo "Com quem está o Papa?"</i>	73
Figura 9 - <i>Fac-símile do artigo "A guerra e o corpo místico"</i>	78
Figura 10 - <i>Fac-símile do artigo "Regina Pacis"</i>	83
Figura 11 - <i>Fac-símile do artigo "Glória a Deus..."</i>	88
Figura 12 - <i>Fac-símile do artigo "À margem da crise"</i>	93
Figura 13 - <i>Fac-símile do artigo "A liberdade da Igreja no dia de amanhã"</i>	97
Figura 14 - <i>Fac-símile do artigo "Comunismo"</i>	101
Figura 15 - <i>Fac-símile do artigo "Pela grandeza e liberdade da Ação Católica"</i>	106
Figura 16 - <i>Fac-símile do artigo "A falsa alternativa"</i>	111
Figura 17 - <i>Fac-símile do artigo "17 anos"</i>	117

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1. CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO	17
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
2.1 ANÁLISE DO DISCURSO: CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEITOS.....	32
2.2 DISCURSO E INTERDISCURSO.....	33
2.2.1 O Discurso e Religião.....	34
2.3 CENAS DA ENUNCIÇÃO.....	36
2.4 <i>ETHOS</i> DISCURSIVO.....	37
3. ANÁLISE DO CORPUS: LEGIONÁRIO	45
3.1 A CONSTITUIÇÃO DO <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NOS ARTIGOS DE PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA NO LEGIONÁRIO	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICE.....	64

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XX foi palco de grandes mudanças, as quais se podem verificar em todos os âmbitos da atividade humana. A religião, área comum à maioria dos homens, não foi isenta destas mudanças, pelo contrário. Uma verdadeira revolução se operou no seio das religiões e talvez a instituição que registrou uma maior e mais profunda transformação foi a Igreja Católica Apostólica Romana. Os reflexos desta profunda mudança foram difundidos também pela imprensa, não apenas pela grande imprensa, mas também por periódicos próprios de cada localidade, diocese e até mesmo em folhetins paróquias e de associações afins. No Brasil, país com a maior concentração de católicos do mundo, isso não foi diferente.

A escrita sempre foi um dos meios de grande difusão de mensagens e por meio dela a história foi registrada e transmitida ao longo das gerações. Esses registros históricos, feitos ao longo dos séculos, são um acervo riquíssimo de saber e conhecimento. Em especial, as instituições que resistiram aos séculos, conservam, em seus acervos e nas estantes muitas vezes seculares de suas bibliotecas, os registros de sua história. Não poderia ser diferente com uma das mais antigas instituições ainda existentes, a Igreja Católica Apostólica e Romana. Fundada, segundo a tradição cristã-católica, por Pedro, um dos doze Apóstolos de Cristo, que segundo a ordem do Redentor (Mt. 16, 18) teria partido para Roma, onde sobre a colina Vaticana, fundara os alicerces de um império espiritual e, durante um longo período, também temporal.

A Igreja Católica adaptou-se ao longo dos séculos, seguindo em certa medida as mudanças de cada época, apesar das resistências de ordem doutrinária e dogmática. Num período histórico mais próximo a nossos dias, com o advento da Revolução Industrial e a consolidação da imprensa, o registro e difusão de informação e ideias conheceram um enorme progresso. Através das páginas dos jornais, a comunicação passou a ter uma característica de velocidade e penetração incomparáveis.

Neste contexto, a par da popularização dos meios de comunicação social, consolidou-se o jornalismo informativo e de opinião, que passaram a ser um espaço de embate de ideias e ideologias. Como consequência a imprensa passava ter uma

maior força política, econômica e social. A relação autor-leitor, enunciatário-destinatário conheceu novo estatuto e produziu, num campo discursivo privilegiado, uma valorização da comunicação e do discurso jornalístico e seus subdiscursos ADJETIVO. Os textos jornalísticos se inseriram no campo da comunicação e tem como objetivos tratar os fatos e informá-los. A informação jornalística escrita é apresentada na sua forma clássica, através de três meios principais: notícia, reportagem e editorial, caracterizando-se pela atualidade dos fatos sem uma preocupação científica informação.

Com vistas a conquistar um espaço novo de comunicação, as figuras expoentes do mundo católico, as dioceses, paróquias e associações, começaram a atuar por meio dos meios de comunicação social. Esse fenômeno talvez tenha sua origem ou primeiras manifestações já nos anos seguintes à Revolução Francesa, quando membros do clero e apologistas católicos buscavam defender suas ideias relativas à preeminência da religião na sociedade. Vemos esse esforço e o surgimento desse jornalismo católico inicialmente na pena de Chateaubriand, o “gênio do cristianismo”, no início do século XIX. O abade de Lamennais propõe através de suas publicações um pensamento católico mais atuante com um viés cada vez mais científico. Mas, é talvez com Louis Veuillot, leigo católico, jornalista francês, ultramontano, muito ligado a Roma e ao Papa, que se observa um discurso jornalístico católico com forte poder de convencimento e influência. Em 1839, Veuillot integra a corpo editoria do jornal *l'Univers Religieux* e através de seus artigos denuncia as pretensões de uma má ciência, desmascara os embustes do socialismo, combate as heranças políticas da Revolução Francesa, refuta o galicanismo e critica exploração do povo pela a burguesia. Amigo de De Maistre e Donoso Cortès, Veuillot é profundamente influenciado por eles e faz eco de suas teses conservadores nas páginas do *l'Univers*. (SERRY, 2004 p. 130-13)

O Legionário pode ser considerado herdeiro desse jornalismo católico francês. Com efeito, como veremos, pode-se reconhecer nas páginas do semanário da arquidiocese de São Paulo um tom polêmico e dogmático muito semelhante aos dos autores citados acima. Segundo Dines (2004, p. 56) “o jornalismo acompanha, assim, as demais ciências humanas, que, ao contrário das outras, talvez mais exatas, são dinâmicas”. Nesse contexto, o jornalismo praticado pelo Legionário, dentro da coerência com sua linha editorial era, se bem que voltado a temas variados, tinha uma

evidente predominância para questões de política nacional e internacional, com um fundo de quadro de cunho católico conservador ultramontano.

O Legionário de 1933 a 1947 foi o baluarte de uma visão conservadora e ultramontana. Editado por um grupo de jovens jornalistas católicos, o jornal tinha como maior liderança a figura de seu diretor, Plínio Corrêa de Oliveira. Como veremos, Oliveira orientava e inspirava a linha editorial do jornal, e assinava especificamente alguns artigos de fundo e as sessões “7 dias em revista”. Compõe o corpus do presente trabalho recortes de 13 artigos escritos por Plínio Corrêa de Oliveira.

Fundamentamos as análises sobre esse corpus na perspectiva enunciativa da Análise do Discurso de linha francesa, em particular a apresentada por Dominique Maingueneau. Serão mobilizadas as categorias de análises apresentadas por esse autor tais como as cenas de enunciação, o interdiscurso e em especial o *ethos* discursivo. Entendemos que o primado do interdiscurso é percebido nos recortes analisados, uma vez que o discurso contido nos artigos de Plínio Corrêa de Oliveira no Legionário é atravessado por discursos presentes em um universo religioso, político e social da época. A intenção do autor é buscar através desse recurso da interdiscursividade legitimar o seu próprio discurso, uma vez que este se produz na relação com outros discursos que o autorizam. Os temas abordados nos recortes dessa pesquisa são apresentados aos coenunciadores, sob um foco católico ultramontano. Essa cenografia, onde a fala do enunciador é sustentada pela voz do sujeito, constrói um *ethos* discursivo específico. Assim, num processo de incorporação, o coenunciador se identifica com o *ethos* discursivo no interior da cena de enunciação.

Na presente análise serão levados em consideração os embates políticos e sociais que se consolidaram na produção do discurso e determinaram a constituição do *ethos* discursivo, como sendo o locutor, o personagem que fala e não apenas o indivíduo concebido deslocado da enunciação. Partindo do pressuposto que os temas presentes nesse discurso representam uma realidade apresentada e vivenciada por um conjunto de pessoas num determinado período histórico, sob influência de acontecimentos marcantes.

Portanto, é objetivo desse trabalho responder à pergunta: como se constituiu o *ethos* discursivo no semanário Legionário da Arquidiocese de São Paulo.

Com esta finalidade, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira:

No Capítulo 1 – “Condições sócio históricas de produção”, apresentamos uma breve localização histórica do período em anterior ao qual se insere o periódico pesquisado visando orientar o leitor à uma compreensão mais completa do papel do jornalismo católico, sua origem e orientação teórica e ideológica. Apresentamos a questão da formação de uma visão católica conservadora, conhecida como ultramontanismo e como essa corrente influenciou o catolicismo brasileiro e engendrou uma imprensa católica atuante no cenário nacional.

No capítulo 2 – “Análise do Discurso: contextualização e conceitos”, apresentamos conceitos gerais da linha de pesquisa atinentes à disciplina da Análise do Discurso de linha francesa, precisamente sob a visão de Dominique Maingueneau, com vistas a fundamentar a pesquisa objetivando dar embasamento teórico aos passos seguintes do presente estudo.

Por fim, no último capítulo “Análise do *corpus*: Legionário”, realizamos uma análise, a partir de onze amostras selecionadas, utilizamos as categorias de análises escolhidas para identificar a constituição do *ethos* discursivo nas páginas do semanário Legionário.

1. CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO

Conhecido como o “Séculos das Revoluções” (CORRIGAN, 1986 p. 20), o século XIX foi palco de grandes acontecimentos que ajudaram a formar o mundo que viria após ele. Tais mudanças só não foram maiores que as que se operaram no século seguinte e certamente as que vivenciamos no século presente. Com efeito, os anos 1800 conheceram profundas transformações, tais como a ascensão e queda da Napoleão, a efetivação das ideias da Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a queda de tantas monarquias e, portanto, o surgimento das repúblicas e das democracias. Nesse século, se consolidaram as teorias de Bacon, Rousseau, Descartes, Marx, Renan e Comte; ganharam terrenos as doutrinas de Hegel, de Darwin, e uma mentalidade naturalista e positivista passou a suplantar, especialmente na Europa, a tradicional visão cristã e dogmática do mundo cristão. A Europa se secularizou, e nesse processo de laicização, passou a influenciar todas as atividades humanas.

Esse novo homem, produto de uma nova época, tem características próprias, sem, entretanto, deixar de conservar aspectos que durante milênios o formaram. Uma das principais características é o fato de ele ser cristão, mas, essa pertença à sua fé, começara a ser abalada face às mudanças. Ser cristão hoje já não era o mesmo que outrora.

A História localiza a origem do Cristianismo há quase dois mil anos. Os primeiros registros dos papas remontam à época das catacumbas, que hoje recebem visitas de turistas e peregrinos cristãos ou não, de todo mundo, para, como que, “tocar” de perto a história das vicissitudes e provações que estariam na própria raiz de sua missão e na força de sua doutrina.

Ser cristão é ser de alguma forma contra algo. Os aspectos positivos de seus ideais religiosos, tais como santidade, paz, caridade, compaixão, solidariedade, partilha, não podem ser separados dos antípodas que abundam no seu discurso, tais como pecado, guerra, castigo, penitência, combate, anátema etc. Por este motivo, ainda que sendo uma instituição hermética, em cujo ingresso ser necessária uma série de adesões da vontade e da inteligência, a Igreja sempre esteve presente nos

principais, senão em todos os acontecimentos do período histórico em que estava inserida.

Assim também, por exemplo, na vida cotidiana de seus fiéis, a Igreja busca estar presente em cada fase da vida comum e individual de seus membros. O albor da vida está presente pelo Batismo, prepara e preside os atos de iniciação cristã (Primeira Comunhão e Conformação ou Crisma), testemunha a união dos cônjuges que se unem em Matrimônio, consagra os seus futuros ministros pela Ordem, perdoa a todos através da Confissão ou Penitência, e por fim os abençoa e consola face à derradeira despedida com a Unção dos Enfermos ou Extrema Unção.

Os sete Sacramentos acima mencionados são talvez o reflexo dessa junção do divino e do humano, essa inferência do sagrado no profano que compromete o cristão a não ser apenas um bom fiel, mas a viver em sociedade e dar este testemunho. Este sempre foi o papel do cristão leigo e especialmente para os ordenados, que compõe o clero instituído. Esta busca por professar sua fé agindo junto ao mundo, como com vistas a “defender” sua verdade, é certamente o que moveu os apologistas cristãos a empreenderem em diversas épocas uma função pública específica. E, com o crescimento e penetração da imprensa, essa atuação de defesa da fé passou a ter também um outro campo de ação.

O século XIX conheceu o florescimento de movimentos, que em meio às revoluções e transformações de sua época, buscaram dar respostas novas às novas às novas dúvidas que surgiam.

Um dos grandes desafios que a Igreja encontrou no século XIX, foi justamente essa postura otimista face à vida e às novidades. O romantismo do final do século XIX é característico fenômeno desta época. Herdeira do *Ancien Régime*, a *Belle Époque* emprestou ao requinte europeu uma visão rósea da vida, em que religião portadora desta visão maniqueísta em relação a tudo é vista como ultrapassada, percebida como uma fraqueza que é tolerada, e tratada cada vez mais com desprezo e incompreensão (CORRIGAN, 1986, p.28).

Aqui e ali surgiram os que, buscando dar respostas e essas questões, no âmbito católico, valeram-se da imprensa para difundir suas ideias, e a Igreja, ainda que muito distante dessas novidades, as abençoou e viu com bons olhos seus filhos combativos pugnarem por ela. Vemos assim surgir Donoso Cortez, Louis Veuillot, Montalembert e outros, que por meio de sua pena, difundiram suas ideias e seus ideais.

Uma das características comum dos apologistas deste catolicismo que se apresentava face aos desafios que as mudanças do século XIX traziam era a sua vinculação à Cátedra de Pedro. A fidelidade ao pontífice Romano era o centro de suas convicções. A sua visão sobre o que eles consideravam os males de sua época, como o liberalismo, o comunismo nascente, o naturalismo, o modernismo etc, tinha um contrapeso e antídoto na autoridade máxima da Igreja Católica.

O reinado de Pio IX, papa que representou e encarnou todos os ideais conhecidos como o Ultramontanismo¹, foi o mais longo da história.. Em 1870, Pio IX proclama o dogma da Infallibilidade Pontifícia, no qual afirma que os Papas não cometem erros em matérias de fé e moral, nas definições dogmáticas e promulgações de decretos nos quais se pronuncia *ex cathedra*, ou seja, enquanto sucessor do Apóstolo Pedro.

A publicação de Pio IX, *Syllabus* de 1864, foi talvez o mais importante documento relativo à postura da Igreja face aos erros de sua época. O *Syllabus* continha oitenta pontos ou posições consideradas como erros pela Igreja. (CORRIGAN, 1986, 293)

Como tudo o que acontecia na Europa de então, esses acontecimentos tiveram grande repercussão no Brasil, e em especialmente em São Paulo, cidade profundamente influenciada pela cultura europeia.

Os debates em torno das questões polêmicas surgidas na Europa, conforme mencionamos acima, encontraram eco na sociedade brasileira, já enriquecida por mentes brilhantes e com grande atuação na sociedade.

Paradoxalmente o histórico da relação do Brasil com o Catolicismo Romano nem sempre fora o de total e irrestrita fidelidade e identidade. Com efeito, para compreender o papel do semanário *Legionário* e a formação do *ethos* discursivo em suas publicações, é preciso compreender, ainda que sucintamente, aspectos dessa história.

A Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por um grupo de jovens estudantes da Universidade de Paris, liderados por um nobre basco-espanhol, Inácio de Loyola no século XVI, teve papel fundamental na construção da identidade nacional, especialmente pelo seu caráter educativo. O período colonial foi marcado pelo ímpeto missionário dos jesuítas; o Brasil cresceu e a Companhia se estabeleceu

¹ Ultramontanismo, que significa “além dos montes”, foi um termo cunhado inicialmente na França para se referir ao movimento interno do catolicismo que se caracterizava pela centralização a autoridade na pessoa do Sumo Pontífice, que estava em Roma e portanto, “além dos montes” (Alpes).

com o merecido status de grande referência moral e religiosa no Brasil. Entretanto, no reinado de José I de Portugal, influência por seu primeiro ministro, o marquês de Pombal, os jesuítas foram acusados de traição ao Rei e expulsos em 1759, de Portugal e de todas as colônias de além-mar (CAMARGO, 1955 p. 256).

Reflexo de seu absolutismo estatal, Pombal assim se afirmava politicamente e fazia eco a um movimento universal de predomínio do civil sobre o eclesiástico. Atribui-se a este evento histórico, um aspecto da questão que ora tratamos e que merece ser mencionado.

Com a expulsão dos Jesuítas outras ordens religiosas também se ressentiram, iniciando assim uma clara decadência na presença ativa da Igreja institucional junto aos fiéis, e em função disso, segundo Camargo (1955 p. 256),

[...] a carência de centenas de Padres se fez sentir, decaindo o ensino público, a formação social, cultural e religiosa, a catequese dos índios, pelo fechamento dos colégios e pela ruína das missões e aldeias. A ausência de uma preparação doutrinária substancial repercutiu funestamente na formação e seleção no recrutamento clerical, tendo como consequência lógica a infiltração do espírito mundano na formação religiosa, e decadência do espírito missionário.

Essa nova realidade religiosa teve um efeito, no Brasil, de afastar a Igreja local da influência da Sé de Roma. Esse fenômeno está inserido no que é conhecido na História como regalismo. Doutrina surgida na Universidade de Coimbra, sob os auspícios do Marques de Pombal. “Irmã” do galicanismo, doutrina com fortes partidários na Universidade de Sorbonne, alegavam que os reis eram independentes dos Papas em matérias de ordem temporal, e defendia outras limitações ao poder do sumo pontífice. Essas ideias deram liberdade aos avanços em relação ao controle e a formação do clero brasileiro. Nas “constituições primeiras do Arcebispado da Baía”, citadas por Camargo (p. 260) está dito que “A Igreja, embora seja um Império distinto e separado pelo que pertence ao espiritual dos fiéis, contudo está subordinado ao Império Civil”. Os principais espontes dessa corrente foram Bossuet na França, e mais tarde Cavour na Itália.

No Brasil, não havendo mais a presença companhia de Jesus, em que os eclesiásticos recebiam sua formação. Essa formação superior mais específica era ministrada em Coimbra, para onde acorriam os clérigos com melhores resultados

acadêmicos. Com essa crise religiosa, em 60 anos, após o golpe pombalino, apenas 20 estudantes atravessaram o atlântico para estudar nessa Universidade.

Segundo Holanda (1975, p. 44) ao regalismo seguiu-se o racionalismo e logo o romantismo, e:

Essas novas ideias encontraram um povo desassistido, entregando-o a um sincretismo bárbaro, e uma juventude despreparada e sem mestres à altura, que pudessem refutá-las, denunciando-lhes a falsidade. [...] O Brasil descriticava-se gradativamente. Tomadas as classes intelectuais pelo agnosticismo, o catolicismo reduzia-se a um ofício de mulheres.

As ideias regalistas encontraram guarida no seminário de Olinda, no início do século XIX, fundada por Dom Azeredo Coutinho, bispo de Olinda. Curiosamente foi nesta mesma cidade, algumas décadas depois que se daria um evento representativo da divisão que havia no clero brasileiro quanto a esse assunto. Esse fato ficou conhecido como a “Questão Religiosa” e representou a discórdia entre a Igreja e o imperador Dom Pedro II, que determinou, por representação da Maçonaria a prisão do então Bispo de Olinda, Dom Vidal e de Dom Macedo Costa, bispo de Belém do Pará. Esses prelados eram expoentes da corrente contrária ao regalismo, o ultramontanismo. (MATTEI, p. 60-61). No ano seguinte à sua prisão, foi libertado e pouco tempo faleceu na Europa onde havia indo explicar-se ao Papa.

Ironicamente, o século XIX, “Século Maravilhoso”, como apresentado por Alfred Russel (*apud* Corrigan, p. 28) sofreu um grande revés em 1914, com o início da Grande Guerra e iniciando de vez, não apenas o novo século, mas uma nova era. Após curto período de relativa paz, o mundo novamente conhecia uma mais terrível guerra que acabara por enterrar muitos dos aspectos, princípios, modos de ser, e vivências do passado. Era um novo mundo que surgia.

Mas, nessa nova era se verificava também uma retomada da piedade católica fiel a Roma, com o retorno dos jesuítas e das demais ordens religiosas, masculinas e femininas, dioceses foram criadas, junto a elas seminários eram erigidos, escolas abertas, Santas Casas fundadas. O clero regular, quase desaparecido, voltava a ressurgir.

Dentro deste grande movimento de reação e de retorno ao catolicismo tradicional, grande influência teve a conversão ao catolicismo de Jackson de Figueiredo, jovem membro da elite intelectual brasileira. Figueiredo como líder católico

de grande renome, apesar da curta vida, deixara um legado que influenciaria toda uma geração. Ele fundara o jornal *A Ordem* no Rio de Janeiro, sob os auspícios do Cardeal Leme e o Centro Dom Vital, polo de propagação de ideias católicas e ultramontanas.

Esses eram os anos 20 e essa juventude era, sob o aspecto religioso, fruto de corrente impressa na Igreja pelo curto pontificado de um Papa que seria, no futuro, canonizado e entraria para a História como São Pio X. Esse Papa veneto, de origem humilde, promoveu na Igreja Católica, em plena aurora do século XX, um retorno às ideias e práticas tradicionais de piedade; validou as teses do *Syllabus* de seu antecessor, e formou uma juventude católica mais assídua e atuante na Igreja. Numa época de grandes turbulências sociais e morais.

Nesse período entre as duas guerras, uma juventude católica, que frequentava os bancos da Universidade de São Paulo, passou a se reunir e a debater assuntos da atualidade sob um prisma metafísico e religioso. Muitos desses jovens eram também membros de um pujante movimento católicos, as Congregações Marianas.

Esse movimento, instituído pelos Jesuítas, tinha como objetivo formar cristãos de qualquer estado de vida e classe social. No Brasil ela fora fundada logo após o retorno da Companhia de Jesus no final do século XIX. Em 1930 há havia mais de 300 congregações em todo o Brasil (MAIA, 1992 p. 45). Muitas delas tinham publicações próprias, na maioria dos casos a nível local, paroquial e de curta abrangência

Assim era o caso da Paróquia de Santa Cecília, na zona oeste de São Paulo, onde havia um grupo das Congregações Marianas que editava um mensário chamado *Legionário*.

Essa publicação, dirigida por Mons. Marcondes Pedrosa, era editada como um simples folheto mensal de quatro páginas, quando se iniciou a sua publicação, em 29 de maio de 1927. Posteriormente, pela atuação do grupo de jovens católicos, sobre os quais falaremos a seguir, o *Legionário* passaria a ter uma grande influência e ultrapassaria os limites da cidade e do Estado de São Paulo.

Os temas tratados pelo jornal eram a defesa dos princípios tradicionais e familiares, a tutela dos direitos da Igreja, a formação de novas elites católicas, a luta contra a infiltração comunista.

Foi pela atuação de um jovem congregado Mariano, que, a partir de 1933 fora convidado a assumir a direção, que o Legionário tornara-se o órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo: Plínio Corrêa de Oliveira.

Jovem advogado, congregado mariano, líder da juventude católica no âmbito em que atuava, Plínio Corrêa de Oliveira, descendente de famílias tradicionais, chamada de “quatrocentos anos”, filho de Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira e João Paulo Corrêa de Oliveira. Jovem de esmerada formação, cursara Direito na renomada faculdade do Largo São Francisco. Plínio, desde cedo aderira de corpo e alma aos movimentos católicos condizentes com sua origem familiar ultramontana e monarquista. Logo destacou-se na São Paulo da época como líder católico, congregado mariano, como dissemos, e deputado federal constituinte mais votado do Brasil no pleito de 1934. Professor catedrático de História da Civilização no Colégio Universitário da Universidade de São Paulo, foi também professor catedrático da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ele representará por meio de seu pensamento e ação política a vertente conservadora católica. Plínio Corrêa de Oliveira passaria para a História como o fundador e inspirador de diversas associações e entidades conservadoras católicas até nossos dias, das quais se destacam mais especialmente a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade – TFP e a Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício Aautos do Evangelho, ambas presentes em dezenas de países.

O Legionário não nascerá senão como um jornal local, e seu crescimento se deu à atuação do grupo do Legionário, como ficou conhecida a equipe editorial. Plínio Corrêa de Oliveira, redigia e editava a coluna “À margem dos fatos”, que tomaria o nome de “Sete dias em revista”. Ele foi reunindo ao seu redor uma equipe de colaboradores que, congregados marianos, como ele, comungava dos meus ideais e tinham as mesmas aspirações. “No quadro redatorial desse semanário formou-se gradualmente um grupo de amigos, todos congregados marianos como eu, que nos dedicámos de corpo e alma ao jornalismo católico”. (OLIVEIRA, 1969, p. 4).

O corpo de redatores era composto por Fernando Furquim de Almeida, José Carlos Castilho de Andrade, José de Azeredo Santos, Adolpho Lindenberg, José Fernando de Camargo, José Gonzaga de Arruda e Paulo Barros de Ulhôa Cintra.

Em artigo na Folha de São Paulo em 1969, Plínio Corrêa de Oliveira lembraria assim, esse período inicial do Legionário:

Encerrada minha atuação no cenário legislativo, continuei a militar, como o fazia desde 1928, nas fileiras marianas. Foi-me então confiada a direção do “Legionário”, órgão da Congregação Mariana de Santa Cecília. No quadro redatorial desse semanário formou-se gradualmente um grupo de amigos, todos congregados como eu, que nos dedicamos de corpo e alma ao jornalismo católico.

O “Legionário” não se destinava ao grande público, mas tão somente a esse imenso meio, algum tanto fechado, que era o movimento católico. Dentro desse meio se estendia, de norte a sul do País, sua influência de representante do pensamento das forças mais jovens e dinâmicas.

Realçava ainda essa influência a situação pessoal de meus colaboradores e a minha no movimento católico — fazíamos parte da direção das entidades mais marcantes da juventude católica de São Paulo, isto é, da cidadela mariana por excelência. (OLIVEIRA, 1969, p. 4).

O único membro desse grupo ainda vivo é o renomado Dr. Adolpho Lindenberg, que muito gentilmente recebeu o autor desse trabalho e lhe concedeu uma entrevista, cujos excertos compõem essa pesquisa. Segundo Dr. Adolpho Lindenberg,

[...] a sede do Legionário ocupava o subsolo de um prédio da rua Imaculada Conceição, no bairro de Higienópolis, e eramos tão pobres que nem móveis havia, nós levávamos móveis de nossas próprias casas. Havia um sofá, de três lugares, que só tinha duas almofadas, faltava uma. Nem tapete, quadro, cortina... era um local de trabalho mesmo. E nós ficávamos Dr. Plínio, eu, Pacheco, Fernando, o Castilho e outros, ficávamos longamente conversando e traduzindo as notícias estrangeiras para o português para leitura, estudo e redação dos artigos.

O Legionário tratava de temas de nível variado de relevância. Havia desde a receitas culinárias a sessões de política internacional, onde eram tratados assuntos como por exemplo, as perseguições religiosas, o surgimento, avanço e decadência do Nazismo na Alemanha, a Guerra Civil Espanhola, o progresso do comunismo, eleições em diversos países. Todas estas análises eram sempre feitas à luz da doutrina católica e em conformidade com os romanos pontífices.

Nós iremos, como é compreensível, nos ater apenas a recortes de alguns artigos selecionados desse semanário, mais precisamente a artigos de seu diretor, Plínio Corrêa de Oliveira, nos quais ele faz análises crítica, traça comentários à luz das convicções e segundo a corrente de pensamento do periódico e faz conjecturas e previsões face aos acontecimentos tratados por ele, destacando especialmente assuntos sobre o nazismo-fascismo e comunismo-socialismo, já sua linha editorial

reconhecia no comunismo e no nazismo ideologias anticristãs e com potencial destruir das mentes e da sociedade muito grande. Para o Legionário, a origem do nazismo e do comunismo não eram apenas uma questão de visão política, um fenômeno social ou uma escolha econômica, mas ao contrário, era a adesão uma ideologia metafísica que tocava Deus e tinha implicações morais e éticas.

Em outros termos, portanto, o mundo estava sendo disputado por duas grandes forças, o comunismo e o nazismo. As democracias e os estados totalitários não nazistas outra coisa não eram, senão repúblicas bolchevistas ou nazistas em botão. Não seria necessário muito tempo, para que estes botões venenosos e sem belezas desabrochassem em flor... acompanhados de seus numerosos e agudíssimos espinhos. Se reduzirmos ao devido valor os termos “nazismo” e “comunismo”, a diferença entre ambos é insignificante. O comunista é ateu, materialista e partidário da onipotência do Estado. O nazista não é menos ateu, nem menos materialista, nem menos estatolatra. A imoralidade comunista é satânica. E a obra paganizadora do nazismo não o é menos. (OLIVEIRA, O Legionário, nº 315, 1938).

O Legionário cresceu, expandiu-se e a partir de 1936 passou de quinzenário a semanário, com oito páginas por número, e de simples folheto da paróquia de Santa Cecília tornou-se uma voz católica conhecida e respeitada em todo o país. Um ano depois o Legionário tinha uma tiragem mensal de mais de 17 mil exemplares, sendo o mais relevante órgão de imprensa católico do Brasil.

Em 1938 Dom Duarte Leopoldo e Silva, benzeu as novas máquinas do Legionário, estavam presentes a nata do clero e da sociedade civil de São Paulo. Com os números de o Legionário, cresciam também os admiradores, e grandes figuras que apoiavam o labor do semanário paulista. O número do Legionário 30 abril de 1939, estampou na primeira página o manuscrito, data do de 4 de abril do mesmo ano, em que o Cardeal Leme comunicava a benção concedida ao Legionário por sua santidade o Papa Pio XII no qual se lia:

“Meu caro Dr. Plínio. De coração lhe agradeço o carinhoso telegrama que me passou para a Bahia. Com satisfação transmito especial benção que o Santo Padre concedeu ao nosso intrépido Legionário e ao seu benemérito diretor, verdadeiro homem da imprensa católica, redatores, benfeitores e leitores” (Legionário, nº 346, 30 de abril de 1939).

Meu caro Sr. Plínio,
 De civis e de agrados o
 carinhoso telegrama que me
 passou para a Bahia. Como
 satisfazer tão arduamente espe-
 cialmente com o Sr. Padre
 conceder ao nosso intuspidó
 Legionário, seu beneme-
 rito director, verdadeiro
 homem da imprensa cató-
 lica, redactor, benfite-
 re e leitor.

5/4/939

+ Leb. Eac. Leme

O AUTOGRAPHO QUE SUA
 EMINENCIA NOS ENVIUO

Figura 1 – Fac-símile do manuscrito de Dom Leme a Plínio Corrêa de Oliveira.

Com os meios e as “armas” ajustados, o Legionário trabalhou fortemente em prol de suas ideias. Suas páginas estavam repletas de um ar belicoso. Nessa época suas principais linhas de defesa eram claras: a integridade católica e uma visão de mundo profundamente configurada a partir de suas convicções religiosas. Por outro lado, os inimigos eram muitos, ou por outra eram todos os que dessa visão se afastavam, e todos os que de uma maneira ou de outra atacavam a Igreja e suas representações. Mas, sem dúvida alguma, em função da época em que foi editado, o Legionário direcionou naturalmente seus “canhões”, para as ideias propugnadas pelo Nazismo-Fascismo e pelo Comunismo.

No início dos conflitos que levaram à segunda grande guerra, a exemplo do ocorrido na Primeira Guerra Mundial, (1914-1918), a o Vaticano sempre manteve uma postura de imparcialidade, sob o risco de ser acusado de parcialidade entre um e outro

adversário. Mesmo em todos os esforços para manter a paz, o papa buscava agir com extrema prudência (CHÉLINI, 1983 p. 63).

O Legionário se arvorou a missão de ser a voz de Roma, fiel ao seu ideal ultramontano, e o representou de modo eminente em todas as suas páginas, como se pode ver por este trecho do artigo da coluna “365 dias em revista”, do número 595 do Legionário de 1 de janeiro de 1944:

Antes de tudo, amamos sempre o Pontífice Romano. Não houve uma palavra do Papa, que não publicássemos, que não explicássemos, que não defendéssemos. Não houve um interesse da Santa Sé, que não reivindicássemos com o maior ardor.

Num país católico, o trabalho de uma imprensa católica pareceria fácil e triunfante, entretanto, os desafios eram muitos, pois apesar de 1939 o Brasil ser um país com 93% de fiéis católicos, havia carências graves, sequelas, segundo Chélini (1983, p. 33) de uma evangelização mal conduzida. A ignorância religiosa caminhava ao lado do analfabetismo. No Brasil havia um padre para cada 7.700 habitantes, enquanto no restante dos países católicos a divisão é de um sacerdote por 1.000 almas. A principal atividade católica, realizada por apenas 20% dos fiéis, era a frequência à missa dominical (CHÉLINI, 1983, p. 34). Daí se deduz que a formação nas doutrinas e vivências cristãs da época era muito deficitárias. Por isso, o grande esforço de órgãos da mídia católica, como o Legionário, em buscar instruir e dar subsídios face aos fatos políticos, econômicos e sociais que tão grande influência e repercussão tinham para o Brasil.

Todos os temas, mas mais especialmente os ligados a política internacional eram tratados e vinculados pelo Legionário sob o prisma cristão-católico, sob um enfoque, que hoje costumamos chamar de “tradicionalista”, mas que à época era mais bem conhecido como “ultramontanos” como vimos. A ideia de uma luta dicotômica entre o bem e o mal, entre Deus e o demônio é muito presente nas páginas do Legionário, como podemos ver por este trecho do mesmo artigo de 1 de janeiro de 1944, mencionado acima:

Vamos antes de tudo aos grandes interesses da Igreja. O católico deve ter uma visão universal. Interessa-o sobretudo o que pode afetar a glória de Deus. Os grandes problemas de que decorre a estruturação do futuro, de que depende a tremenda questão - será uma genuína Cristandade, um reino de Cristo, o mundo de amanhã? Ou será o reino

do demônio – esses grandes problemas se decidem na confusão dos campos de batalha e nos mistérios das chancelarias. Ciosos antes de tudo e acima de tudo, da salvação das almas e para eles que convergiu [...] nossa atenção.

É compreensível que em nossa sociedade essencialmente laica, naturalista e materialista, cause estranheza essa constante vinculação de ideias políticas e sociais a temas religiosos, filosóficos e metafísicos. Essa ideia era mais comum do que podemos imaginar à época em que o *Legionário* era publicado.

Exemplo disso podemos ver na primeira reunião entre o presidente Roosevelt, Stálin e Churchill em Teerã, em novembro de 1943, quando em suas palavras o primeiro ministro britânico dirigindo-se ao “Marechal Stálin” dizia que acreditava “que Deus está do nosso lado. Pelo menos, fiz tudo que podia para fazer dele um aliado fiel”, ao que o líder soviético respondera: “E o demônio está do meu lado. Pois todos sabem, é claro, que o demônio é comunista e que Deus, sem dúvida, é um verdadeiro conservador” (REES, 2009, p. 569)

Com efeito, o comunismo soviético foi muito duro com as religiões. Em 1939 não havia nenhuma igreja católica na URSS, existindo apenas uma igreja subterrânea. O mesmo ocorria com a igreja ortodoxa russa, a primeira do mundo em 1917, não conseguiu resistir no final dos anos 30 face a tantas ondas de perseguição (CHÉLINI, 1983 p. 42). Face a estes acontecimentos e ao estado deplorável dos cristãos de todas as confissões, o Papa Pio XI, em sua encíclica *Divini Redemptoris*, de 19 de março de 1937, condena publicamente o comunismo e preparar uma outra condenação explícita do nazismo.

Essas condenações realmente vieram. Os papas desse período não ficaram silenciosos quanto a esses movimentos que foram discernidos como contrários à doutrina católica.

Para compreender a irreconciliável inimizade entre o nazismo e o cristianismo é convivente citar alguns episódios históricos que revelam a origem do nazismo.

Os católicos há séculos foram minoria na Alemanha, pois dois terços dos alemães eram protestantes. Otto von Bismark, estadista prussiano, e primeiro ministro de Guilherme I, imperador da Alemanha, principal artífice da unificação desse país germânico em 1871, tinha desencadeado uma grande perseguição aos católicos. Padres foram expulsos, paróquias fechadas, bispos presos. O mesmo efeito de perseguição aos jesuítas se deu em terras alemãs neste período. Hitler conhece sua

ascensão e futura tomada do poder, nesta conjuntura anticlerical e anticatólica (TORNIELLI, 2002 p. 78-79).

Em 1933, Hitler assume o cargo de chanceler do *Reich*² do presidente Hindenburg, poder que se tomou proporções muito maiores, em 1934, com a morte do presidente alemão, ocasião em que Hitler passa a acumular as funções de presidente e chanceler.

Em novembro de 1936, na segunda página do número 219 do Legionário, seu diretor assim previa o conflito bélico que estava por vir: “Dentro em pouco – e só os cegos podem contestá-lo – virá um dilúvio internacional: a guerra mundial está a bater às portas da civilização do Ocidente. Depois desse dilúvio o que ficará [...]?” (OLIVEIRA, 1936, p. 2). E de fato, em 1 de setembro de 1939, o exército alemão invade a Polônia dando início à Segunda Guerra Mundial (MATTEI, 1997, p. 80 e 90).

LEGIONARIO

UNIDADE NACIONAL

A unidade nacional é coisa por demais preciosa e por demais complexa, para que della possamos traçar uma apologia completa, dentro do estreito quadro de um artigo de fundo.

Mas a viagem de alguns paulistas eminentes ao Norte do País, veio por em foco as relações de São Paulo com a Federação. E nós não queríamos perder esta oportunidade de, ao menos a “vol d’oiseau”, examinar a questão do separatismo.

* * *

Se somos catholicos, estamos na obrigação de raciocinar, em tudo e por tudo, como filhos da Igreja. Quer isto dizer que devemos tirar de nossa doutrina religiosa todas as consequências que ella comporta, ainda que uma ou outra destas consequências se choque com velhas prevenções ou enraizadas preferencias politicas.

Isto posto, vamos examinar os dados que nossas convicções re-

Duvidaríamos nós em fazer qualquer sacrificio para obter aquillo que arranca a bondade divina o proprio Sacrificio do Calvario?

Haverá, para nós, neste mundo, coisa mais nobre, a que nos incite com maior vehemencia a sinceridade de nossos sentimentos catholicos, do que a salvacao das almas?

Evidentemente. não.

* * *

Mas, dir-se-á, isto tudo está muito bem para os individuos, mas é inapplicavel ás nações. O fim da Igreja é de salvar almas. Foi para isto, que o Salvador a instituiu. Quanto ao Estado, seu fim é meramente terreno. Erigir o Estado em instrumento de apostolado seria arrancar-o á esphera natural de sua actividade. Mais ainda: seria invadir com a mão perigosa e prepotente de Cesar, a esphera espiritual da Igreja.

O sophisma é grosseiro e, ho-

cuidade em responder.

A Europa e os Estados Norte-Americanos estão a braços com problemas tremendos. Dentro em pouco — e só os cegos podem contestá-lo — virá um dilúvio internacional: a guerra mundial está a bater às portas da civilização do Occidente. Depois deste dilúvio, o que ficará da velhissima Asia, da Europa agonizante, da America do Norte precocemente arrastada a uma crise mortal? Ninguem pode dizel-o. Mas o que é certo é que, á margem deste mundo corrompido e destruido, ficará, virtualmente intacta, a America Latina. E é de suas entranhas, que terá de brotar a nova civilização.

Se esta civilização for catholica, apostolica e romana, estará firmada a humanidade, por muitos seculos, nos caminhos de Deus. Se ella não for catholica, quem poderá prever em que erros despenhará a humanidade?

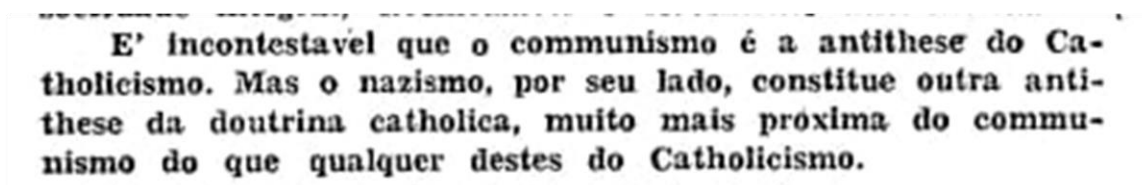
* * *

Figura 2 - Fac-símile do artigo Unidade Nacional

² *Reich*, palavra alemão que significa “reino”, é usada nesse contexto histórico para designar a República alemã. O governo nazista será conhecido também como o Terceiro *Reich*.

Esse é o cenário diante do qual a linha editorial do Legionário se posiciona ao combater o comunismo e nazismo como visões diametralmente oposta à católica:

É incontestável que o comunismo é a antítese do catolicismo. Mas o nazismo, por seu lado, constitui uma outra antítese da doutrina católica, muito mais próximo do comunismo do que qualquer destes do catolicismo. (OLIVEIRA, Legionário, nº 315, 1938)



E' incontestável que o communismo é a antithese do Catholicismo. Mas o nazismo, por seu lado, constitue outra antithese da doutrina catholica, muito mais próxima do communismo do que qualquer destes do Catholicismo.

Figura 3 - *Fac-símile de trecho do artigo citado acima.*

O Legionário cresce e se desenvolve sempre com o apoio do episcopado paulista. Primeiramente com os auspícios de Dom Duarte, e após sua morte o novo arcebispo Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, não apenas reforça o apoio dado à grupo do Legionário, mas nomeia seu diretor, Plinio Corrêa de Oliveira como Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica, uma espécie de órgão que reunia as diversas associações de leigos católicos atuantes na arquidiocese, o que incluía as Congregações Marianas.

Ao assumir essa missão, Plinio Corrêa de Oliveira descreve seu programa de ação nas páginas do Legionário, em 17 de março de 1940, nº 392:

O nosso programa resume-se num lema que aceitamos com entusiasmo, porque é nos ditado pela própria natureza das coisas, estabelecida pela Providência. É o dístico que se encontra no brasão de armas do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano: 'para que todos sejam um'. (OLIVEIRA, 1940).

Unum Sint”

Nosso programma se resume em um lema que aceitamos com entusiasmo, porque nos é dictado pela propria natureza das coisas, estabelecida pela Providencia. E' o distico que se encontra no brazão de armas do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano: "para que todos sejam um".

Figura 4 – *Fac-símilee do artigo Unum sint, mencionado acima.*

Após a morte de Dom José Gaspar, o Legionário conheceu o início de seu declínio. O novo arcebispo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, tinha uma visão oposta à do Legionário e começou a grande mudança que ele realizou na arquidiocese de São Paulo. Tais posições e ações, prepararam a abertura que posteriormente foram decisivas na vida da Igreja e que circundaram uma visão eclesiológica que desembocariam nas correntes progressistas que hoje vigem na Igreja pós-conciliar.

Essas novas ideias não podiam coexistir com a visão tão fortemente ultramontana e conservadora do Legionário e assim, toda a equipe redatorial foi dissolvida, novos nomes entraram, novas visões, novas ideias. Plinio Corrêa de Oliveira foi afastado em 1947, e em 1956 morria o Legionário e nascia o novo órgão oficioso da Arquidiocese intitulado O São Paulo, publicado até nossos dias.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO: CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEITOS

A fim de contextualizarmos a Análise do Discurso como método de estudo, sobre a qual fundamentamos essa pesquisa, convém apresentar sua origem e inspirações. Dominique Maingueneau indica ser muito difícil trazer uma linhagem dos fundadores da AD, ainda que cita a grande influência para o início do caminho da AD, como E. Goffman, L. Wittgenstein, M. Foucault e M. Bakhtin, e precisa que, não obstante essas influências, nenhum deles abrangeu os campos da atual Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 2015 p. 15)

Atribui-se ao linguista distribucionalista Zellig S. Harris (1909-1992), a utilização do termo “análise do discurso” pela primeira vez, em seu artigo “*Discourse Analysis*”, no qual o autor apresentava o discurso como sendo uma unidade linguística de frases, numa perspectiva estruturalista, no qual a análise era uma decomposição da estrutura do texto. Proposição a qual, segundo Maingueneau, estava longe das problemáticas atuais da Análise do Discurso. (MAINGUENEAU, 2015 p. 15).

A formação da ANÁLISE DO DISCURSO não é de modo algum um caminho linear, mas compreendida como uma metodologia de análise de texto ela tem sua origem na França, nos anos 60, mesmo não sendo ainda um projeto unificado. Diversas correntes participavam do estudo do discurso, tais como Hymes, Gumperz e Garfinkel, os quais, se bem faziam parte de correntes diversas e divergentes partilhavam o mesmo espaço de pesquisa (MAINGUENEAU, 2015 p. 17).

A Filosofia trouxe aportes à ANÁLISE DO DISCURSO com sua preocupação com a questão da linguagem. Michel Foucault, com sua obra *A arqueologia do Saber*, teve influência sobre a ANÁLISE DO DISCURSO francesa. A reflexão sobre o discurso enriqueceu-se com as contribuições filosóficas e da linguística. M. Pêcheux, é o responsável por trazer a Análise do Discurso as suas características fundamentadas no marxismo de Althusser, na psicanálise de Lacan na linguística estrutural. Essa tripla contribuição de Pêcheux aporta à AD, sendo Maingueneau (2015, p. 19) o seu caráter ideológico, político e psicanalítico, pelo qual o processo mesmo da análise de um discurso visa revelar a ideologia dissimulada no discurso. Após os primeiros anos

da AD, abre-se a conceitos de correntes pragmáticas, como as teorias da enunciação e da linguística textual que auxiliaram na abordagem de corpora variados.

2.2 DISCURSO E INTERDISCURSO

O principal objeto da Análise do discurso é o discurso, que é a palavra em movimento, mobilizando estruturas “de outra ordem” (MAINGUENEAU, 2016, p. 58) através do qual é permitido observar o indivíduo falando. O discurso é a ponte entre o homem e seu meio social, construindo socialmente o sentido no interior das práticas sociais determinadas que é obra de indivíduos inseridos contextos sociais variados.

Para Maingueneau (2015, p. 26-28) o discurso é uma unidade particular carregada de sentido e aparelhada por recursos linguísticos; o discurso é uma organização além da frase, é uma forma de ação, é interativo, é contextualizado, é assumido por um sujeito, é regido por normas, é assumido no bojo de um interdiscurso, construindo o seu sentido, como dito acima, num dado contexto social.

Ao mencionar o interdiscurso como sendo o contexto em que o discurso adquire sentido, Maingueneau (2015, p. 28) indica que para a interpretação do enunciado, por menor que seja, é preciso relacioná-lo a outros tipos de enunciados. Nessa perspectiva, Maingueneau (2008a, p. 15) afirma que o primado do interdiscurso tem uma dupla significação. A primeira defende que um discurso só é compreendido em função de outros discursos, e a segunda diz respeito a própria composição do discurso, de modo que a sua constituição não é separada dos outros discursos mas se produz no próprio interdiscurso.

Nesse sentido, podemos compreender a tríade apresentada por Maingueneau (2008a, p. 16) relativa ao Interdiscurso como sendo composta pelo Universo Discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Primeiramente, a noção de universo discursivo é um conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa dada conjuntura. É um conjunto finito, mas irrepresentável que especifica os domínios suscetíveis de serem estudados: os *campos discursivos*.

Assim, Maingueneau (2008a) classifica os campos discursivos como um conjunto de FDs que se encontra em concorrência (embate, debate, aliança, neutralidade) entre discursos que possuem a mesma função social, mas divergem do modo pelo qual ela deve ser constituída. Esse conceito pode ser exemplificado pelo

discurso jornalístico que trata de questões de cunho religioso. O discurso jornalístico, ao passo que apresenta a notícia o fato, geralmente o faz e—propondo diferentes visualizações e posições ideológicas ou sociais.

Já o espaço discursivo é um subconjunto de formações discursivas que o analista destaca como hipóteses feitas por ele. Valemo-nos novamente do exemplo do discurso jornalístico; nele pressupõem-se estarem presentes os discursos de neutralidade, de investigação, de credibilidade. O reconhecimento do primado do interdiscurso possibilita a construção de “um sistema no qual a rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincida com a definição das relações desse discurso com seu Outro”. (MAINGUENEAU, 2008a p.35-36).

No espaço discursivo, não é possível localizar o Outro por meio de uma materialidade linguística. Também, este não se encontra no “fora”, externo ao discurso. Ele se encontra na essência de um mesmo, clivado em relação a si, portanto, não é autônomo. “É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para construir a própria identidade” (MAINGUENEAU, 2008a p. 37). Daí o caráter dialógico do enunciado do discurso.

A partir dessas reflexões de Maingueneau (2008a), podemos afirmar que o *corpus* escolhido para esta pesquisa fundamentada pela Análise do Discurso é atinente ao discurso jornalístico, já que se trata de recortes de artigos jornalísticos do semanário Legionário da Arquidiocese de São Paulo, tendo, entretanto, uma forte relação de interdiscursividade com formações discursivas relativas ao discurso religioso.

O estudo do interdiscurso revela também a figura do Outro no discurso, que se dá justamente pela heterogeneidade mostrada (explícita), que pode ser demonstrada a nível linguístico (citações, intertextos) e a heterogeneidade constitutiva (implícita), apresentadas por Authier-Révuz que representa uma profunda relação entre o Mesmo e o Outro, numa conjunção de várias vozes no discurso. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 32).

2.2.1 O Discurso e Religião

Levando em consideração que o teor do discurso jornalístico presente no *corpus* utilizado como base de análise dessa pesquisa é permeado pela presença de

temáticas de cunho religioso, pensamos ser importante pontuar alguns aspectos da temática religiosa

Toda religião é produtora e inspiradora de discursos variados, pois é pela e na linguagem que ela se manifesta e se desenvolve, produzindo discursos nos quais se pode compreender a junção entre o sagrado e o profano. É por meio da linguagem que o homem conhece e o compreende o seu vínculo com o mundo, inclusive em sua dimensão espiritual e metafísica, sendo o discurso religioso um meio pelo qual o homem constrói a sua espiritualidade.

O termo religião vem do latim, *religere*, que significa “religar”. Chama a atenção a ideia de uma “religação” de algo que, portanto, já estava ligado. Nesta primeira acepção do significado do termo ora estudada, pode-se já, no contexto deste estudo observar uma intencionalidade discursiva remetendo uma ideia de retorno ao *locus* originário de todos os seres humanos: junto à Deus. Religar o homem a seu Criador.

Outras áreas de estudo, como a Sociologia da Religião aborda o tema como um fenômeno social, apresentando-se como uma das mais importantes estruturas institucionais constitutivas de um sistema social de um todo (NASCIMENTO, 1993, 22). Para a Filosofia da Religião, a essência da religião está no sentimento e na intuição, sendo o cristianismo a mais alta manifestação dessa mesma essência.

O estudo atendo da história das religiões, especialmente no Ocidente Cristão, comprova uma influência quase onipresente da religião em todas as áreas da atividade humana. Em todas as áreas da civilização em que se organizaram sociedades, a religião se apresenta como importante componente da estrutura social e institucional, ainda que, na maioria dos casos, diferindo do as organizações sociais, governamentais, etc. (NASCIMENTO, 1993, p. 22).

Atualmente, o uso midiático em recurso muito usado para as organizações religiosas com o propósito de difundir uma ideia, evangelizar, apresentar suas ideias e “vender” seus “produtos” aos “consumidores”, haja vistas as aquisições de canais televisivos, ou locações milionárias em horários nobres na TV, por parte de denominações cristãs as mais variadas. O conteúdo das programações varia e se diversifica, indo de simples transmissões de cultos e celebrações a entrevistas e *talk shows*. Excetuando as meras transmissões de eventos religiosos, geralmente o discurso presente nesses eventos midiáticos são híbridos, havendo uma identidade de gênero religioso e jornalístico. Quando o discurso religioso, discurso constituinte

por excelência (MAINGUENEAU, 2008a, p. 65), usa o suporte de um discurso não constituinte e mundano, como o discurso jornalístico tende a se sobressair sobre esse último, já que a problematização fará prevalecer a aquele sobre esse, como podemos ver no na análise dos recortes no capítulo 3.

2.3 CENAS DA ENUNCIÇÃO

Para Dominique Maingueneau (2008b) a língua não é um mero instrumento de transmissão de informações, mas um objeto interativo da linguagem. Dessa maneira, a encenação no processo enunciativo não é uma máscara, mas uma forma de produção de sentido do discurso. No conceito de cenas da enunciação o termo “cena” já favorece a compreensão da temática ao poder referir-se ao mesmo tempo a um quadro e a um processo (MAINGUENEAU, 2018b). Com efeito, o discurso pressupõe um quadro, que são definidos pelas restrições do gênero, mas também pode gerir esse quadro pela encenação da enunciação.

Desta maneira, todo discurso é com que “encenado”, e serão as cenas da enunciação as responsáveis que farão a composição desse quadro. De forma igual, os sujeitos da enunciação – enunciador e coenunciador – são os responsáveis pela encenação do discurso quando do processo comunicacional. Além de o discurso implicar uma certa situação de enunciação, ele requer, ainda, um código de linguagem e um *ethos* discursivo, responsáveis pela sua legitimação. Nesse caso, o “conteúdo” discursivo, que abarca linguagem e *ethos* é inseparável da cenografia que lhe dá suporte.

Neste contexto, Maingueneau (2015, p. 117-124) apresenta as cenas da enunciação como o contrário de um bloco compacto, e indica que, ao contrário, ela promove uma interação em três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia.

A **cena englobante** equivale ao campo discursivo. Por exemplo, um “santinho” de corrente de oração, pode ser reconhecido pelos coenunciadores como religioso, que se une a um gênero discursivo (**cena genérica**), que é a religiosidade-espiritualidade, e faz emergir cenografias que se diferem de um discurso para o outro. A **cenografia** é caracterizada e construída pelos elementos que compõem a cena de enunciação – textuais e gráficos, por exemplo. A cenografia define, portanto, os “papéis” dos sujeitos da enunciação (enunciador-coenunciador), pois o falante, ao

mesmo tempo em que assume um papel discursivo, implica uma relação não só com o papel discursivo do Outro, mas também com as condições espaço-temporais das quais o discurso emerge.

A cenografia é uma encenação que, mesmo caracterizada em espaços e gêneros distintos, apropria-se das condições necessárias para legitimá-la. Daí a possibilidade de uma jornalista, por exemplo, dirigir-se aos seus leitores como um fiel pertencente a uma confissão religiosa indicando uma posição ética ou moral face a um evento da atualidade que ele notícia.

2.4 ETHOS DISCURSIVO

O conceito de *ethos*, considerado como a imagem que o orador transmitia de si mesmo por meio de gestos, entonações, tem sua origem na Retórica de Aristóteles. Essa imagem do *ethos* na Retórica, é, portanto, em resumo, a imagem que o orador queria passar de si mesmo.

Segundo Aristóteles, o *ethos* é a imagem do orador (enunciador). É por meio dessa imagem que o enunciador persuade seu auditório (coenunciador). Dessa forma, o *ethos* é tratado como um elemento de persuasão controlado pelo orador, que ao mesmo tempo escolhe uma imagem de sua predileção, mas compatível com seu auditório, afim de persuadi-lo e de ganhar sua confiança e causar boa impressão. Assim sendo, pode-se afirmar, de acordo com Maingueneau (2008c, p. 13): que Aristóteles, ao pensar a noção de *ethos*:

[...] pretendia apresentar uma *technè* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduos. A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, então, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo.

Dessa forma, podemos afirmar que na constituição do *ethos* é mobilizado um conjunto de elementos enunciativos. Por exemplo, tom de voz, modulação da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, adornos e outros. Todos esses elementos contribuem para a construção do *ethos* cuja imagem

é destinada ao auditório, que pode ser legitimada ou não nesse processo de enunciação. É na cenografia que o *ethos* se desvela, essa noção, portanto, não pode ser reduzida apenas ao quadro da retórica, porque os elementos constitutivos do *ethos* são, também, enunciativos e discursivos.

O discurso retórico é constituído de três elementos, representado por um triângulo na antiga retórica, a saber, o *ethos*, imagem do orador (enunciador); o *logos*, este pode ser compreendido como o discurso, argumentação, razão, isto é, a palavra, usado pelo enunciador a fim de persuadir seu auditório (coenunciador); e o *pathos*, que está ligado ao auditório e representa as paixões, ou seja, as emoções. Sendo assim, podemos afirmar em Maingueneau (2008c, p.14) que o *ethos*

Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário através do movimento da própria fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de maneira lateral; ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário. Para retomar uma fórmula de Gibert (século XVIII), que resume o triângulo da retórica antiga, “instrui-se pelos argumentos; comove-se pelas paixões; insinua-se pelas condutas”: os “argumentos” correspondem ao *logos*, as “paixões” ao *pathos*, as “condutas” ao *ethos*. Compreende-se, assim, que na tradição retórica *ethos* tenha sido frequentemente considerado com suspeição: apresentado como tão eficaz quanto o *logos* – às vezes até como mais eficaz do que o *logos*, os argumentos propriamente ditos –, desconfia-se, inevitavelmente, que inverta a hierarquia moral entre o inteligível e o sensível, e também entre o ser e o parecer, uma vez que o orador pode mostrar no discurso um *ethos* mentiroso

Ainda que a noção de *ethos* não pôde ser reduzida dentro de um quadro retórico, embora essa noção tenha sido retomada numa perspectiva retórico-pragmática discursiva, aprouve a Maingueneau inscrevê-la numa teoria dentro do quadro da AD, ou seja, em seus estudos, ele concebe uma ideia sobre o *ethos* fora do quadro da retórica aristotélica. O *ethos*, portanto, ganha notoriedade e passa a ser uma categoria constituinte da cena de enunciação. Ele é a imagem do enunciador que emerge no discurso. Não se trata de uma imagem fixa, inflexível, mas plástica e flexível que confere ao enunciador um corpo enunciativo e funciona como um fiador que afiança aquilo que é dito no discurso, buscando a adesão do co-enunciador ao seu discurso.

O *ethos*, portanto, está presente em todos os tipos de discursos, não importa o qual, seja político, literário, religioso, judiciário, publicitário, etc. Está associado a um

estereótipo que pertence a um mundo ético nas diversas camadas sociais. O *ethos* participa da construção de efeitos de sentido que se pode depreender num discurso, que se materializa por meio do texto, ou seja, da materialidade linguística, que seja ele escrito ou oral. O *ethos* já não é mais visto como um elemento de persuasão apenas, mas como um elemento integrante da cena de enunciação.

O *ethos* está associado ao ato de enunciação. Deve-se levar em consideração que os co-enunciadores também engendram representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Assim, o enunciador não tem controle sobre o *ethos*, ainda que tente controlá-lo, a fim de persuadir o coenunciador. Nem sempre o consegue, já que essa imagem abstrata propagada depende de muito mais do que o enunciador pode fazer para isto, assim, o público constrói a imagem do enunciador.

Mainqueneau (2008c) estabelece uma distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*, *ethos mostrado* e *ethos dito*, que mantêm uma relação estrita com o *ethos* efetivo. O primeiro está associado à imagem do enunciador que se constrói na enunciação. O coenunciador, entretanto, não é capaz de prever a imagem desse enunciador, visto que se trata de um processo enunciativo. Dessa forma, podemos afirmar que a enunciação aos poucos toma forma e depende dos elementos ligados ao discurso para conceber o *ethos* dessa instância discursiva.

Já o segundo não depende desse processo enunciativo; trata-se de uma imagem prévia que o coenunciador constrói de seu enunciador antes mesmo que ele produza o enunciado. Sendo assim, compreendemos que o coenunciador tem uma ideia estabelecida quanto ao *ethos* do enunciador, que pode ser infirmada ou confirmada pelos elementos internos do discurso. Mas, também, entendemos que nem sempre é possível prever a imagem do enunciador, principalmente em textos de autores desconhecidos. Contudo, no domínio político ou na imprensa é possível prever tal fenômeno.

Certamente existem tipos de discurso ou de circunstâncias para as quais não se espera que o destinatário disponha de representações prévias do *ethos* do locutor: assim é quando lemos um texto de um autor desconhecido. Mas isso funciona de outro modo no domínio político ou na imprensa “de celebridades”, por exemplo, em que a maior parte dos locutores, constantemente presentes na cena midiática, é associada a um tipo de *ethos* não-discursivo que cada enunciação pode confirmar ou infirmar. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 15-16)

O *ethos* efetivo de um discurso se constrói a partir da interação do *ethos* pré-discursivo, e do *ethos* discursivo ramificados em *ethos mostrado* e *ethos dito*. O *ethos mostrado* refere-se a imagem do enunciador que se constrói ao longo da enunciação, o enunciador não se diz no texto. Diferente do *ethos dito*, o enunciador se diz no texto e evoca sua própria enunciação. Assim, compreendemos, portanto, que a constituição do *ethos* está estritamente ligada também às escolhas linguísticas, conforme pode-se afirmar em Maingueneau: (...) o “*ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente”. Desta forma, segundo Maingueneau, o *ethos*:

[...] é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala; – o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; – é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008c, p.17).

Maingueneau (2008c, p. 16) afirma que o *ethos* pode ser concebido mais ou menos carnal, concreto, abstrato (...), saliente, manifesto, coletivo (...), fixo, convencional (...). Ao explorar a noção de *ethos*, Maingueneau (*Idem*, p. 17) não pretende apresentar uma definição ou um modelo de conceito fechado sobre essa noção, mas sua perspectiva vai além do domínio da argumentação, ou seja, ultrapassa, com muita superioridade, o reducionismo do *ethos* ao quadro retórico, que tratava essa noção apenas como um elemento de persuasão. Ao inscrever o *ethos* no quadro da AD, permite-nos refletir o processo de adesão dos sujeitos a certo discurso.

[...] fenômeno particularmente evidente quando se trata de discursos como a publicidade, a filosofia, a política etc., que – diferentemente dos discursos que relevam de gêneros “funcionais”, como os formulários administrativos e os manuais de instrução – devem ganhar um público que está no direito de ignorá-los ou recusá-los. (MAINGUENEAU, 2015, p. 17).

Ao apresentar a noção de *ethos* discursivo, Maingueneau entende que é na cenografia, ou seja, nesse espaço discursivo, onde ocorre ao mesmo tempo a interação entre enunciador e coenunciador na construção do *ethos*. Mas, também,

compreende que essa noção não se reduz apenas a um conceito de eloquência e/ou de oralidade, menos ainda a noção de Cena de Enunciação.

A instância subjetiva que se manifesta no discurso não se deixa conceber apenas como um estatuto (professor, profeta, amigo...) associado a uma cena genérica ou a uma cenografia, mas como uma “voz” indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado. A retórica tradicional ligou estreitamente o *ethos* à eloquência, à oralidade em situação de fala pública (assembleia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 17).

Maigneueau (2008c, p. 18) afirma que todo texto tem uma vocalidade que se manifesta em uma multiplicidade de tons. Entretanto, ele emprega o termo “tom” que tem a vantagem de valer tanto para o oral quanto para o escrito. Sendo assim, todo texto escrito tem um “tom”. Este atua na construção de um corpo de uma instância subjetiva que desempenha um papel de fiador, responsável por afiançar tudo que é dito no discurso. O coenunciador, por sua vez, participa da construção desse corpo discursivo, a partir de acervos mentais estereotipados em sua memória discursiva. Ele passa formar a imagem do fiador, valendo-se de representações sociais, que podem ser avaliadas como negativas ou positivas. Esse processo de adesão é denominado de “incorporação”.

É nessa perspectiva que esse autor apresenta o primeiro plano de análise, denominado de *fiador*, apreendendo, portanto, uma concepção mais

[...] “encarnada” do *ethos* [...]. Esse *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligados ao “fiador” pelas representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica... (MAINGUENEAU, 2008c, p.18).

Maingueneau ainda evoca mais um plano de análise do *ethos*, denominado de incorporação. Este está relacionado ao processo de adesão, ou seja, a maneira como que o coenunciador adere ao *ethos* do enunciador. Dessa forma, pode-se afirmar que o coenunciador não adere a uma ideia, mas a uma imagem, ou melhor, ao *ethos*, ao fiador do discurso. Podemos, portanto, afirmar que a adesão acontece quando o coenunciador vê no enunciador um corpo vestido de representações sociais estereotipadas positivas, ou seja, ele enxerga nesse *ethos* a imagem de um dos seus, isto é, de um fiador que pertencem sua comunidade discursiva. Essa concepção atua sob três registros:

- a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe dá corpo;
- o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso.

É importante notar que na Análise do Discurso o enunciador deve legitimar o dito, e para isso, ele atribui a si mesmo uma posição institucional, além de exteriorizar-se como uma voz e um corpo, daí falar-se em duas faces do enunciador. Por isso, compreendemos o porquê a noção de *ethos* está intimamente ligada à cena de enunciação.

Dominique Maingueneau ao fazer um espécie de retorno crítico sobre o *ethos*, como ele mesmo chamou (2016 p. 13-33), constata que há dificuldades na operacionalização sobre a problemática do *ethos* na Análise do Discurso e propõe uma análise mais precisa de *ethos*, centrando-o na relação entre *ethos* dito e *ethos* mostrado e nas estratégias que os destinatários precisam usar para atribuir um *ethos* ao enunciador.

Maingueneau chama a atenção para o fato de que raramente considera-se o discurso em toda sua diversidade, já que a definição que se dá de *ethos* depende em grande medida dos gêneros de discurso que estudamos.

A concepção do *ethos*, segundo Dominique Maingueneau (2016 p. 14) é marcada por um processo pelo qual:

[...] o destinatário tem construído a figura de um fiador dotado de propriedades físicas (corporalidade) e psicológicas (caráter) apoiando-

se em um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. O poder de persuasão de um discurso toma em grande medida, o fato de que ele incentiva o destinatário a se identificar ao movimento de um corpo, mesmo que muito esquemático, investido de valores historicamente especificados. As “ideias” criam a adesão do leitor através de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. (MAINGUENEAU, 2016 p. 14)

Essa concepção de *ethos* é demonstrada por meio da noção de incorporação, a qual realiza três funções: em primeiro lugar a enunciação confere corporalidade ao fiador; por sua vez o destinatário (coenunciador) assimila por meio da enunciação um conjunto de esquemas, que são na realidade uma maneira específica de se relacionar com o mundo; isso permite a constituição de um corpo, de uma comunidade imaginária formada pelos que aderem a esse discurso. Essa adesão a um discurso pressupõe a existência de um *mundo ético* cujo fiador é partícipe. Esse mundo ético evolve a concepção de situações características relacionadas a estereótipos específicos, tais como o do jornalista católico, cujo mundo ético é relativo a uma pessoa honesta, moralista, religioso etc.

Buscando dar uma nova contribuição à temática do *ethos* discursivo em uma de suas mais recentes abordagens do assunto (2016 p. 15) Maingueneau propõe a atribuição de três dimensões ao *ethos* discursivo: a dimensão “categórica”, relativa ao que ele chama de papéis discursivos, como animador, contador de histórias, pregador, que tem relação com atos da fala; e os estatutos extradiscursivos que podem ser de naturezas tais como pai de família, funcionário, médico, brasileiros, solteiros etc. Outra dimensão é a “experimental” é justamente a que abrange as características próprias do mundo ético, mencionadas acima, por exemplo: bom senso, dinâmico, etc. Por fim, a terceira dimensão é de caráter “ideológico” é atinente ao posicionamento dentro de um campo. No campo político por exemplo: feminista, de esquerda, conservador, etc. No campo literário poderia ser o romântico, naturalista etc.

Nessa nova visualização sobre o *ethos* apresentada por Maingueneau cada uma dessas dimensões interage fortemente entre si, dessa maneira um jornalista (dimensão categórica) é conhecido como um profissional combativo (dimensão experimental) quando apresenta suas opiniões de cunho religioso-católico-conservador (dimensão ideológica).

As atribuições de cada dimensão já são previamente direcionadas e as análises conduzidas muito em função dos corpora escolhidos, mas essa construção do *ethos* é uma tarefa muitas vezes incerta, a não ser que haja um corpus chamado por Maingueneau como “privilegiado”, que são por exemplo, os textos publicitários, literários, científicos, políticos etc, dentro do qual se inclui o *corpus* da presente pesquisa.

3. ANÁLISE DO CORPUS: LEGIONÁRIO

Este capítulo é dedicado à análise do corpus, o qual é composto por recortes de artigos de Plínio Corrêa de Oliveira, diretor do semanário Legionário, na sessão Sete Dias em Revista, considerando a proposta de examinar o gênero do discurso jornalístico e a constituição do *ethos* discursivo nos artigos destacados.

Os referidos artigos do Legionário, conforme mencionado, serão analisados à luz da Análise do Discurso de linha francesa, nas abordagens de Maingueneau que, na atualidade, amplia a noção de *ethos*, ao considerá-lo inerente ao discurso. A abordagem do gênero de discurso abrange o tema, a estrutura composicional e as marcas linguísticas, características do estilo do jornalístico. E, como todo discurso implica a existência de um sujeito, buscamos desvelar o *ethos* discursivo, ou seja, a forma como se produz a imagem do enunciador nas interações que se compõem o funcionamento dos discursos que analisaremos.

Devido ao seu caráter histórico e repleto de significação de uma época, os artigos do Legionário que compõem o *corpus* dessa pesquisa, do ponto de vista da AD, são um terreno fertilíssimo para a análise sobre a constituição do *ethos* e de sua relação o universo católico apresentado pelas páginas de um jornal da metade do século XX, possibilitando-nos perceber as origens do pensamento dos editores do Legionário e sua visão de Igreja Católica no contexto social da época. Por essa razão, consideramos como critério de análise os mecanismos linguístico-discursivos, que o enunciador utiliza na legitimação do seu dizer no campo jornalístico-religioso.

No período em que formam publicados os números do Legionário, ora analisados, constatamos que os artigos selecionados tratam de uma gama variada de assuntos, de relevância não meramente religiosa, ainda que todos sob o prisma e visão católicos ultramontanos. Não obstante essa variedade temática, nota-se, como se verá, uma característica comum, que poderia ser apresentada como uma busca por adequar o mundo ao ideal cristão-católico, por meio da qual, todas as ações humanas devem ser pautadas e toda atividade humana deve submeter-se. A guisa de exemplo, mencionamos a coluna “Orientação Moral dos Espetáculos”, publicado em cada edição do semanário, com indicações e filmes e peças de teatro, com a devida classificação indicativa aos leitores, indicando se o espetáculo era A (aceitável), B

(bom, filme que pode ser visto por todos com proveito moral), AMC (aceitável menos para crianças, filme que pelo enredo ou cenas pode impressionar o público infantil), BPA (bom para adultos, filme que pode ser visto com proveito moral tão somente por adultos), APA (aceitável para adultos, filme que pode ser visto tão somente por adultos, embora sem proveito moral, R (restrito, filme que por seu enredo ou cenas deve ser estritamente reservado a pessoas de sólida formação moral e religiosa, D (desaconselhado, filme que pela grave inconveniência do enredo ou cenas, deve ser evitado por qualquer público e M (mau, filme prejudicial para qualquer público).

Havia também de classificados, com por exemplo a sessão “indicador profissional”, além de sessões mais leves como a de receitas de bolo, e outros pratos.

TEATROS E CINEMAS

PROGRAMAS DE HOJE

PRIMEIROS EXIBIDORES

ART PALACIO — Guadalcanal, com Preston Foster. — *AMC.*
BANDEIRANTES — Mania de antiguidades, com Jack Benny. — *APA.*
BROADWAY — A mulher fera, com John Carradine. — *AMC.*
IPIRANGA — A estranha passageira, com Bette Davis. — *D.*
METRO — Lily, a teimosa, com Jury Garland. — *D.*
OPERA — Paris era assim, com Ann Devorak. — *APA.*
PEDRO II — Sina do jogador, com James Graig. — *D.*
 Desfiladeiro perdido, com William Boyd. — *AMC.*
RITZ — A vitória pela força aérea, desenho de Walt Disney. — *A.*

SEGUNDOS EXIBIDORES

ALHAMBRA — Salve-se quem puder, com o Gordo e o Magro. — *AMC.*
 A canção de Dixie, com Bing Crosby. — *D.*
ASTORIA — Az da morte, com Eric Portmann. — *AMC.*
 Traidor traído, com Ose Masezi. — *APA.*
AMERICA — Casa de loucos, com Olsen e Johnson. — *APA.*
 Cupido é moleque teimoso, com Gari Grant. — *R.*
AVENIDA — Estrada proibida, com Robert Taylor. — *APA.*
 Impondo a lei, com William Boyd. — *AMC.*
BABILONIA — Palheta da vida, com Monty Wooley. — *APA.*
 As portas do inferno, com Robert Taylor. — *APA.*
BRASIL — Em cada coração um pecado, com Ann Sheridan. — *R.*
 Felizes para sempre, com Ann Ruthenford. — *APA.*
BRAZ POLITEAMA — Carmem, com Nini Marshall. — *APA.*
 O falcão em perigo, com Tom Comway. — *AMC.*
CAMBUCI — Fogo sagrado, com Spencer Tracy. — *APA.*
 Tempestade de ritmos, com Lena Horne. — *R.*
CAPITOLIO — Em cada coração um pecado, com Sheridan. — *R.*
 Ela é da pontinha, com Jinx Falkenburg. — *R.*
CARLOS GOMES — Ladrões roubados, com Stan Laurel. — *APA.*
 Herança inesperada, com Weaver Brothers. — *A.*
CASA VERDE — Indomável, com John Wayne. — *R.*
 Falso delegado, com Tim Holt. — *AMC.*
CINEMUNDI — O tesouro de Tarzan, com Johnny Weismuller. — *APA.*

Figura 5 - Fac-símile de recorte da sessão “Orientação Moral dos Espetáculos”

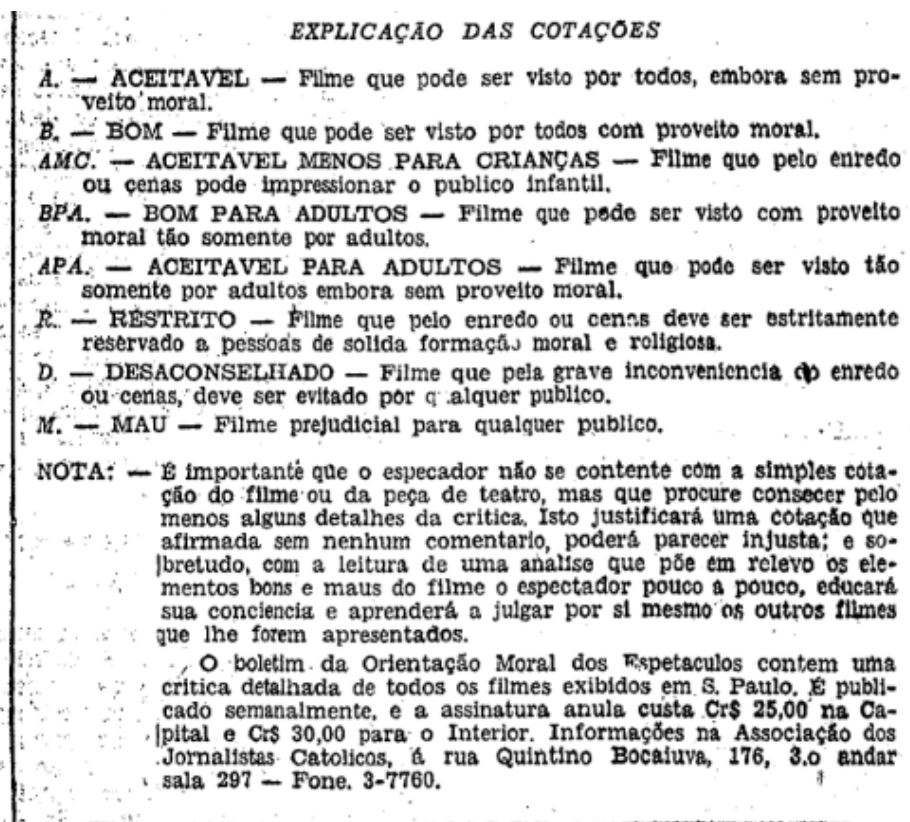


Figura 6 - Fac-símile de recorte da sessão "Orientação Moral dos Espectáculos"

3.1 A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO NOS ARTIGOS DE PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA NO LEGIONÁRIO

No capítulo 1 apresentamos e contextualizamos o semanário Legionário, ação indispensável para uma adequada compreensão de seu papel na sociedade paulistana, maciçamente católica e ainda muito influenciada pelos ventos vindos da Europa cristã.

Numa análise histórica do Legionário podemos concluir que a atuação desse semanário passou, por assim dizer, por três fases distintas. De 1927 a 1937, o periódico era apenas o órgão oficial da Congregação Mariana da Paróquia de Santa Cecília, dirigido por Mons. Marcondes Pedrosa. Quando Plinio Corrêa de Oliveira assume a sua direção, em 1933, inicia-se a segunda fase, que vai até a 1947, quando toda a equipe editorial é substituída por outros componentes, iniciando a terceira que veria o ocaso do semanário em 1954 e o nascimento do novo O São Paulo, publicado até nossos dias.

Os argumentos manifestados em cada artigo de Plínio Corrêa de Oliveira, no *Legionário* revelam um ponto de vista do periódico e buscam uma interação com os coenunciadores, que se são parte interessados nos posicionamentos do semanário, que indica rumos, apresenta uma visão sobre os acontecimentos da atualidade e os situa face à posição católica que devem ter.

Como vimos, os temas tratados pelo *Legionário* sempre tiveram uma nota muito clara sobre os acontecimentos e os fatos noticiados. Dr. Adolpho Lindemberg em entrevista concedida ao autor dessa pesquisa comentava que:

O *Legionário*, diferentemente das demais publicações católicas que surgiram depois, inclusive *O São Paulo*, jornal da Arquidiocese de São Paulo que substituiu o *Legionário* após 1956, sempre se posicionou sobre tudo, e uma posição católica e conservadora. Nós nos posicionávamos até sobre os trajes utilizados na época, sobre o modo de falar, até os mais elevados e complexos como a política internacional, sempre tendo como funde quadro a Igreja Católica.

Quanto ao tipo de discurso, trata-se evidentemente do jornalístico com uma sutil relação ao discurso religioso já que a temática de fundo será sempre relacionada com as práxis e a doutrina teológica e social católicas. Isso é devido ao fato de o corpus ter uma caráter jornalístico-religioso não oficial, já que não emanam de órgãos oficiais da Igreja Católica, mas tão somente de um órgão de imprensa oficioso da Arquidiocese de São Paulo.

Embora o texto tenha sido produzido por um indivíduo munido de autoridade, com líder católico, diretor de um jornal ligado a uma entidade católica, o coenunciador pode ser um individual não relacionado a este meio e, portanto, fora deste mundo ético, uma vez que a temática tem caráter informativo além de formativo no tocante as admoestações e indicações de conduta.

Vale ressaltar que o discurso usa uma voz ativa com evidente personalidade, mas com uma clara expressão de normatização dogmática, uma vez que sempre recorre num mecanismo de interdiscursividade a uma autoridade superior à do enunciador, que será por vezes “a Santa Igreja”, “o Sumo Pontífice”, “os bons costumes”, “a moral”, “Maria Santíssima” etc.

Por fim, antes de passarmos à análise dos artigos selecionado, apresentados na íntegra, e em recortes para uma melhor análise, é preciso lembrar que a Análise do Discurso foi escolhida como aparato teórico pertinente, pois cremos que essa

disciplina contribuiu sobremaneira para a elucidação do processo de constituição do *ethos* discursivo no presente *corpus*.

Como vimos no capítulo 2, a interdiscursividade pressupõe a presença de um outro no discurso que se dá justamente pela heterogeneidade mostrada (explícita), que pode ser demonstrada, por citações, intertextos etc, e a heterogeneidade constitutiva que é implícita, que representa uma profunda relação na conjunção de várias vozes no discurso, o que se percebe muito claramente nas amostras abaixo, uma vez que emerge do discurso numa clara relação de interdiscursividade, por exemplo no que diz respeito a um dos principais temas tratados pelo Legionário: o nazismo.

Hoje, esse monstruoso evento histórico, conhecido de sobejo por todos, foi vivenciado dia a dia pelos espectadores atônicos nos anos 30 e 40. Com efeito, entre 1929 e 1947 foram publicados no Legionário nada menos que 2.936 artigos contra o nazismo e o fascismo. Dentre esses 447 foram da lavra de Plínio Corrêa de Oliveira. Como indicador da visão histórica do Legionário e sua postura face ao nazismo e ao fascismo, grande parte destes escritos foram publicados antes da Segunda Guerra Mundial, e, antes mesmo da principal encíclica pontifícia, a *Mit brennender Sorge*, no qual o Papa Pio XI condena abertamente o nazismo. Esse era um momento em que havia muita confusão nas mentes e nada de clara ainda estava definido quanto a um consenso contra o nacional socialismo alemão.

Na perseguição antirreligiosa hitlerista, o Legionário viu mais que um aspecto accidental e meramente político do Terceiro Reich, mas o discurso do semanário era com vistas a indicar uma lógica de visão do mundo antitética à católica, como podemos ver no recorte abaixo³:

RECORTE 1: “Genealogia de monstros” - Legionário, nº 302 (26 de junho de 1938).

O **protestantismo produziu na Alemanha** um processo evolutivo de ideias filosóficas e factos político-sociais, que, paralelamente ao liberalismo e em aparente antagonismo com este, gerou com uma lógica de ferro (verdadeira **se não fossem erradas as suas premissas**) o nazismo. (...) **O nazismo é o resultado de uma evolução profunda**, a sua política anti-religiosa faz parte integrante do seu pensamento, e esse pensamento é tão visceralmente antirreligioso, que eu não teria espanto maior com a conversão da maçonaria em associação de piedade, do que a transformação do

³ A íntegra desse e dos demais artigos analisados nesse capítulo pode ser consultada no apêndice do presente trabalho.

Partido Nazi em baluarte dos ideais católicos na Europa Oriental.
(OLIVEIRA, Legionário nº 302, 1938, *Grifo nosso*)

Vê-se neste recorte acima uma visão muito diferentemente da busca por uma conciliação ecumênica entre as religiões especialmente entre as cristãs, que foi um dos principais corolários da política da abertura religiosa pós-conciliar. O discurso do Legionário na voz de seu enunciador encontra no coenunciador a repercussão da noção da forte vinculação das razões do surgimento do nazismo aos efeitos produzidos na Alemanha por séculos de protestantismo, e, portanto, da diminuição da influência católica no país germânico.

Em todo discurso do Legionário, reconhecemos na constituição do *ethos* a figura preponderante de um fiador de grande peso, que no caso de um jornal de inspiração católica, com um forte apelo ultramontano está representando na figura do Sumo Pontífice, cuja autoridade baseada numa infalibilidade dogmática dá suporte às teses do enunciador.

A respeito dos fatos de guerra que se desenrolava na Europa, na rádio mensagem ao mundo, de 24 de dezembro de 1943, o Papa Pio XII indicava que a verdadeira paz não é o resultado de um mero equilíbrio de forças, mas “em seu último e mais profundo significado, **uma ação moral** e jurídica” (Pio XII, 1943, *tradução e grifos nossos*).

Podemos ver nessa afirmação do Pontífice uma postura específica face ao nazismo, o que exerce uma influência muito grande nas produções discursiva deste mundo ético onde se enquadra o Legionário. Em todo o discurso do Legionário representando pelo seu diretor, vê-se um movimento de pôr em guarda seus leitores sobre um misticismo nazista que via ele estar baseado numa rejeição da vida “burguesa” em nome de uma concepção místico-heroica da existência e a evocação das tradições guerreiras da Alemanha e da Europa. Esse modo constituiu um apelo para muitos jovens incapazes de discernir o aspecto sombrio de uma ideologia eivada de paganismo. O diretor do Legionário entendeu que a melhor maneira de vacinar seus leitores e especialmente a juventude contra o “misticismo” nazista, era denunciar os erros dessa corrente filosófica e apresentar uma visão heroica e sobrenatural do catolicismo. Aqui se percebe claramente destacar-se claramente um *ethos* de combatente, de líder beligerante, que está totalmente de acordo com a visão

conservadora católica da época que via na instituição Igreja Católica, como um exército, conhecida no léxico pré-conciliar⁴ como “Igreja militante”.

Muito se falou do silêncio do Vaticano em relação ao nazismo, mas é preciso considerar a importância da Encíclica *Mit brennender Sorge*, de Pio XI, de 14 de março de 1937. Nela é fácil reconhecer um tom e um “timbre” muito parecido ao das páginas do Legionário, como por exemplo quando lemos “que para que a fé em Deus, primeiro e insubstituível fundamento de toda a religião”, permanecesse “pura e íntegra nas regiões germânicas”, eram condenados os erros do nacional-socialismo, afirmando que:

Se a raça ou o povo, se o Estado ou alguma das suas emanações, se os representantes do poder estatal ou outros elementos fundamentais da sociedade humana possuem, na ordem natural, um lugar digno de respeito, quem, contudo, os desprende desta escala de valores terrenos, elevando-os à categoria de suprema norma de tudo, mesmo dos valores religiosos, divinizando-os com culto idolátrico, perverte e falsifica a **ordem criada e imposta por Deus**, está longe da **verdadeira fé em Deus** e de uma concepção da vida conforme a ela. (Pio XI, 1937, *tradução e grifos nossos*).

Assim também, ao ler o recorte abaixo, reconhecemos uma forte relação de interdiscursividade entre o discurso do enunciador e as fontes católicas que o inspiravam.

RECORTE 2: Artigo “Com quem está o Papa” - Legionário, nº 589 (21 de novembro de 1943).

Supremo hierarca de todo o universo, o Santo Padre representa tudo **quanto é divino, supra-terreno, imutável, eterno**. O Papa não tem, pois, “aliados” nem “inimigos”. **O Papa não está com Hitler, nem com Estaline**. O Papa está com Jesus Cristo, com a indefectibilidade, com a eternidade. E **é o Papa que vai vencer**. (*Grifos nossos*)

Podemos ver também na citação abaixo, tirada da radio mensagem de Pio XII, por ocasião do Natal de 1947, a vestígio de interdiscursividade nos discursos pontifícios e nos textos do Legionário, quando o Pontífice afirma que “A nossa posição entre os dois campos oposto é **alheia a qualquer consideração de ordem temporal**. Estar **com Cristo ou contra Cristo**: eis a questão”. (Pio XII, 1947, *grifos nossos*)

⁴ Período anterior ao Concílio Vaticano II, reunião de bispos do mundo inteiro, convocado pelo Papa João XXIII e ocorrido em Roma de 1962 a 1965 e que marcou fortemente a Igreja Católica, no tocante aos seus costumes, regras e sobretudo em sua diretriz pastoral e no relacionamento com o mundo civil e laico.

Fazendo eco aos clamores do Pontífice, Plínio Corrêa de Oliveira viu nas mudanças sociais e política que o mundo passava um processo de dissolução dentro da Igreja Católica, e empregou forças para combatê-lo, mantendo-se sempre na firme convicção de que não haveria salvação fora da união com o Papado. Desta maneira, compreende-se que a produção de sentido em textos como o do recorte acima citado, é clara no tocante à constituição de *ethos* relativo de líder munido de autoridade, já que evoca em seu discurso a autoridade máxima e infalível⁵ da Igreja Católica.

RECORTE 3: Artigo “A guerra e o Corpo Místico”, *in* Legionário, nº 610 (16 de abril de 1944).

É sinal e condição de vigor espiritual, uma extrema susceptibilidade, uma vibratibilidade delicadíssima e vivaz dos fiéis por tudo quanto diga respeito à segurança, glória e tranquilidade do Romano Pontificado. **Depois do amor a Deus, é este o mais alto dos amores que a Religião nos ensina.** (...) *Ubi Petrus, ibi Ecclesia* – onde está São Pedro, aí está a Igreja. De tal maneira a Igreja Católica está vinculada à Cátedra de São Pedro, que onde não há a aprovação do Papa, não há catolicismo. O verdadeiro fiel sabe que **o Papa resume e compendia em si toda a Igreja Católica**, e isto de modo tão real e indissolúvel que, se por absurdo todos os Bispos da terra, todos os Sacerdotes, todos os fiéis abandonassem o Sumo Pontífice, ainda assim os verdadeiros católicos se reuniriam em torno dele. Porque tudo quanto há na Igreja, de santidade, de autoridade, de virtude sobrenatural, tudo isto, mas absolutamente tudo sem exceção nem condição, nem restrição, está subordinado, condicionado, dependente da união à Cátedra de São Pedro. As instituições mais sagradas, **as obras mais veneráveis, as tradições mais santas, as pessoas mais conspícuas, tudo enfim que mais genuína e altamente possa exprimir o Catolicismo e ornar a Igreja de Deus, tudo isto se torna nulo, maldito, estéril, digno do fogo eterno e da ira de Deus, se se separar do Romano Pontífice.** (*Grifos nosso*)

Com a guerra cada vez mais próxima, o discurso do diretor do Legionário incorporava um tom que ia além da mera análise dos fatos, como a maioria dos jornais de todas as épocas. O Legionário passava a ter um tom que é percebido como um *ethos* profético pelos coenunciadores, os quais esperavam encontrar em sua página uma diretriz, uma nova forma de ver e analisar os acontecimentos.

RECORTE 4: Artigo: “*Regina Pacis*”, *in* Legionário, nº 666 (13 de maio de 1945).

⁵ Após o Concílio Vaticano I, os Papas gozam do prestígio da infalibilidade, pelo qual eles não estão misticamente impossibilitados de errar quando se pronunciam em assuntos de fé e moral.

Esta guerra foi sobretudo **uma luta ideológica**, em que se procurou apertar entre as farpas de **um terrível dilema** a opinião católica: **ou nazismo ou comunismo**. Nossa Senhora, que "esmagou todas as **heresias** no mundo inteiro", quis que no mês de Maria se quebrasse uma das pontas: **morreu o nazismo**. Devemos agora pedir-Lhe que quebre a outra ponta, e **esmaque o comunismo**.

Destruído o nazismo e condenado em todo o mundo civilizado, Plínio Corrêa de Oliveira direcionou todas as suas armas para um novo inimigo, o comunismo. Mas, mesmo antes do fim da guerra, e num evidente vestígio de interdiscursividade vemos a fonte das teses difundidas e defendidas nas páginas do Legionário presentes já mencionada Encíclica de Pio XI, da *Mit brennender Sorge*. Nela o Papa condenava solenemente também o comunismo por meio da Carta Encíclica *Divini Redemptoris*, de Sua Santidade Papa Pio XI, aos veneráveis irmãos, Patriarcas, Primazes, Arcebispos, bispos e demais ordinários **em paz e comunhão com a Sé Apostólica**, sobre **o comunismo ateu**.

Usando um tom de combate e de total recusa às ideias provenientes das propagandas nazistas e comunista, a par de citações diretas abundantes, o que denotava a heterogeneidade mostrada, o que mais exercia influência na constituição do *ethos* de influenciador ultramontano era a presença da heterogeneidade constituída, como por exemplo em relação a presença do discurso anticomunista presente em sua pena assim como nas mais recentes encíclicas papais.

Assim, para Plínio Corrêa de Oliveira, assim como o nacional-socialismo, o comunismo representava um grande inimigo continuamente denunciado pelas páginas do Legionário. Por ocasião da Guerra Civil espanhola, o enunciador chama a atenção sobre as mais elevadas razões, contidas no discurso, pelo qual o que está em jogo, quando entra em cena o comunismo é muito mais do que a mera tomada de poder ou a destituição do governo de Alfonso XIII e instauração da república espanhola:

RECORTE 5: Artigo: "Glória a Deus no Céu e paz na terra aos homens de boa vontade" in Legionário, nº 224 (27 de dezembro de 1936)
O que na Espanha se discute, é se o Mundo deve ser **governado** por Jesus **Christo, ou por Karl Marx**. Toda a civilização católica, todos os princípios de moral, todas as tradições, todas as instituições de que se orgulham os ocidentais, desaparecerão irremediavelmente se vencer o comunismo (OLIVEIRA, Legionário nº 224, 1936).

Nos nossos dias muito se fala e pouco se diz, no tocante ao conteúdo histórico, quando lemos e ouvimos aqui e a acolá banalizarem os rótulos de comunistas e fascistas. Mas a íntima relação de dependência entre uma filosofia e

outra nunca foi dúvida no discurso do Legionário que, enquanto Plínio Corrêa de Oliveira foi seu diretor, manteve fidelidade ao modelo cristão de sociedade, e recusou-se a apoiar um ou outro. Nas propostas de mundo do comunismo Plínio Corrêa de Oliveira viu uma concepção diametralmente oposta à católica, assim como considerava o nazismo uma alternativa falsa e perigosa.

E, apesar de o universo católico ao longo do século XX, especialmente após o Concílio Vaticano II, ter aberto suas portas e baldeado de uma compreensão menos rígida em relação às ideias comuno-socialistas ao favorecimento, ou pelo menos, à tolerância à correntes teológicas filo-comunistas como a Teologia da Libertação, o *ethos* discursivo do Legionário foi constituído sobre a clara noção da irrevogável e irreconciliável separação entre catolicismo e o binômio nazismo-comunismo, como podemos ver no recorte a seguir:

RECORTE 6: Artigo: “À margem da crise” *in* Legionário, nº 315 (25 de setembro de 1938):

É incontestável que **o comunismo é a antítese do catolicismo**. Mas **o nazismo**, por seu lado, **constitui uma outra antítese da doutrina católica**, muito mais próximo do comunismo do que qualquer destes do catolicismo. (*Grifos nosso*)

Como é sabido e é bem compreensível de se compreender, o Legionário não era o único eco contra as correntes ditatórias que no início do século XX aterrorizavam o mundo e chocavam o Ocidente cristão. O que havia de diferente no discurso do Legionário era justamente essa posição intransigente face a tudo o que não era o contrário do erro que apontava. A crítica de Plínio Corrêa de Oliveira ao totalitarismo era totalmente diversa da posição individualista e liberal de muitos discursos de sua época. O liberalismo, segundo o diretor do Legionário, nunca poderia constituir uma autêntica alternativa ao nazismo ou ao comunismo. Assim, essa produção de sentido na constituição do *ethos* discursivo nos textos de Plínio Corrêa de Oliveira, eram de certa forma únicos, pois que se apresentava com intransigente e munido de autoridade.

RECORTE 7: Artigo: “A Liberdade da Igreja no dia de amanhã” *in* Legionário, nº 549 (14 de fevereiro de 1943):

Tanto o **erro liberal**, de conceder **liberdade ao bem e ao mal**, quanto o **erro totalitário** de oprimir igualmente o bem e o mal, são graves e **procedem da mesma raiz**. Em presença da Verdade que é a Igreja, tanto o Estado liberal quanto o Estado totalitário tomam uma atitude

idêntica à de Pilatos, perguntando “*quid est veritas*” – “o que é a Verdade?” O agnosticismo, o indiferentismo entre a verdade e o erro, o bem e o mal, é sempre uma fonte de injustiças. **E o católico não pode pactuar**, nem com uma, nem com outra coisa. (*Grifos nosso*) Assim, para o leitor do Legionário configurava-se que uma característica inerente ao católico era ser anticomunista e, portanto, antissocialista.

RECORTE 8: Artigo: “Comunismo” in Legionário, nº 552 (7 de março de 1943):

Quem hipertrofiar o papel do Estado será necessariamente socialista, quaisquer que sejam as máscaras que procure afivelar no rosto. **E o fundo da vertente socialista é o comunismo**. Quem hipertrofiar os direitos do indivíduo ou dos outros grupos será necessariamente individualista, e o fundo dessa vertente é a anarquia. “Da anarquia completa, que seria o nihilismo, ou da anarquia estável e organizada que é o totalitarismo, devemos libertar-nos formando para nós **uma consciência católica vigorosa e firme**, na qual **não haja lugar para complacências para com erros de qualquer jaez**.” (*Grifos nossos*)

Assim estava delineado o *ethos discursivo* do semanário oficioso da Arquidiocese de São Paulo, beligerante, agudo, intransigente em suas ideias ultramontanas e incapaz de compor com qualquer ideia que julgasse contrária à sua fé e moral católicas.

Neste sentido afirma Dr. Adolpho Lindemberg que nos artigos do Legionário:

[...] nós tratávamos sempre de assuntos ideológicos e analisávamos os acontecimentos internacionais – que estava sob minha responsabilidade – sempre em torno da luta do que restava da Civilização Cristã contra o nazismo, o comunismo, etc. Essa postura beligerante não se via em outros periódicos. Para o Legionário era muito claro, o que era bom era bom, e o que era mal era mal.

Não era apenas, portanto, uma posição de consciência, era uma postura que, partindo do enunciador vinculava o enunciatário no ato da própria enunciação, a lutar e combater pelos seus princípios, como podemos ver pelos três recortes abaixo:

RECORTE 9: Artigo: “Pela grandeza e liberdade da Ação Católica”, in Legionário, nº 331 (15 de janeiro de 1939):

Os católicos devem ser anti-comunistas, anti-nazis, antiliberais, anti-socialistas, antimaçónicos, etc..., **porque são católicos**. (*Grifos nosso*)

RECORTE 10: Artigo: “A falsa alternativa”, in Legionário, nº 723 (16 de junho de 1946).

O **socialismo** de hoje, como o **nazismo** ontem, como anteontem o **liberalismo**, ostenta mil faces, sorri com uma à Igreja, ameaça-a com

outra, e discursa contra ela com outra ainda. Contra este novo socialismo, como outrora contra o liberalismo, **a atitude dos católicos** no mundo inteiro, mas sobretudo na Europa, **só pode ser uma: combate decidido, franco, inflexível, destemido. O socialismo** não é um animal selvagem, susceptível de ser domado e domesticado. **É um monstro apocalíptico**, reunindo a falsidade da raposa à violência do tigre. Não nos esqueçamos disto, porque senão os factos acabarão por nô-lo ensinar de modo muito doloroso... (*Grifos nosso*)

Em artigo publicado em 1 de janeiro de 1944, o diretor do Legionário iniciou seu artigo com a afirmação de que “O Legionário nasceu para lugar” (OLIVEIRA, 1940) e com ele nós terminamos este capítulo. Realmente, de 1933 a 1947 a voz do Legionário, alçou ao mais alto posto do jornalismo paulista e brasileiro a bandeira da Igreja e da Civilização Cristã contra os totalitarismos modernos que se apresentavam à época, em todas as suas expressões e variantes. E foi assim que Plínio Corrêa de Oliveira sintetizou o posicionamento do semanário, cujo *ethos* discursivo se desprende estas linhas a seguir:

RECORTE 11: Artigo: “17 anos”, *in* Legionário, nº 616 (28 de maio de 1944).

Antes de tudo, amamos sempre o Pontífice Romano. Não houve uma palavra do Papa, que não publicássemos, que não explicássemos, que não defendêssemos. Não houve um interesse da Santa Sé, que não reivindicássemos com o maior ardor. Nas nossas palavras, graças a Deus, nenhum conceito, nenhum matiz, **que destoasse do Magistério de Pedro** numa só vírgula, numa só linha sequer. **Fomos em toda a linha os homens da Hierarquia**, cujas prerrogativas defendemos com ardor estrénuo, contra as doutrinas, que pretendem arrancar ao Episcopado e ao Clero a direção do laicato católico. **Não houve equívocos, nem confusões, nem tempestades que conseguissem deixar no nosso estandarte a mais leve mácula neste ponto**. Defendemos em toda a linha o espírito de seleção, de formação interior, de mortificação e de ruptura com as ignomínias do século. **Lutamos pela doutrina da Igreja contra os excessos torvos do nacionalismo que dominou a Europa; contra o nazismo, o fascismo e todas as suas variantes; contra o liberalismo, o socialismo, o comunismo** e a famosa *politique de la main tendue*. Ninguém se ergueu em nenhuma parte do mundo contra a Igreja de Deus, que o Legionário (...) não protestasse. Ao mesmo tempo, nunca perdemos de vista a obrigação de alimentar de todos os modos a devoção a Nossa Senhora, e ao Santíssimo Sacramento. **Não houve uma só iniciativa católica genuína, que não tivesse todo o nosso entusiástico apoio**. Nunca a estas portas bateu quem tivesse em mira apenas a maior glória de Deus, sem encontrar colunas amigas e acolhedoras. Há nesta vida um bom combate a combater. Estamos extenuados, sangramos por todos os membros. Foi nesse combate que nos cansamos, que nos ferimos. Em compensação, não ousamos pedir como prêmio senão o perdão de tudo quanto inevitavelmente

tenha havido de falível e de humano nesta obra que deveria ser toda para Deus, só para Deus. (*Grifos nosso*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho iniciou-se apresentando as condições sócio históricas em que se enquadrou o tema tratado, abordando pontos relevantes da complexão conjuntura histórica em que o corpus selecionado foi produzido como edição jornalística. Nesse período que compreendeu as décadas de 30 e 40 do século passado, muitas mudanças de cunho político, social, cultural e religioso, foram responsáveis por uma nova configuração nas relações humanas e o surgimento de um novo mundo, no que diz respeito às ideias e às atividades humanas.

As instituições mais tradicionais resistiram às mudanças ou não as legitimaram, muitas vezes as demonizando em seus discursos. A Igreja Católica, quase duas vezes milenar, com reconhecido status de detentora de autoridade moral, e presente, especialmente no Ocidente, em quase todos os principais acontecimentos históricos nos últimos séculos, esteve também presente nas conturbadas décadas do início do século XX, através de seus membros mais atuantes e representativos. No primeiro capítulo, vimos o surgimento do Legionário e sua atuação como expoente laico da Igreja Católica no Brasil, especialmente em São Paulo. Essa abordagem e apresentação do papel preponderante de uma mídia católica laica na informação e formação de seus leitores se deu por meio de uma reflexão dos diversos temas contextualizados em múltiplas áreas da atuação humana, por meio do discurso jornalístico permeado de aspectos de um universo religioso tradicionalista.

Apresentando o arcabouço teórico sobre o qual baseou-se a presente pesquisa no segundo capítulo abordou a estado da arte acerca das teorias sobre a Análise do Discurso de linha francesa, através das produções de Dominique Maingueneau. Esta apresentação foi fundamental para dar suporte à análise realizada no capítulo terceiro.

Neste último capítulo buscamos apresentar como se deu a constituição do *ethos* discursivo nas páginas do Legionário, e apontamos a vinculação na relação de interdiscursividade das vozes presentes nos discursos. Aplicando as categorias de análises escolhidas, tais como as cenas da enunciação, verificamos a presença dos sujeitos da enunciação – enunciador e coenunciador – como os responsáveis pela encenação do discurso nesse processo comunicacional, onde o *ethos* constituído o

legítima. Vimos, neste processo de produção de sentido e constituído do *ethos* discursivo que o leitor, coenunciador do discurso, num processo de incorporação participa da construção do corpo discursivo, a partir de acervos mentais estereotipados em sua memória discursiva, através da figura do fiador, valendo-se de representações sociais, morais, religiosas, etc.

Assim, para se compreender como se constituiu o *ethos* discursivo, foram examinados os artigos selecionados de Plínio Corrêa de Oliveira, diretor e principal responsável pela linha editorial do Legionário, nos quais ele, através de discurso de caráter jornalístico, mas com claras marcas de religiosidade católica, analisa, comenta, critica e noticia os fatos com a intenção de desvelá-los e apresentá-los sob o prisma de uma autoridade religiosa, ainda que leiga, tratando esses temas com um tom profético e legitimado pelo discurso católico tradicional presente, interdiscursivamente em documentos emanados da autoridade máxima da Igreja Católica, os Papas.

Vimos que os artigos de Plínio Corrêa de Oliveira no Legionário constituem-se como discurso, o qual, embora possa ser identificado como jornalístico, tem coerções do discurso religioso, devido especialmente aos temas e intencionalidade das observações traçadas a partir deles. Nessa pesquisa observamos uma característica muito importante na análise e na busca pela compreensão da constituição do *ethos* discursivo que foi o reconhecimento do status do enunciador, representante de um órgão oficioso de uma arquidiocese, organismo da Igreja Católica, ainda que não falando em nome dessa instituição, e sua relação com os coenunciadores, inseridos, se bem não exclusivamente, em sua maioria na instituição Igreja Católica e suas organizações afins.

O problema que foi objeto dessa pesquisa, presente na pergunta: como se constituiu o *ethos* discursivo no semanário Legionário da Arquidiocese de São Paulo. Em função dessa pergunta foram realizadas pesquisas documentais e pensamos não errar em concluir que o *ethos* discursivo do Legionário é constituído considerando o processo discursivo através interdiscursividade, onde há presença de várias vozes, da incorporação feita pelo coenunciador pela qual dá-se a produção de sentido e a validação do discurso emanado do enunciador.

Uma pesquisa mais aprofundada sobre esse tema, como continuidade natural a essa linha de pesquisa, poderia versar sobre a constituição do *ethos* discursivo católico presente no novo periódico da Arquidiocese de São Paulo, intitulado O São

Paulo, e publicado até nossos dias. Justificaria essa nova pesquisa a compreensão das relações de identidade e dicotomia entre o Legionário e “O São Paulo” e como seus respectivos universos discursivos produziram sentidos junto a seus leitores

REFERÊNCIAS

CAMARGO, P. F. da Silveira. **História Eclesiástica do Brasil**. São Paulo: Vozes, 1955.

CORRIGAN, Raymond. **A Igreja e o Século Dezenove**. Trad. M. A. Nabuco. São Paulo: Agir, 1986.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. São Paulo: Summus, 2004.

HOLANDA, A. Guedes. **Autodestruição da Igreja no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1975.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____; **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____; **A propósito do ethos**. In: MOTTA, R. A.; SALGADO, L. (Comps.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008c, p. 11-29.

_____; **Análises de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; **Discurso e Análise do Discurso**; tradução de Sírio Possenti. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____; **Retorno crítico sobre o ethos**. in **Análise do Discurso: entorno da problemática, do ethos, do político e de discursos constituintes**, org. R. Baronas & PC. Mesti, & R. Carreon. São Paulo: Pontes, 2016.

MATTEI, Roberto de. **O Cruzado do Século XX**. Plínio Corrêa de Oliveira. Porto: Civilização, 1997.

NASCIMENTO, J. V. O discurso religioso católico: um estudo do rito matrimonial católico. São Paulo: Educ, 1993.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. **À margem dos factos**, Legionário, 22 de dezembro de 1935.

_____; **E porque não Catolicismo?**, Legionário, 19 de janeiro de 1936.

_____; **Na expectativa**, Legionário, 23 de agosto de 1936.

_____; **Unidade Nacional**, Legionário, 22 de novembro de 1936.

_____; **Um ano de luta e de vigília**, Legionário, 3 de janeiro de 1937.

_____; **Genealogia de monstros**, Legionário, 29 de junho de 1938.

_____; **A Itália em via de ser nazificada?**, Legionário, 24 de julho de 1938.

_____; **Para onde caminha o fascismo?**, Legionário, 7 de agosto de 1938.

_____; **À margem da crise**, Legionário, 25 de setembro de 1938.

_____; **Ainda o fascismo**, Legionário, 8 de janeiro de 1939.

_____; **Pela grandeza e liberdade da Ação Católica**, Legionário, 13 de janeiro de 1939.

_____; **O exemplo dos russos brancos**, Legionário, 22 de janeiro de 1939.

_____; **Mais um aniversário**, Legionário, 5 de novembro de 1939.

_____; **A liberdade da Igreja no dia de amanhã**, Legionário, 14 de fevereiro de 1943.

_____; **Comunismo**, Legionário, 7 de março de 1943.

_____; **365 dias em revista**, Legionário, 1 de janeiro de 1944.

_____; **17 anos**, Legionário, 28 de maio de 1944.

_____; **Kamikaze**. Folha de São Paulo, (fevereiro 1969). Acessado em 18 de maio de 2018. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3205&anchor=4455646&origem=busca&pd=341e85cddaedebc4335f286bd1e30efd>>.

Pio XI, **Encíclica Mit Brennender Sorge**. Acessado em 12 de março de 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge.html>.

Pio XII, **Radiomensagem de Natal de 1943**. Acessado em 18 de abril de 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1943/documents/hf_p-xii_spe_19431224_radiom-natalizio-popoli.html>.

_____; **Radiomensagem de Natal de 1947**. Acessado em 18 de abril de 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1947/documents/hf_p-xii_spe_19471224_natale.html>.

REES, Laurence. **Stálin, os nazistas e os ocidente: A Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes**. São Paulo: Larousse, 2009.

SERRY, Hervé. **Literatura e catolicismo na França (1880-1914): contribuição a uma sociohistória da crença**. In *Tempo Social*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: USP, 2004.

APÊNDICE

ARTIGO 01

“Genealogia de monstros” in Legionário, nº 302 de 26 de junho de 1938.

A genealogia dos monstros

Os escritores católicos têm insistido - muitas vezes com menos energia do que seria mister - sobre o nexos íntimo que liga a pseudo-Reforma protestante e o humanismo pagão, à Enciclopédia e ao livre pensamento voltaireano, e por sua vez a Enciclopédia e o livre pensamento à Revolução Francesa e ao comunismo. Quem não possuir uma noção exata, objetiva e documentada a respeito da relação de causa e efeito existente entre esses diversos acontecimentos, quem não se tiver imbuído desta convicção até à medula dos ossos e a raiz dos cabelos, quem não conhecer com todos os detalhes (...) a preparação de todos esses cataclismos, não pode ter uma visão segura da História e da política de nossos dias. Esses conhecimentos, a meu ver, fazem parte do A B C de qualquer jornalista ou pensador católico que cogite de questões políticas e sociais.

No entanto, aqueles que, no Brasil, se ocupam com o combate ao câncer do liberalismo e ao seu genuíno produto, que é o comunismo, esquecem-se muito frequentemente de que o liberalismo não é o único filho do Protestantismo, e que este gerou outro filho, não menos parecido com o pai, que é o nazismo.

É certo, é evidente, é incontestável que o liberalismo é filho genuíno do protestantismo. Mas ele foi o fruto com que o protestantismo envenenou principalmente as nações latinas, levadas, muito mais propensas por seu temperamento para com os princípios liberais, do que os povos nórdicos, pachorrentos e disciplinados.

No elemento germânico em geral, o protestantismo, além do vírus do liberalismo, inoculou outro veneno, que são as teorias da força. Estas teorias (aliás, muito aparentadas com a concepção democrática da vitória sistemática das maiorias) é que geraram toda a concepção militarista e brutal da política internacional de Frederico II e de muitos dos Hohenzollern, e, depois, criaram o Império de Bismarck, a paixão militarista alemã, as escolas filosóficas alemãs do século XIX e, por fim, como produto arquetípico da filosofia nietzscheana, o hitlerismo.

Diante dos olhos estarecidos de toda a humanidade sensata, o hitlerismo destrói os altares de Nosso Senhor Jesus Cristo, substituindo novamente pelos ídolos pagãos. O que pensar deste vergonhoso índice de decadência a que chegamos? Delírio momentâneo de um ditador obcecado pelo mando? Ou, pelo contrário, sintoma profundo de uma corrupção ideológica e moral, característica deste “fim de civilização” que vivemos?

De há muito, ambos os sucedâneos do protestantismo, isto é, o liberalismo e as doutrinas da força, molestam a Igreja, criando-lhe dificuldades humanamente invencíveis, às quais Ela se tem sobreposto graças, unicamente, a um especial auxílio da Providência Divina.

No século passado, tivemos dois pequenos ensaios do que seriam no futuro a perseguição comunista e a perseguição nazista. Na França, a política laicista dos Gambetta e dos Combes oprimiam a Igreja em nome da liberdade, fechando Conventos, confiscando os bens eclesiásticos e expulsando Nosso Senhor das Escolas, com o argumento que os “sem Deus” da Rússia não fizeram senão ampliar e reeditar. Ao mesmo tempo Bismarck fazia, na Alemanha, guerra de morte à Igreja em nome das doutrinas cesarianas da força, com alegações que também elas foram apenas ampliadas e reeditadas pelo nazismo. Em um caso e no outro, porém - e é capital que se retenha isto - os frutos eram idênticos, isto é, a massa do povo era tanto quanto possível descristianizada, com evidente júbilo para quantos, desde tempos longínquos, tramavam a destruição da civilização católica e da Santa Igreja de Deus.

Se muita gente compreendesse isto, veria o nazismo com outros olhos. Tenho um número apreciável de amigos que vêem a política contemporânea sob o único prisma da gênese (...) do comunismo pelo liberalismo, e deste pelo protestantismo. (...) Seu grande erro, porém, consiste em considerar o liberalismo como filho único da reforma. (...) O protestantismo produziu na Alemanha um processo evolutivo de idéias filosóficas e fatos político-sociais, que, paralelamente ao liberalismo e em aparente antagonismo com este, gerou com uma lógica de ferro (verdadeira se não fossem erradas suas premissas) o nazismo.

Por isto, é preciso que se compreenda que o furor antirreligioso do nazismo não é um episódio transitório e fugaz da vida contemporânea, uma explosão de imbecilidade ocorrida subitamente nas fileiras anticomunistas alemãs, um delírio que passará mais cedo ou mais tarde sem ter deixado maiores vestígios. O nazismo é

resultado de uma evolução profunda, sua política antirreligiosa faz parte integrante de seu pensamento, e esse pensamento é (...) visceralmente antirreligioso. (...)

Sem subir a longas digressões doutrinárias para justificar meu pensamento, bastará que eu alinhe alguns fatos. Eles mostrarão que o nazismo tem desenvolvido sua política religiosa com prejuízo manifesto das reivindicações mais essenciais de sua política interna e externa. Diga-se de Hitler o que se disser, força é reconhecer que ele não é um tolo. Todos estes inconvenientes de sua política antirreligiosa não lhe terão passado despercebidos. Por que, então, arca com eles, se não porque fazem parte integrante de seu programa e de sua ideologia?

Enumeremos alguns itens:

1) O Sr. Hitler apregoa ser um paladino da luta contra o comunismo. Não percebe ele que sua política anticatólica o priva do apoio que vinte milhões de católicos alemães lhe dariam nesta luta? E que, perseguindo a Igreja, ele divide estúpida e inutilmente as forças de reação anticomunista?

2) O Sr. Hitler quer instituir na Alemanha um regime autoritário. Não percebe ele que não há melhor força para disciplinar o povo e prestigiar a autoridade do que a Igreja que só aspira à influência espiritual? Por que se priva ele desse apoio, e inaugura na Alemanha um regime tirânico com o qual nenhum católico pode estar de acordo?

3) O Sr. Hitler quer unificar todos os alemães dentro de um grande bloco homogêneo. Por que exclui deste bloco 28 milhões de católicos que hoje fazem parte do III Reich? Por que guerreá-los, se seu programa é unir?

4) O Sr. Hitler quis anexar a Áustria à Alemanha. Não percebeu ele que já teria conseguido seu *desideratum* sem violência, há muitos anos, caso sua política anti-religiosa não inspirasse o horror que inspirou aos infelizes e gloriosos católicos austríacos?

5) O Sr. Hitler gosta de fazer propaganda nazista em todos os países do mundo. Não compreende ele que sua propaganda fica condenada ao mais irremediável fracasso na América Latina, que ele tanto cobiça, porque o nazismo é considerado, hoje, entre os católicos, como uma heresia política não menos detestável que o comunismo?

6) O Sr. Hitler não ignora que se este tivesse uma política religiosa diametralmente oposta à atual, seria tido pelos católicos do mundo inteiro como um

novo Constantino, figura providencial à qual todos os filhos da Igreja prestariam sua simpatia desde a Patagônia até o Oceano Ártico, e desde Lisboa até Pequim? Se fosse esta a posição do Sr. Hitler, na própria França ele encontraria muita gente que o atacaria sem entusiasmo sob as ordens de um Blum. E creio que poucos seriam os governos que se permitiriam de arrastar o nome do Sr. Hitler pela rua da amargura, como fazem agora. Ora, o Sr. Hitler, sempre tão hipersensível aos ataques da imprensa mundial, por que então persegue a Igreja?

7) Dir-se-á, talvez, que ele tem contra os católicos queixas amargas, porque o extinto Partido do Centro sempre se recusou a confundir suas fileiras com as do nazismo. Tais queixas seriam injustas. Mas ainda que não o fossem, que queixa pode ter o Sr. Hitler do cardeal Innitzer? O Sr. Hitler que soube tão bem se reconciliar com antigos e ardentes inimigos quando seu interesse assim o exigiu; o Sr. Hitler que...

Aqui ficam estas perguntas. Através delas o leitor poderá compreender que é pueril qualquer esperança de reconciliação entre o nazismo e a Santa Igreja, e que o fenômeno nazista é algo de imensamente mais perigoso do que à primeira vista pode parecer.

Genealogia de Monstros

Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA

Os escriptores catholicos tem insistido — muitas vezes com menos energia do que seria mister — sobre o nexo intimo que liga a pseudo-Reforma protestante e o humanismo pagão, á Encyclica e ao livre pensamento voltairano, e por sua vez a Encyclopedia e o livre pensamento á Revolução Francoza e ao communismo. Quem não possuir uma noção exacta, objectiva e documentada a respeito da relação de causa e effeito existente entre esses diversos acontecimentos, quem não se tiver imbuido desta convicção até a medula dos ossos e a raiz dos cabellos, quem não conhecer com todos os detalhes o papel da judeo-maçonnaria na preparação de todos esses cataclysmas, não pode ter uma visão segura da Historia e da politica do nossos dias. Esses conhecimentos, a meu ver, fazem parte do A B C de qualquer jornalista ou pensador catholico que cogite de questões politicas e sociais.

No entanto, aquellos que, no Brasil, se occupam com o combate ao ao cancer do liberalismo e a seu genuino producto, que é o communismo, esquecem-se muito frequentemente, de que o liberalismo não é o unico filho do Protestantismo, e que este gerou outro filho, não menos parecido com o paé, que é o nazismo.

E' certo, é evidente, é incontestavel que o liberalismo é filho genuino do protestantismo. Mas elle foi o fructo com que o protestantismo envenenou principalmente as nações latinas, levadas, muito mais propensas por seu temperamento para com os principios liberais, do que os povos nordicos, pachorrentos e disciplinados.

No elemento germanico em geral, o protestantismo, além do virus do liberalismo, inoculou outro veneno, que são as theorias da força. Estas theorias (aliás muito aparentadas com a concepção democratica da victoria systematica das maiorias) é que geraram toda a concepção militarista e brutal da politica internacional de Frederico II e de muitos dos Hohenzollern, e, depois, crearam o Imperio de Bismarck, a paixão militarista allemã, as escolas philosophicas allemãs do seculo XIX e, por fim, como producto archi-típico da philosophia nietcheana, o hitlerismo.

De ha muito, ambos os succedaneos do protestantismo, isto é o liberalismo e as doutrinas da força, molestan a Igreja, creando-lhe difficuldades humanamente invenciveis, ás quaes ella se tem sobreposto graças, unicamente, a um especial auxilio da Providencia Divina.

No seculo passado, tivemos dois pequenos ensaios do que seriam no futuro a perseguição comunista e a perseguição nazista. Na França; a politica laicista dos Gambetta e dos Combes opprimiam a Igreja em nome da liberdade, fechando Conventos, confiscando os bens ecclesiasticos e expulsando Nosso Senhor das Escolas, com argumentos que os "sem Deus" da Russia não tiveram sequer ampliar e reeditar. Ao mesmo tempo, Bismarck fazia, na Alemanha, guerra de morte á Igreja em nome das doutrinas cesareanas da força, com allegações que, tambem ellas, foram apenas ampliadas e reeditadas pelo nazismo. Em um caso e no outro, porém — e é capital que se retorne isto — os fructos eram identicos, isto é, a massa do povo era, tanto quanto possivel, deschristianisada, com evidente jubilo para quantos, desde tempos longinquoos, tramavam a destruição da civilização catholica, e da Santa Igreja de Deus.

* * *

Se muita gente comprehendesse isto, veria o nazismo com outros olhos. Tenho um numero apreciavel de amigos que veem a politica contemporanea sob o unico prisma da genese judeo-maçonnica do communismo pelo liberalismo, e deste pelo protestantismo. Esta genealogia é legitima. Seu grande erro, porém, consiste em considerar o liberalismo como filho unico da reforma. E' abreviar por demais esta genealogia de monstros. O protestantismo produziu na Alemanha um processo evolutivo de ideias philosophicas e factos politico-sociaes, que, paralelamente ao liberalismo e em aparente antagonismo com este, gerou com uma logica de ferro (verdadeira se não fossem erradas suas premissas) o nazismo.

Por isto, é preciso que se comprehenda que o furor anti-

religioso do nazismo não é um episodio transitorio e fugaz da vida contemporanea, uma explosão de imbecillidade occorrida subitamente nas fileiras anti-communistas allemãs, um delirio que passará mais cedo ou mais tarde sem ter doctado maiores vestígios. O nazismo é resultado de uma evolução profunda, sua politica anti-religiosa faz parte integrante de seu pensamento, e, esse pensamento é tão visceralmente anti-religioso, que eu não teria espanto maior com a conversão da maçonnaria em associação de piedade, do que a transformação do Partido Nazista em baluarte das ideias catholicas na Europa Oriental.

* * *

Sem subir a longas digressões doutrinnarias para justificar meu pensamento, bastará que eu aligne alguns factos. Elles mostrarão que o nazismo tem desenvolvido sua politica religiosa com prejuizo manifesto das reivindicações mais essenciaes do sua politica interna e externa. Diga-se de Hitler-o-que se disser, força é reconhecer que elle não é um tolo. Todos estes inconvenientes de sua politica anti-religiosa não lhe terão passado desapercibidos. Porque, então, arca com elles, se não porque fazem parte integrante de seu programma e de sua ideologia?

Enumeremos alguns itens:

1) O Sr. Hitler apregoa ser um paladino da lucta contra o communismo. Não percebe elle que sua politica anti-catholica o priva do apoio que vinte milhões de catholicos allemãs lhe dariam nesta lucta? e que, perseguindo a Igreja, elle divide estúpida e inutilmente as forças de reacção anti-communista?

2) O Sr. Hitler quer instituir na Alemanha um regime autoritario. Não percebe elle que não ha melhor força para disciplinar o povo e prestigiar a autoridade, do que a Igreja que só aspira á influencia espiritual? Porque se priva elle desse apoio, e inaugura na Alemanha um regime tyranico com o qual nenhum catholico pode estar de accordo?

3) O Sr. Hitler quer unificar todos os allemãs dentro de um grande bloco homogeneo. Porque exclue deste bloco 28 milhões de catholicos que hoje fazem parte do III.º Reich? Porque guerrear-os, se seu programma é unir?

4) O Sr. Hitler quiz annexar a Austria á Alemanha. Não percebeu elle que já teria conseguido seu desideratum sem violencia, ha muitos annos, caso sua politica anti-religiosa não inspirasse o horror que inspirou aos infelizes e gloriosos catholicos austriacos?

5) O Sr. Hitler gosta de fazer propaganda nazista em todos os paizes do mundo. Não comprehende elle que sua propaganda fica condemnada ao mais irremediavel fracasso na America Latina que elle tanto cobiça, porque o nazismo é considerado, hoje, entre os catholicos, como uma heresia politica não menos detestavel que o communismo?

6) O Sr. Hitler não ignora que, se elle tivesse uma politica religiosa diametralmente opposta á actual, seria tido pelos catholicos do mundo inteiro como um novo Constantino, figura providencial á qual todos os filhos da Igreja prestariam sua sympathia desde a Patagonia até o Oceano Arctico, e desde Lisboa até Pekim? Se fosse esta a posição do Sr. Hitler, na propria França elle encontraria muita gente que o atacaria sem entusiasmo sob as ordens de um Blum. E creio que poucos seriam os governos que se permitiriam de arrastar o nome do Sr. Hitler pela rua da amargura, como fazem agora. Ora, o Sr. Hitler, sempre tão hyper-sensivel aos ataques da imprensa mundial, porque então persegue a Igreja?

7) Dir-se-á, talvez, que elle tem contra os catholicos queixas amargas, porque o extinto Partido do Centro sempre se recusou a confundir suas fileiras com as do nazismo. Taes queixas seriam injustas. Mas ainda que não o fossem: que queixa pode ter o Sr. Hitler do Cardeal Innitzer? O Sr. Hitler, que soube tão bem se reconciliar com antigos e ardentis inimigos quando seu interesse assim o exigiu; o Sr. Hitler que...

Aqui ficam estas perguntas. Atravez dellas, o leitor poderá comprehender que é peruil qualquer esperanza de reconciliação entre o nazismo e a Santa Igreja, e que o phenomeno nazista é algo de immensamente mais perigoso do que á primeira vista pode parecer.

Deante dos olhos estarecidos de toda a humanidade sensanta, o hitlerismo destroe os altares de N. S. Jesus Christo, substituindo novamente pelos idolos pagãos.

O que pensar deste vergonhoso indice da decadencia a que chegamos? Delirio momentaneo de um dictador obcecado pelo mando? Ou, pelo contrario, symptoma profundo de uma corrupção ideologica e moral, caracteristica deste "fim de civilização" que vivemos?

Figura 7 - Fac-símile do artigo "Genealogia de Monstros"

ARTIGO 02

“Com quem está o Papa” in Legionário, nº 589 de 21 de novembro de 1943.

Com quem está o Papa?

Em artigo anterior, havíamos acentuado as várias contradições e perfídias do deão protestante de Canterbury contra a política do Vaticano. Poderíamos, naquela tecla, ter ido muito mais longe. Mas o espaço de vários artigos não seria suficiente para apontar e desemaranhar os muitos sofismas do “deão”. As amostras que demos a nossos leitores são suficientes. Vamos, pois, encerrar o assunto, analisando propriamente o fundo do artigo do famoso “deão”.

A pergunta “com quem está o Papa”, formulada no sentido especial em que a fez o “deão”, pressupõe a ideia de que o Papa deve estar necessariamente com alguém. E, precisamente porque considera indiscutível este pressuposto, o deão se entrega à mais afanosa investigação do assunto, acabando por confessar que nada entendeu. E não espanta. Para compreender a atitude do Vaticano na presente emergência, seria necessário conhecer e admitir toda uma série de princípios que o “deão” ou nega, ou ignora. Examinemos estes princípios.

Antes de perguntar “com quem está o Papa”, vejamos “quem é o Papa”. O Papa é o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre infalível da Verdade, dispensador de tesouros da Redenção, detentor das chaves que liga e que desliga; das chaves, portanto, que governam o mundo.

Mestre de uma Verdade imutável; soberano de um reino espiritual indestrutível; supremo hierarca de todo o Universo. O Santo Padre representa tudo quanto é divino, supra terreno, imutável, eterno. Enquanto tudo muda, ele permanece estável. Enquanto tudo é contingente, só ele e as coisas que ele representa são inalteráveis. A respeito da Cruz, formou-se este axioma: “*stat Crux dum volvitur orbis*”. O mesmo se poderia dizer do Pontífice Romano: “*stat Petrus, dum volvitur orbis*” - só Pedro continua invariavelmente de pé, enquanto todo o mundo se agita e se transforma”.

Ora, se o Papa representa a Verdade essencial e imutável; se ele representa a eternidade, a verdadeira pergunta não é: “com quem está o Papa”. Esta pergunta poderia aplicar-se para a análise da situação política de alguma igreja nascida ontem, da impiedade e da luxúria de algum Henrique VIII - a Igreja do deão de

Canterbury mais precisamente. É claro que, tripulante de nau tão recente e tão fraca, o deão pergunte que correntes a levam, e para onde a levam as correntes. O Papa é o rochedo imutável. Ele não pergunta que correntes seguirá.

Tratando-se do Soberano Pontífice, a pergunta só pode ser esta: “quem está com o Papa?” Foi porque não compreendeu esta verdade que o deão acusou de pérfida a diplomacia do Vaticano. Pérfida, porque ela se inspira em princípios que ele não conhece; desses princípios deduz uma sobriedade de gestos e de atitudes que ele não compreende; e arrogante, porque continuará a agir do mesmo modo, por mais que com isto se desagrade o deão.

E o Papa está só. Vê mais alto, mais fundo, mais limpo. Não tem aliados nem amigos, tem só adversários mais encarniçados ou menos. Por isto, esperando o curso dos acontecimentos tranquilamente, declara que não está com ninguém. Dia virá em que as insígnias nazistas, fascistas, comunistas, estarão atirados ao mesmo pó em que jazem os outros adversários que tem investido contra a Igreja. Neste dia, o deão compreenderia com quem está o Papa que não está nem com Hitler nem Stalin. O Papa está com Jesus Cristo, com a indefectibilidade, com a eternidade. E é o Papa que vai vencer.

Hei-nos, pois, chegados ao nó da questão. Quem está com o Papa?

Do nazismo e do comunismo, nem é bom falar. Ambos representam erros vizinhos, entre si, irredutivelmente opostos à Igreja Católica. Vencesse só a Rússia, ou vencesse só a Alemanha, o grande derrotado (na medida em que se derrota o indestrutível) seria o Santo Padre. Com um mundo inteiramente obediente a Stalin, ou inteiramente obediente a Hitler, Nosso Senhor Jesus Cristo seria de qualquer forma proscrito da sociedade contemporânea.

O deão, comunista encoberto, não vê ou finge não ver isto. Ele dá à questão comunismo versus nazismo um alcance e uma importância que para o Papa, que representa Jesus Cristo, ela está longe de ter. É como a luta de Herodes versus Pilatos. Nesta luta com quem estava o Salvador? Pergunta ridícula. O Salvador não estava com ninguém. Nem ele era um chefe político a fazer liga com Pilatos contra Herodes ou com Herodes contra Pilatos. Herodes ou Pilatos, pouco importava ao Salvador. Ambos encarnavam um espírito oposto ao dEle. A vitória de qualquer dos dois seria antes de tudo a derrota (...) dEle. E tanto é que um e outro se reconciliaram contra Ele.

Vemos como o deão erra, pensando que o grande problema da Igreja em nossos dias consiste em optar contra Hitler ou contra Stalin. Ela quer mais: pela oração das Virgens e dos Monges que consagra ao Senhor; pelo labor dos missionários; pela evangelização de seus ministros; pelo apostolado da Ação Católica, o que o Papa pretende é construir um mundo que represente o contrário do que quer Hitler ou Stalin.

O Papa trairia sua missão se optasse por um ou por outro. Sua atitude só poderia ser esta: “nem um, nem outro”.

Mas nem Hitler nem Stalin estão sós. A vitória de ambos significaria a vitória de uma série de aliados mais “moderados”. Com o comunismo, venceria o socialismo de todos os matizes, até o burguezismo pacato e familiar. Com o nazismo, venceria o fascismo, venceria o falangismo, venceria o “salazarismo”. Não indaguemos das intenções: o certo é que nas mãos de muitos desses partidos há água benta... Assim, pelo menos se deve entender que a vitória de qualquer dos dois grupos beligerantes não representaria desde logo a vitória incontestável, radical, completa, nem do comunismo nem do nazismo. A verdadeira opção não seria entre dois extremos, mas entre dois blocos dotados de extremos péssimos. Analisemos este novo aspecto do problema.

Convenhamos, antes de tudo, em que essas correntes intermediárias correm para os respectivos extremos como as águas correm para o mar. Quem duvida de que o socialismo venha dar em última análise em comunismo? Quem duvida de que o burguezismo gera necessariamente o socialismo? Por outro lado, quem não percebe que, num mundo dirigido pelos satélites de Hitler, este seria para os “duces” de todas as latitudes o que Luiz XIV foi para os reis de seu tempo: o modelo completo, total, insuperável, o padrão segundo o qual todos os outros se deveriam configurar para ficar perfeitos?

Assim, essa vitória das correntes intermédias - como todas as vitórias das correntes intermédias - dará necessariamente em vitória dos extremos. E acabamos não saindo dos termos iniciais do problema: entre quem escolher, Hitler ou Stalin?

Prossigamos. Dado que estamos entre dois extremos péssimos, é evidente que se deve responder: “nem um, nem outro”. O problema que nos resta examinar é apenas este: dos dois possíveis vencedores, qual o que mais facilmente se derrubará? É a vitória deste, que se deve desejar. Mas isto não é estar “com” este ou

“com” aquele. É uma questão de se saber a quem o Papa é mais contrário, se a este, se àquele.

Positivamente, se compararmos o comunismo ou o nazismo, acharemos que o primeiro - diabólico sob todos os sentidos, tanto quanto o nazismo - é entretanto menos nocivo. Ele é todo negativo e atrai menos que um edifício doutrinário positivo. É - ou ao menos tem procurado ser até há pouco - franco e declaradamente hostil. Sejam quais forem suas forças, contra ele estaremos todos unidos.

Com o nazismo e seus sucedâneos, não. Combatem-nos à socapa. Molham em água benta as mãos com que fiam as cordas em que seremos enforcados. Procuram apodrecer por dentro nossas fileiras, desuni-las, desorganizá-las antes de nos atacar. Com admirável habilidade, sabem encontrar o patrioteiro ingênuo, o sonhador inexperiente, o ambicioso vulgar que para eles abrirão “alas”, correntes, etc., dentro de nossas próprias fileiras. Só nos atacarão, quando estivermos inteiramente anestesiados. E saberão fazer-nos crer que o anestésico que procuram injetar em nossas veias não é um entorpecente mas um verdadeiro remédio. Quem o pior? O menos perigoso. Velho Stalin! Velho demônio de doutrina evidentemente repugnante, de reputação clamorosamente péssima, diante de cujo nome os homens limpos se indignam, as pessoas piedosas se persignam, e os moços católicos sentem comichão nas mãos (...). Oh, velho demônio desmascarado e horripilante, como és menos temível do que o politiqueiro de estilo Von Papen, que mercadeja sua Fé junto aos Césares do dia, e recebe a ingrata incumbência de nos vencer com o ósculo de Judas.

Tanto implica em afirmar que, consideradas as coisas pelo Vaticano de um ponto de vista inteiramente alheio às contendas nacionais, o mal menor para ele está ainda na vitória do bloco anti-totalitário. É o que o Papa de todo coração deseja.

Entretanto, o deão de nada disto entende. Ele não quer um mal menor. Ele aplaude... em Stalin, um bem. Ele se transforma em defensor do comunismo. Ele atola no lodaçal do comunismo os rebanhos que Henrique VIII cindiu da verdadeira Igreja. Ele já optou. Ele quer o bolchevismo. Ele trai miseravelmente o cristianismo. Bate palmas, está contente, tem aliados, tem amigos, tem poderosos auxiliares.

"Com quem está o Papa"?

Plínio Corrêa de Oliveira

Em artigo anterior, havíamos acentuado as várias contradições e perfidias do deão protestante de Canterbury, contra a política do Vaticano. Poderíamos, naquela toca, ter ido muito mais longe. Mas o espaço de vários artigos não seria suficiente para apontar e desemaranhar os muitos sofismas do "deão". As amostras que demos a nossos leitores são suficientes. Vamos, pois, encerrar o assunto, analisando propriamente o fundo do artigo do famoso "deão".

* * *

A pergunta "com quem está o Papa", formulada no sentido especial em que a fez o "deão", presuppõe a idéia de que o Papa deve estar necessariamente com alguém. E, precisamente porque considera indiscutível este pressuposto, o deão se entrega à mais afanosa investigação do assunto, acabando por confessar que nada entendeu. E não espanta. Para compreender a atitude do Vaticano na presente emergência, seria necessário conhecer e admitir toda uma série de princípios que o "deão", ou nega, ou ignora. Examinemos estes princípios.

* * *

Antes de perguntar "com quem está o Papa", vejamos "quem é o Papa". O Papa é o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre infalível da Verdade, dispensador dos tesouros da Redenção, detentor das chaves que ligam e que desligam; das chaves, portanto, que governam o mundo.

Mestre de uma Verdade imutável; soberano de um reino espiritual indestrutível; supremo hierarca de todo o Universo, o Santo Padre representa tudo quanto é divino, supra-terreno, imutável, eterno. Enquanto tudo muda, ele permanece estável. Enquanto tudo é contingente, só ele e as coisas que ele representa são inalteráveis. A respeito da Cruz, formouse este axioma: "stat Crux dum volvitur orbis". O mesmo se poderia dizer do Pontífice Romano: "stat Petrus, dum volvitur orbis" — só Pedro continua invariavelmente de pé, enquanto todo o mundo se agita e se transforma.

Ora, se o Papa representa a Verdade essencial e imutável; se ele representa a eternidade, a verdadeira pergunta não é: "com quem está o Papa". Esta pergunta poderia aplicar-se para a análise da situação política de alguma igreja nascida ontem, da impiedade e da luxúria de algum Henrique VIII — a Igreja do deão de Canterbury, mais precisamente — e claro que, tripulante de nau tão recente e tão fraca, o deão pergunte que correntes a levam, e para onde a levam as correntes. O Papa é o rochedo imutável. Ele não pergunta que correntes segurará.

Tratando-se do Soberano Pontífice, a pergunta só pode ser esta: "quem está com o Papa?" Foi porque não compreendeu esta verdade, que o deão acusou de pérfida a diplomacia do Vaticano, Pérfida, porque ela se inspira em princípios que ele não conhece; desses princípios deduz uma sobriedade de gestos e de atitudes que ele não compreende; e arrogante, porque continuará a agir do mesmo modo, por mais que com isto se desagrade o deão.

* * *

Eis-nos, pois, chegados ao nó da questão. Quem está com o Papa?

Do nazismo e do comunismo, nem é bom falar. Ambos representam erros visinhos entre si, e irredutivelmente opostos à Igreja Católica. Venceu só a Rússia, ou venceu só a Alemanha, o grande derrotado; na medida em que a derrota é indestrutível seria o Santo Padre. Com um mundo inteiramente obediente a Stalin, ou inteiramente obediente a Hitler, Nosso Senhor Jesus Cristo seria de qualquer forma proscrito da sociedade contemporânea.

O deão, comunista encoberto, não vê ou finge não ver isto. Ele dá à questão comunismo versus nazismo um alcance e uma importância que para o Papa, que representa Jesus Cristo, ela está longe de ter. É como a luta de Herodes versus Pilatos. Nesta luta, com quem estava o Salvador? Pergunta ridícula. O Salvador não estava com ninguém. Nem ele era um chefe político a fazer liga com Pilatos contra Herodes ou com Herodes contra Pilatos. Herodes ou Pilatos, pouco importava ao Salvador. Ambos encarnavam um espírito oposto ao d'Ele. A vitória de qualquer dos dois seria antes de tudo a derrota (...) d'Ele. E tanto é que um e outro se reconciliaram contra Ele.

Vemos como o deão erra, pensando que o grande problema da Igreja em nossos dias consiste em optar contra Hitler ou contra Stalin. Ela quer mais: pela oração das Virgens e dos monges que consagra ao Senhor; pelo labor dos missionários; pela evangelização de seus ministros; pelo apostolado da Ação Católica, o que o Papa pretende o construir um mundo que represente o contrário do que quer Hitler ou Stalin.

O Papa traía sua missão, se optasse por um ou por outro. Sua atitude só poderia ser esta: "nem um, nem outro".

* * *

Mas nem Hitler nem Stalin estão só. A vitória de ambos significaria a vitória de uma série de aliados mais

"moderados". Com o comunismo, venceria o socialismo de todos os matizes, até o burguezismo pacato e familiar. Com o nazismo, venceria o fascismo, venceria o falangismo, venceria o "salazarismo". Não indagaremos das intenções: o certo é que nas mãos de muitos desses partidos há água benta... Assim, pelo menos se deve entender que a vitória de qualquer dos dois grupos beligerantes não representaria desde logo a vitória incontestável, radical, completa, nem do comunismo, nem do nazismo. A verdadeira opção não seria entre dois extremos, mas entre dois blocos dotados de extremos péssimos. Analisemos este novo aspecto do problema.

* * *

Convenhamos, antes de tudo, em que essas correntes intermediárias correm para os respectivos extremos como as águas correm para o mar. Quem duvida de que o socialismo venha a dar em última análise em comunismo? Quem duvida de que o burguezismo gíra necessariamente o socialismo? Por outro lado, quem não percebe que, num mundo dirigido pelos satélites de Hitler, este seria para os "duces" de todas as latitudes o que Luiz XIV foi para os reis de seu tempo; o modelo completo, total, insuperável, o padrão segundo o qual todos os outros se deveriam configurar para ficar perfeitos?

Assim, essa vitória das correntes intermédias — como todas as vitórias das correntes intermédias — dará necessariamente em vitória dos extremos. E acabamos não saindo dos termos iniciais do problema; entre quem escolher, Hitler ou Stalin?

* * *

Prosigamos. Dado que estamos entre dois extremos péssimos, é evidente que se deve responder: "nem um, nem outro". O problema que nos resta examinar é apenas este: dos dois possíveis vencedores, qual o que mais facilmente se derrubará? É a vitória deste, que se deve desejar.

Mas isto não é estar "com" este ou "com" aquele. É uma questão de se saber a quem o Papa é mais contrário, se a este, se a aquele.

* * *

Positivamente, se compararmos o comunismo ao nazismo, acharemos que o primeiro — diabólico sob todos os sentidos, tanto quanto o nazismo — é entretanto menos nocivo. Ele é todo negativo e atral menos que um edifício doutrinário positivo. É — ou ao menos tem procurado ser até há pouco — franco e declaradamente hostil. Sejam quais forem suas forças, contra ele estamos todos unidos.

Com o nazismo e seus sucedâneos, não. Combatermos à socapa. Molham em água benta as mãos com que fiam as cordas em que seremos enforcados. Procuram apodrecer por dentro nossas fileiras, desunil-as, desorganizá-las antes de nos atacar. Com admirável habilidade, sabem encontrar o patrioteiro ingênuo, o sonhador inexperiente, o ambicioso vulgar que para eles abriu "as" correntes, etc., dentro de nossas próprias fileiras. Só nos atacarão, quando estivermos incinicamente anestesiados. E saberão fazer-nos crer que o anestésico que procuram injectar em nossas veias não é um entorpecente mas um verdadeiro remédio. Quem o pior? O menos perigoso. Velho Stalin! Velho demônio, de doutrina evidentemente repugnante, de reputação clamorosamente péssima, diante de cujo nome os homens limpos se indignam, as pedras piedosas se persignam, e os moços católicos senem comichão nas mãos para te estrangular. Oh, velho demônio desmascarado, e horripilante; como és menos temível do que o politiquero de estilo von Papen, que mercadeja sua Fé junto aos Césares do dia, e recebe a ingrata incumbência de nos vencer com o ósculo de Judas.

* * *

Tanto implica em afirmar que, consideradas as coisas pelo Vaticano de um ponto de vista intertemporal, alieta às contendas nacionais, o mal menor para ele está ainda na vitória do bloco anti-totalitário. É o que o Papa de todo coração deseja.

Entretanto, o deão, de nada disto entende. Ele não quer um mal menor. Ele quer a vitória de Stalin, um bem. Ele se transforma em defensor do comunismo. Ele atola no lodagal do comunismo os rebanhos que Henrique VIII cindiu da verdadeira Igreja. Ele já optou. Ele quer o bolchevismo. Ele trai miseravelmente o cristianismo. Bate palmas, está contente, tem aliados, tem amigos, tem poderosos auxiliares.

E o Papa está só. Vá mais alto, mais fundo, mais limpo. Não tem aliados nem amigos, tem só adversários mais encarniçados ou menos. Por isto, esperando o curso dos acontecimentos tranquilamente, declara que não está com ninguém. Dia virá em que as insignias nazistas, fascistas, comunistas, estarão atiradas ao mesmo pó em que jazem os outros adversários que tem investido contra a Igreja. Neste dia, o deão compreenderia com quem está o Papa que não está nem com Hitler nem Stalin. O Papa está com Jesus Cristo, com a indefectibilidade, com a eternidade. É o Papa que vai vencer.

Figura 8 - Fac-símile do artigo "Com quem está o Papa?"

ARTIGO 03**“A guerra e o Corpo Místico” in Legionário, nº 610 de 16 de abril de 1944****A guerra e o Corpo Místico**

O noticiário a que consagramos boa parte de nosso número de hoje vem lembrar pormenorizadamente, a todos os fiéis, a grande obra do Sumo Pontífice Pio XII, gloriosamente reinante, que, com todos os recursos ao seu alcance, vem suavizando por todo o orbe da terra as dores físicas e morais com que a guerra mundial oprime a humanidade sofredora.

Não obstante o inexplicável silêncio das agências telegráficas sobre essa obra magnífica da Santa Sé, os católicos sabem que o Sumo Pontífice, pela oração, pela penitência e pela ação faz tudo quanto está ao seu alcance em prol da Igreja e da humanidade. O Vaticano não precisa anunciar em termos superlativos e bombásticos todas as ações do Pontífice Romano, para alimentar sempre viva a confiança das massas no Chefe visível da Igreja. Entre os fiéis e o Sucessor de São Pedro há o íntimo conhecimento que vai do Pai para os filhos, dos filhos para o Pai. Conhecemos muito bem o Papa, conhecemos de sobra a Santa Igreja, e não precisamos que nos digam quem é o Papa, nem o que faz o Papa, para que o saibamos. Quem é o Papa? O Vigário de Jesus Cristo. O que faz? Seu dever. Quem nô-lo atesta? As próprias funções que exerce. E ainda que sobre ele fossem absolutamente mudas as notícias telegráficas de costume tão parcimoniosas, com isto não se alteraria a plácida e imperturbável confiança dos católicos no Pai comum da Cristandade. Por mais que o homem contemporâneo aprecie o charlatanismo, os adjetivos sensacionais, a terminologia hiperbólica, o Vaticano jamais empregará esses processos para obter a confiança e o respeito dos homens. Ele continuará, simplesmente, a fazer o bem com discrição e dignidade, negligenciando a fronda silenciosa e passiva das agências telegráficas, certo de que nada disto é necessário - ao menos no sentido mais estrito da palavra - para manter unidas a ele as almas nas quais habita verdadeiramente o Divino Espírito Santo.

Se o LEGIONÁRIO publica hoje um tão extenso noticiário sobre a ação benfazeja do Sumo Pontífice, fá-lo muito menos a título de informação que de meditação. Sabemos que é muito o bem que o Papa faz. Mas é preciso, no momento atual, que vejamos, que sintamos, apalpemos este bem, para que nossos corações

de filhos sintam de modo mais afetuosamente e intenso o magnífico quadro que a Cristandade oferece aos olhos tristes e cansados do homem do século XX: pelos quatro cantos da terra se estende a solicitude paternal do Romano Pontífice, e dos quatro cantos da terra estão afluindo para ele as manifestações de dor, de afeto, de solidariedade do mundo cristão, provocadas pela situação dolorosa e crítica em que tão imerecidamente ele se encontra. Esse fluxo é refluxo de amor do Pai aos filhos, dos filhos ao Pai, é um comentário vivo e magnífico da recente Encíclica "*Mystici Corporis Christi*", na qual o Vigário de Cristo lembrou que a Santa Igreja constitui um corpo animado por uma vida sobrenatural que a todos une, fiéis e Pastores, na mesma comunhão da graça, que é dom do Espírito Santo.

Considerada à luz da Sagrada Teologia, esta cena que a Cristandade oferece presentemente ao nosso mundo tão cheio de trevas e de ódio é realmente maravilhosa. Ninguém, nem o Papa nem os fiéis, pode fazer um só ato meritório, sem a graça do Espírito Santo. É o Espírito Santo, pois, que move o Papa a estender sobre o orbe terrestre inteiro, sua ação paternal. É o Espírito Santo que trabalhando misteriosamente no íntimo de cada uma das pessoas beneficiadas pela ação do Pontífice - católicos, protestantes, cismáticos, judeus, nazistas, comunistas, ateus - desperta em todos um sentimento de gratidão filial que move os bons a um ardor maior, os infiéis a uma simpatia cheia de esperanças para a Igreja de Cristo, e os inimigos a um sentimento de maior brandura para com o Catolicismo. E, reciprocamente, no mundo inteiro, na Austrália como na Irlanda, em Nova York como em Montevideu, no Amazonas como no arroio Chuy, o Espírito Santo move os Bispos a protestarem contra a situação do Soberano Pontífice, e os fiéis a se associarem calorosamente neste protesto, a seus legítimos Pastores. A efusão de amor sobrenatural é, pois, recíproca no grande e místico corpo da Igreja. Este amor une verdadeiramente na Jerusalém nova que, segundo a profecia bíblica é a Igreja, todos os povos da terra, filialmente solidários com o Pai comum, com aquele que com tanta razão Santa Catarina de Siena chama "o doce Cristo na terra", isto é o Sucessor de São Pedro.

Ubi Petrus, ibi Ecclesia - onde está São Pedro, aí está a Igreja. De tal maneira a Igreja Católica está vinculada à Cátedra de São Pedro, que onde não há a aprovação do Papa não há Catolicismo. O verdadeiro fiel sabe que o Papa resume e compendia em si toda a Igreja Católica, e isto de modo tão real e indissolúvel que, se por absurdo todos os Bispos da terra, todos os sacerdotes, todos os fiéis abandonassem o Sumo

Pontífice, ainda assim os verdadeiros católicos se reuniram em torno dele. Porque tudo quanto há na Igreja de santidade, de autoridade, de virtude sobrenatural, tudo isto, mas absolutamente tudo sem exceção, nem condição, nem restrição está subordinado, condicionado, dependente da união à Cátedra de São Pedro. As instituições mais sagradas, as obras mais veneráveis, as tradições mais santas, as pessoas mais conspícuas, tudo enfim que mais genuína e altamente possa exprimir o Catolicismo e ornar a Igreja de Deus, tudo isto se torna nulo, maldito, estéril, digno do fogo eterno, e da ira de Deus, se separado do Romano Pontífice. Conhecemos a parábola da videira e dos sarmentos. Nessa parábola a videira é Nosso Senhor, os sarmentos são os fiéis. Mas como Nosso Senhor se ligou de modo indissolúvel à Cátedra Romana, pode-se dizer com toda a segurança que a parábola seria verdadeira entendendo-se a videira como a Santa Sé, e os sarmentos como as várias dioceses, paróquias, ordens religiosas, instituições particulares e famílias, povos e pessoas que constituem a Igreja e a Cristandade. Isto tudo só será verdadeiramente fecundo na medida em que estiver em íntima, calorosa, incondicional união com a Cátedra de São Pedro.

“Incondicional”, dissemos, e com razão. Em moral, não há incondicionalismos legítimos. Tudo está subordinado à grande e essencial condição de servir a Deus. Mas uma vez que o Santo Padre é infalível, a união a seu infalível magistério pode ser incondicional.

A simples hipótese de um erro no magistério infalível já é uma heresia. Podemos ser incondicionais no apoio do que é infalível. Sim, estamos incondicionalmente com o Sumo Pontífice.

Por isto, é sinal e condição de vigor espiritual uma extrema susceptibilidade, uma vibratilidade delicadíssima e vivaz dos fiéis por tudo quanto diga respeito à segurança, glória e tranquilidade do Romano Pontificado. Depois do amor a Deus, é este o mais alto dos amores que a Religião nos ensina. Um e outro amor se confundem até. Quando Santa Joana D’Arc foi interrogada por seus perseguidores que a queriam matar, e que para isto procuravam fazê-la cair em algum erro teológico por meio de perguntas capciosas, a um de seus interrogadores ela respondeu: “Quanto a Jesus Cristo e à Igreja, para mim são uma só coisa”. Magnífica proclamação do Corpo Místico de Cristo, partida da sábia ignorância da pequena pastora de Domremy. E nós podemos dizer: “E para nós, entre o Papa e Jesus Cristo não há

diferença”. Tudo que diga respeito ao Papa diz respeito direta, íntima, indissoluvelmente, a Jesus Cristo.

É preciso bem lembrar tudo isto, para tornar claro que as manifestações da opinião católica - e sobretudo as orações - em favor do Santo Padre devem continuar vibrantes e ininterruptas. Não se diga que, sendo todos nós católicos, é evidente que estamos com o Papa e que não é necessário que o manifestemos. Os sentimentos muito profundos criam uma verdadeira necessidade psicológica de expansão. Se amamos nossos pais, temos necessidade de lho dizer a todo instante, e especialmente quando estão em risco ou perigo. Os filhos solícitos da Santa Sé devem dirigir todos ao Sumo Pontífice suas calorosas e veementes manifestações de solidariedade neste momento. E, para isto, os meios são muito simples. Existe no Brasil um elo de ouro que nos liga ao Pontífice Romano. É o Núncio Apostólico, delegado pela paternal solicitude da Santa Sé, junto a nosso país, para tornar bem constante, bem viva, bem intensa a manifestação dessa solicitude do povo brasileiro. Por toda a parte os Exmos. Revmos. Srs. Bispos se estão dirigindo à Santa Sé para lhe atestar a solidariedade filial nesse transe doloroso. Devemos seguir o exemplo de nossos Pastores, e, não podendo telegrafar à Europa, devemos, às centenas, aos milhares, às centenas de milhares telegrafar à Nunciatura Apostólica, exprimindo ao ínclito representante do Santo Padre todos os sentimentos da opinião católica brasileira nessa emergência dolorosa em que se encontra no momento. A nosso ver, o setor de Ação Católica, a associação religiosa que não tiver telegrafado à Nunciatura Apostólica não pode estar contente consigo mesma. Há um dever inadiável que ela tem de cumprir o quanto antes. Quando algum dia estas mensagens chegarem até os pés do Soberano Pontífice, ele verá que São Paulo foi nesses dias uma só alma e um só coração em torno dele. O Pontífice sorrirá certamente de complacência e ternura e nos abençoará. Esse sorriso e essa bênção serão o próprio sorriso, a própria bênção de Jesus.

A GUERRA E O CORPO MÍSTICO

Plínio Corrêa de Oliveira

O noticiário a que consagramos boa parte de nosso número de hoje, vem lembrar pormenorizadamente a todos os fiéis, a grande obra do Sumo Pontífice Pio XII, gloriosamente reinante, que, com todos os recursos ao seu alcance, vem suavizando por todo o orbe da terra as dores físicas e morais com que a guerra mundial oprime a humanidade sofredora.

Não ostante o inexplicável silêncio das agências telegráficas sobre essa obra magnífica da Santa Sé, os católicos sabem que o Sumo Pontífice, pela oração, pela penitência e pela ação, faz tudo quanto está ao seu alcance em prol da Igreja e da humanidade. O Vaticano não precisa anunciar em termos superlativos e bombásticos todas as ações do Pontífice Romano, para alimentar sempre viva a confiança das massas no Chefe visível da Igreja. Entre os fiéis e o Sucessor de São Pedro, há o íntimo conhecimento que vai do Pai para os filhos, dos filhos para o Pai. Conhecemos muito bem o Papa, conhecemos de sobre a Santa Igreja, e não precisamos que nos digam quem é o Papa, nem o que faz o Papa, para que o saibamos. Quem é o Papa? O Vigário de Jesus Cristo. O que faz? Seu dever. Quem não-lo atesta? As próprias funções que exerce. E ainda que, sobre ele, fossem absolutamente mudas as notícias telegráficas de costume tão parcimoniosas, com isto não se alteraria a plácida e imperturbável confiança dos católicos, no Pai comum da Cristandade. Por mais que o homem contemporâneo aprecie o charlatanismo, os adjetivos sensacionais, a terminologia hiperbólica, o Vaticano jamais empregará esses processos para obter a confiança e o respeito dos homens. Ele continuará, simplesmente, a fazer o bem com discreção e dignidade, negligenciando a fronda silenciosa e passiva das agências telegráficas, certo de que nada disto é necessário — ao menos no sentido mais estrito da palavra — para manter unidas a ele as almas nas quais habita verdadeiramente o Divino Espírito Santo.

Se o LEGIONARIO publica hoje um tão extenso noticiário sobre a ação benfazeja do Sumo Pontífice, faz-lo muito menos a título de informação, que de meditação. Sabemos que é muito o bem que o Papa faz. Mas é preciso, no momento atual, que vejamos, sintamos, apalpeemos este bem, para que nossos corações de filhos sintam de modo mais afetuosos e intenso o magnífico quadro que a Cristandade oferece aos olhos tristes e cansados do homem do século XX: pelos quatro cantos da terra se estende a solicitude paternal do Romano Pontífice, e dos quatro cantos da terra estão afluiuindo para ele as manifestações de dor, de afeto, de solidariedade do mundo cristão, provocadas pela situação dolorosa e crítica, em que tão imerecidamente ele se encontra. Esse fluxo e refluxo de amor, do Pai aos filhos, dos filhos ao Pai, é um comentário vivo e magnífico da recente Encíclica "Mystici Corporis Christi", na qual o Vigário de Cristo lembrou que a Santa Igreja constitui um corpo animado por uma vida sobrenatural que a todos une, fiéis e Pastores, na mesma comunhão da graça, que é dom do Espírito Santo.

Considerada à luz da Sagrada Teologia, esta cena que a Cristandade oferece presentemente ao nosso mundo tão cheio de trevas e de ódio, é realmente maravilhosa. Ninguém, nem o Papa nem os fiéis, pode fazer um só ato meritório, sem a graça do Espírito Santo. É o Espírito Santo, pois, que move o Papa a estender sobre o orbe terrestre inteiro, sua ação paternal. É o Espírito Santo que trabalhando misteriosamente no íntimo de cada uma das pessoas beneficiadas pela ação do Pontífice — católicos, protestantes, cismáticos, judeus, nazistas, comunistas, ateus — desperta em todos um sentimento de gratidão filial que move os bons a um ardor maior, os infieis a uma simpatia cheia de esperanças para a Igreja de Cristo, e os inimigos a um sentimento de maior brandura para com o Catolicismo. E, reciprocamente, no mundo inteiro, na Austrália como na Irlanda, em Nova York como em Montevideo, no Amazonas como no arroio Chuy, o Espírito Santo move os Bispos a protestarem contra a situação do Soberano Pontífice, e os fiéis a se associarem calorosamente neste protesto, a seus legítimos Pastores. A efusão de amor sobrenatural é, pois, recíproca no grande e místico corpo da Igreja. Este amor é verdadeiramente na Jerusalém nova que segundo a profecia bíblica é a Igreja, todos os povos da terra, filialmente solidários com o Pai comum, com aquele que com tanta razão Santa Catarina de Siena chama "o doce Cristo na terra", isto é o Sucessor de São Pedro.

* * *

Ubi Petrus, ibi Ecclesia — onde está São Pedro, aí está a Igreja. De tal maneira a Igreja Católica está vinculada à Cátedra de São Pedro, que onde não há a aprovação do Papa não há Catolicismo. O verdadeiro fiel sabe que o Papa resume e compendia em si toda a Igreja Ca-

tólica, e isto de modo tão real e indissolúvel que, se por absurdo todos os Bispos da terra, todos os Sacerdotes, todos os fiéis abandonassem o Sumo Pontífice, ainda assim os verdadeiros católicos se reuniram em torno dele. Porque tudo quanto há na Igreja, de santidade, de autoridade, de virtude sobrenatural, tudo isto, mas absolutamente tudo sem exceção nem condição, nem restrição, está subordinado, condicionado, dependente da união à Cátedra de São Pedro. As instituições mais sagradas, as obras mais veneráveis, as tradições mais santas, as pessoas mais conspícuas, tudo enfim que mais genuína e altamente possa exprimir o Catolicismo e ornar a Igreja de Deus, tudo isto se torna nulo, maldito, estéril, digno do fogo eterno, e da ira de Deus, se separado do Romano Pontífice. Conhecemos a parábola da videira e dos sarmentos. Nessa parábola, a videira é Nosso Senhor, os sarmentos são os fiéis. Mas como Nosso Senhor se ligou de modo indissolúvel à Cátedra Romana, pode-se dizer com toda a segurança que a parábola seria verdadeira entendendo-se a videira como a Santa Sé, e os sarmentos como as várias Dioceses, Paróquias, Ordens Religiosas, Instituições particulares e famílias, povos e pessoas que constituem a Igreja e a Cristandade. Isto tudo só será verdadeiramente feudo na medida em que estiver em íntima, calorosa, incondicional união com a Cátedra de São Pedro.

"Incondicional", dissemos, e com razão. Em moral, não há incondicionalismos legítimos. Tudo está subordinado à grande e essencial condição de servir a Deus. Mas uma vez que o Santo Padre é infalível, a união a seu infalível magistério pode ser incondicional.

A simples hipótese de um erro no magistério infalível já é uma heresia. Podemos ser incondicionais no apoio do que é infalível. Sim, estamos incondicionalmente com o Sumo Pontífice.

Por isto, é sinal e condição de vigor espiritual, uma extrema susceptibilidade, uma vibratibilidade delicadíssima e vivaz dos fiéis por tudo quanto diga respeito à segurança, glória e tranquilidade do Romano Pontificado. Depois do amor a Deus, é este o mais alto dos amores que a Religião nos ensina. Um e outro amor se confundem até. Quando Santa Joanna D'Arc foi interrogada por seus perseguidores que a queriam matar, e que para isto procuravam fazer-lhe cair em algum erro teológico por meio de perguntas capciosas, a um de seus interrogadores ela respondeu: "Quanto a Jesus Cristo e à Igreja, para mim são uma só coisa". Magnífica proclamação do Corpo Místico do Cristo, partida da sábia ignorância da pequena Pastora de Domremy. E nós podemos dizer: "para nós, entre o Papa e Jesus Cristo não há diferença". Tudo que diga respeito ao Papa diz respeito direta, íntima, indissolúvelmente, a Jesus Cristo.

* * *

É preciso bem lembrar tudo isto, para tornar claro que as manifestações da opinião católica — e sobretudo as orações — em favor do Santo Padre devem continuar vibrantes e ininterruptas. Não se diga que, sendo todos nós católicos, é evidente que estamos com o Papa e que nem é necessário que o manifestemos. Os sentimentos muito profundos criam uma verdadeira necessidade psicológica de expansão. Se amamos nossos pais, temos necessidade de lh'os dizer a todo instante, e especialmente quando estão em risco ou perigo. Os filhos solícitos da Santa Sé devem dirigir todos ao Sumo Pontífice suas calorosas e veementes manifestações de solidariedade neste momento. E, para isto, os meios são muito simples. Existe no Brasil um elo de ouro que nos ligá ao Pontífice Romano. É o Núncio Apostólico, delegado pela paternal solicitude da Santa Sé, junto ao nosso país, para tornar bem constante, bem viva, bem intensa a manifestação dessa solicitude, ao povo brasileiro. Por toda a parte, os Exmos. Revmos. Srs. Bispos se estão dirigindo à Santa Sé, para lhe atestar a solidariedade filial nesse transe doloroso. Devemos seguir o exemplo de nossos Pastores, e, não podendo telegrafar à Europa, devemos, às centenas, aos milhares, às centenas de milhares, telegrafar à Nunciatura Apostólica, exprimindo ao incólito representante do Santo Padre todos os sentimentos da opinião católica brasileira nessa emergência dolorosa em que se encontra no momento. A nosso ver, o setor de Ação Católica, a associação religiosa que não tiver telegrafado à Nunciatura Apostólica não pode estar contente consigo mesma. Há um dever inadiável, que ela tem de cumprir quanto antes. Quando algum dia essas mensagens chegarem até os pés do Soberano Pontífice, ele verá que São Paulo foi nesses dias uma só alma e um só coração em torno dele. O Pontífice sorrirá certamente de complacência e ternura, e nos abençoará. Esse sorriso e essa bênção serão o próprio sorriso, a própria bênção de Jesus.

Figura 9 - Fac-símile do artigo "A guerra e o corpo místico"

ARTIGO 04**“Regina Pacis” in Legionário, nº 666 de 13 de maio de 1946.*****Regina Pacis***

Não é sem um desígnio da Providência que a paz se firma precisamente no mês de maio, consagrado a Maria Santíssima pela piedade universal, e isto pouco depois de ter o Santo Padre recomendado a intercessão à gloriosa Mãe de Deus para alcançar a paz.

Esta guerra foi sobretudo uma luta ideológica em que se procurou apertar entre as farpas de um terrível dilema a opinião católica: ou nazismo ou comunismo. Nossa Senhora, que “esmagou todas as heresias no mundo inteiro”, quis que no mês de Maria se quebrasse uma das pontas: morreu o nazismo. Devemos agora pedir-Lhe que quebre a outra ponta, e esmague o comunismo.

Não se pense, a este respeito, que a paz dessa gloriosa Rainha é a paz dos charcos e dos pântanos. É a paz do céu, que brilha em todo o seu esplendor, enquanto no inferno o mal, manietado e esmagado, padece tormentos eternos. Por isto, a Rainha da Paz é por excelência a Rainha da Vitória, que conduz ao triunfo, entre terríveis lutas, as ovelhas de Cristo.

Essas lutas são entre os filhos de Maria e os filhos da serpente, separados entre si por uma irredutível inimizade. É sobre tal inimizade que escreveu o Bem-aventurado Grignon de Montfort:

“Inimicitias ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen illius; ipsa conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcaneo ejus” (Gen, 3.5) “Porei inimizades entre ti e a mulher, entre sua descendência e a tua; ela te esmagará a cabeça e armá-lhe-á ciladas ao calcanhar”.

Nunca Deus fez e formou senão uma inimizade, mas esta é irreconciliável e há de durar e mesmo aumentar até ao fim: a inimizade entre Maria, sua digna Mãe, e o demônio; entre os filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e sequazes de Lúcifer; de modo que Maria é a mais terrível inimiga que Deus armou contra o demônio. Ele lhe deu até, desde o paraíso, tanto ódio a esse amaldiçoado inimigo de Deus, tanta clarividência para descobrir a malícia dessa velha serpente, tanta força para vencer, esmagar e aniquilar esse ímpio orgulhoso, que o temor que Maria inspira ao demônio é maior que o que lhe inspiram todos os anjos e homens e, em certo

sentido, o próprio Deus. Não que a ira, o ódio, o poder de Deus não sejam infinitamente maiores que os da Santíssima Virgem, pois as perfeições de Maria são limitadas, mas, em primeiro lugar, Satanás, porque é orgulhoso, sofre incomparavelmente mais, por ser vencido e punido pela pequena e humilde escrava de Deus, cuja humildade o humilha mais que o poder divino; segundo, porque Deus concedeu a Maria tão grande poder sobre os demônios, que, como muitas vezes se viram obrigados a confessar, pela boca dos possessos, infunde-lhes mais temor um só de seus suspiros por uma alma, que as orações de todos os santos; e uma só de suas ameaças que todos os outros tormentos.

O que Lúcifer perdeu por orgulho, ganhou Maria por humildade. O que Eva condenou e perdeu pela desobediência, salvou-o Maria pela obediência. Eva, obedecendo à serpente, perdeu consigo todos os seus filhos e os entregou ao poder infernal; Maria, por sua perfeita fidelidade a Deus, salvou consigo todos os seus filhos e servos e os consagrou a Deus.

Deus pôs não somente inimizade, mas inimizades, não só entre a Virgem e o demônio, porém entre a descendência de Maria Santíssima e a descendência do demônio. Quer dizer, Deus estabeleceu inimizades, antipatias e ódios secretos entre os verdadeiros filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e escravos do demônio. Não há entre eles a menor sombra de amor, nem correspondência íntima existe entre uns e outros. Os filhos de Belial, os escravos de Satã, os amigos do mundo (pois é a mesma coisa) sempre perseguiram até hoje e perseguirão no futuro aqueles que pertencem à Santíssima Virgem, como outrora Caim, perseguiu seu irmão Abel, e Esaú, seu irmão Jacob, figurando os réprobos e os predestinados. Mas a humilde Maria será sempre vitoriosa na luta contra esse orgulhoso, e tão grande será a vitória final que ela chegará ao ponto de esmagar-lhe a cabeça, sede de todo o orgulho. Ela descobrirá sempre sua malícia de serpente, desvendará suas tramas infernais, desfará seus conselhos diabólicos, e até ao fim dos tempos garantirá seus fiéis servidores contra as garras de tão cruel inimigo.

Mas o poder de Maria sobre todos os demônios há de patentear-se com mais intensidade, nos últimos tempos, quando Satanás começar a armar insídias ao seu calcanhar, isto é, aos seus humildes servos, aos seus pobres filhos, os quais ela suscitará para combater o príncipe das trevas. Eles serão pequenos e pobres aos olhos do mundo, e rebaixados diante de todos como o calcanhar, calcados e perseguidos como o calcanhar em comparação com os outros membros do corpo.

Mas, em troca, eles serão ricos em graças de Deus, graças que Maria lhes distribuirá abundantemente. Serão grandes e notáveis em santidade diante de Deus, superiores a toda criatura, por seu zelo ativo, tão fortemente amparados pelo poder divino, que, com a humildade de seu calcanhar e em união com Maria, esmagarão a cabeça do demônio e promoverão o triunfo de Jesus Cristo.

Finalmente Deus quer que sua Mãe Santíssima seja agora mais conhecida, mais amada, mais honrada do que nunca.

Mas quem serão esses servidores, esses escravos e filhos de Maria?

Serão ministros do Senhor ardendo em chamas abrasadoras, que lançarão por toda parte o fogo do divino amor.

Serão “*sicut sagittae in manu potentes*” (SI, 126, 4) - flechas agudas nas mãos de Maria todo-poderosa, pronta a traspasar seus inimigos.

Serão filhos de Levi, bem purificados no fogo das grandes tribulações, e bem colados a Deus, que levarão o ouro do amor no coração, o incenso da oração no espírito, e a mirra da mortificação no corpo e que serão em toda parte para os pobres e os pequenos o bom odor de Jesus Cristo, e para os grandes, os ricos e os orgulhosos do mundo, um odor repugnante de morte.

Serão nuvens trovejantes esvoaçando pelo ar ao menor sopro do Espírito Santo, que, sem apegar-se a coisa alguma nem admirar-se de nada, nem preocupar-se, derramarão a chuva da palavra de Deus e da vida eterna. Trovejarão contra o pecado, e lançarão brados contra o mundo, fustigarão o demônio e seus asseclas, e, para a vida ou para a morte, traspasarão lado a lado, com a espada de dois gumes da palavra de Deus (cf. Ef 6, 17), todos aqueles a quem forem enviados da parte, do Altíssimo.

58. Serão verdadeiros apóstolos dos últimos tempos, e o Senhor das virtudes lhes dará a palavra e a força para fazer maravilhas e alcançar vitórias gloriosas sobre seus inimigos; dormirão sem ouro nem prata, e, o que é melhor, sem preocupações, no meio dos outros padres, eclesiásticos e clérigos, “*inter medios clericos*” (SI, 67, 14) e, no entanto, possuirão as asas prateadas da pomba, para voar, com a pura intenção da glória de Deus e da salvação das almas, aonde os chamar o Espírito Santo, deixando após si, nos lugares em que pregarem, o ouro da caridade que é o cumprimento da lei (Rom 13, 10).

59. Sabemos, enfim, que serão verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, andando nas pegadas de sua pobreza e humildade, do desprezo do mundo e

caridade, ensinando o caminho estreito de Deus na pura verdade, conforme o santo Evangelho, e não pelas máximas do mundo, sem se preocupar nem fazer acepção de pessoa alguma, sem poupar, escutar ou temer nenhum mortal, por poderoso que seja. Terão na boca a espada de dois gumes da palavra de Deus; em seus ombros ostentarão o estandarte ensanguentado da cruz, na direita, o crucifixo, na esquerda o rosário, no coração os nomes sagrados de Jesus e de Maria, e, em toda a sua conduta, a modéstia e a mortificação de Jesus Cristo.

Eis os grandes homens que hão de vir, suscitados por Maria, em obediência às ordens do Altíssimo, para que o seu império se estenda sobre o império dos ímpios, dos idólatras e dos maometanos. Quando e como acontecerá?... Só Deus o sabe... Quanto a nós, cumpre calar-nos, orar, suspirar e esperar: *Exspectans exspectavi* (Sl, 39, 2)".

"REGINA PACIS"

Não é sem um designio da Providencia, que a paz se firma precisamente no mês de Maio, consagrado a Maria Santissima pela piedade universal, e isto pouco depois de ter o Santo Pad'e recomendado a intercessão a gloriosa Mãe de Deus, para alcançar a Paz.

Esta guerra foi sobretudo uma luta ideologica, em que se procurou apertar entre as "arpas de um terrivel dilema a opinião catolica: ou nazismo ou comunismo. Nossa Senhora, que "esmagou todas as heresias no mundo inteiro", quiz que no mês de Maria se quebrasse uma das pontas: morreu o nazismo. Devemos agora pedir-Lhe que cubra a outra ponta, e esmague o comunismo. Não se pense, e este respeito, que a Paz dessa gloriosa Rainha é a paz dos "harcos e dos pantanos. E' a paz do Céu, que brilha em todo o seu esplendor, enquanto no inferno o mal, mantido e esmagado, padece tormentos eternos. Por isto, a Rainha da Paz é por excelencia a Rainha da Vitoria, que conduz ao triunfo entre terribes lutas, as ovelhas de Cristo.

Essas lutas são entre os filhos de Maria e os filhos da serpente, separados entre si por uma irreductivel inimidade. E' sobre tal inimidade, que escreveu o Bemaventurado Gignion de Montfort:

★

Inimicitias ponam inter te et matrem tuam, et semen tuum et semen filii tui, ipsa conte t caput tuum, et tu insidias habes calcaneo ejus (Gn 3, 15): "Poréi inimizadas entre ti e a mulher, entre sua descendencia e a tua; ela te esmagará a cabeça e armar-lhe-ás ciladas ao calcanhar".

Nunca Deus fez e formou senão uma inimidade, mas esta é irreconciliavel e há de durar e mesmo acentuar até ao fim: entre Maria, sua digna Mãe, e o demonio; entre os filhos e servos da santissima Virgem, e os filhos e sequazes de Lucifer, de modo que a mais terrivel das inimigas feitas por Deus contra satanaz é Maria, sua Mãe santissima; deu-lhe mesmo, desde o paraizo terrestre, embora ela só em sua mente existisse, tanta aversão a esse maldito inimigo de Deus, tanta industria para descobrir a malicia dessa serpente antiga, tanta força para vencer, abater e esmagar esse soberbo impio, que ele a teme mais, não só do que a todos os anjos e homens, mas, de um certo modo, do que ao proprio Deus: não é que a ira, o odio e o poder de Deus não sejam infinitamente maiores que os da santissima Virgem, pois que as perfeições de Maria são limitadas; mas é: 1.º porque satanaz, em sua soberbia, sofre infinitamente mais em ser vencido e punido por uma pequena e humilde serva de Deus. ...Ja humidade o humilha mais que o poder divino; 2.º porque Deus conferiu a Maria um poder tão grande contra os demonios, que estes receiam mais, como eles mesmos se têm visto muitas vezes obrigados a confessar, mau grado seu, pela boca dos possessos, um só de seus suspiros por uma alma, do que as rogativas de todos os santos, e uma só de suas ameaças contra eles do que todos os outros tormentos.

O que Lucifer perdeu por orgulho, ganhou Maria por humildade; o que Eva condenou e perdeu por desobediencia, salvou Maria por obediencia. Eva, obedecendo á serpente, perdeu-se e a todos os seus filhos, e entregou-os ao demonio; Maria, por sua perfeita fidelidade a Deus, salvou-se e a todos os seus filhos e consagrou-os á majestade do mesmo Deus.

★

Deus pôs não somente uma inimidade, porem *inimicitias*, não só entre a Virgem e o demonio, porem entre a descendencia de Maria santissima e a descendencia do demonio: isto é, Deus pôs inimidades, antipatias e odios secretos entre os verdadeiros filhos e servidões de



Nossa Senhora dos herejes

Maria, e os filhos e escravos do demonio; eles não se amam mutuamente, não têm correspondencia interior entre si. Os filhos de Belial, os escravos de satanaz, os amigos do mundo (porque é a mesma coisa), têm sempre perseguido até hoje e hão de perseguir mais que nunca áquelas e áquelas que pertencem á santissima Virgem, como Caim per-

seguiu outrora a seu irmão Abel, e Eadã a seu irmão Jacó, os quais são figuras dos reprobos e dos predestinados. Mas a humilde Maria triunfará sempre desse orgulho, e tão grande será sua vitoria, que irá até esmagar-lhe a cabeça, sede do mesmo orgulho; descobrir-lhe-á sempre sua malicia de serpente; divulgará sempre suas infernais maquinações,

dissipará seus conselhos diabolicos, e, até ao fim dos tempos, preservará de suas garras cruéis os filios servidões.

Mas o poder de Maria sobre todos os demonios patentear-se-á com mais fulgor nos ultimos tempos, quando satanaz lhe armar ciladas ao calcanhar, isto é, a seus humildes escravos e a seus pobres filhos, que serão suscitados por ela para fazer-lhe guerra. Eles serão pequenos e pobres aos olhos do mundo, abalados diante de todos como o calcanhar em relação aos outros membros do corpo; mas, em compensação, serão ricos das graças de Deus, que lhes serão abundantemente distribuidas por Maria; grandes e illustres em santidade perante Deus, superiores a toda a criatura por seu vigoroso zelo e tão fortemente escudados pelo divino socorro, que, com a humildade de seu calcanhar, em união com Maria, esmagará a cabeça da infernal serpente e farão triunfar Jesus Cristo.

★

Finalmente, Deus quer que sua Mãe santissima seja agora mais conhecida, amada e honrada do que nunca.

Mas, quem serão os servidões, escravos e filhos de Maria?

Serão ministros do Senhor devotados por um fogo ardente, os quais atearão por toda a parte o incendio do amor divino.

Serão, *sicut sagittae in manu potentis*, flechas agudas nas mãos da poderosa Maria, para traspassar seus inimigos.

Serão filhos de Levi, bem purificados no crisol das grandes tribulações, e bem unidos a Deus, e que trarão o ouro da caridade no coração, e o incenso da oração no espirito, no corpo a mirra da mortificação; eles serão por toda parte, o aroma de Jesus Cristo para os pobres e para os pequenos, no passo que, exalarão effluvios de morte para os grandes, para os ricos e para os orgulhosos mundanos.

Serão nuvens tonitróicas que esvoaçarão pelos ares ao menor sopro do Espírito Santo e que, sem se apegarem a coisa alguma, sem se porem nem preoccuparem de nada, derramarão a chuva da palavra de Deus e da vida eterna; tropejarão contra o pecado, bradarão contra o mundo, fustigarão o demonio e seus partidarios e traspassarão de lado a lado para a vida ou para a morte, com o gladio de dois gumes da palavra de Deus, a todos aqueles a quem forem enviados da parte do Altissimo.

Serão verdadeiros apóstolos dos ultimos tempos, a quem o Senhor das virtudes dará a palavra e a força para operar maravilhas e alcançar vitorias sobre seus inimigos; hão de dormir sem ouro nem prata, e ainda mais, sem cuidados, no meio dos outros Padres, eclesiasticos e clerigos, *inter medios clericos*, (1) e entretanto, possuirão as asas pretocadas da pomba, para irem, com a pura intenção da gloria de Deus e da salvação das almas, aonde forem chamados pelo Espírito Santo; e, nos lugares onde pisarem só, deixarão após si o ouro da caridade, que é o cumprimento de toda a lei.

Enfim, sabemos que serão verdadeiros discipulos de Jesus Cristo e que, imitando-o na pobreza, humildade, caridade e no desprezo do mundo, ensinarão o caminho estreito de Deus na pura verdade, segundo o santo Evangelho, e não segundo as maximas do mundo, sem receios, sem fazer acção de pessoas, sem poupar, sem escutar-nem temer ninguém, por mais poderoso que seja. Terão na boca o gladio de dois gumes da palavra de Deus; trarão aos ombros o estandarte ensanguentado da cruz, com o crucifixo na mão direita, o rosario na esquerda, no coração os sagrados nomes de Jesus e de Maria, e a modestia e mortificação de Jesus Cristo em todo o seu proceder.

★

Tais serão os grandes homens que hão de aparecer no mundo; e Maria há de assisti-los por ordem do Altissimo para estender seu imperio sobre o dos impios idolatras e maometanos. Quando e como acontecerá isso? ... Só Deus o sabe; quanto a nós, conservemo-nos silenciosos, orando, suspirando e esperando: *Expectans expectavi* (2).

(1) Sl 67, 14.
(2) Sl 39, 1.

ARTIGO 05**“Glória a Deus no Céu, e paz na terra aos homens de boa vontade”*****in* Legionário, nº 224 de 27 de dezembro de 1936****Glória a Deus no Céu, e paz na terra aos homens de boa vontade**

Enquanto os Anjos de nossos piedosos presepes ostentam dísticos em que se lê: “Glória a Deus nos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade”, a imprensa diária está cheia de notícias terríveis que destoam tristemente da promessa angélica. Há, no mundo contemporâneo, três grandes correntes que se convencionou chamar da esquerda, do centro e da direita. Em nenhuma delas, o Cristo, se nascesse hoje, poderia encontrar refúgio seguro.

Nos arraiais da esquerda, o Natal será comemorado com horríveis sacrilégios. Os túmulos violados; a santidade dos lugares sagrados profanada; as imagens, outrora veneradas, hoje atiradas à fogueira, por entre horríveis imprecações; as famílias destroçadas; a honra imaculada das virgens de Deus ou do lar, entregue a um bando de salteadores infrenes; a velhice abandonada sem defesa à sanha criminosa de bandidos que causariam horror ao próprio Barrabás. É assim que a “esquerda” comemora o Santo Natal.

No centro liberal, o espetáculo, sem ser tão negro, não deixa de ser profundamente triste. O Sr. Blum tenta roubar à Igreja a sua gloriosa Primogênita. E atíça em surdina as brasas com que reeditará na França os horrores da Espanha. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, em outros países menos distantes, a política liberal fecha os olhos à propaganda comunista, manifestando cegueira que confina a um tempo com a covardia de Pilatos e a ganância de Judas. Alguns lavam as mãos, dizendo-se irresponsáveis pelos desatinos de uma multidão que lhes caberia jugular. Outros, com o beijo do Judas, traem a Igreja Católica, abandonando-a nas mãos de seus inimigos, tintas de sangue.

Na direita, o Sr. Hitler já tem, para o Cristo, preparada uma Cruz. Apenas, para não ser muito arcaico, deu ao seu instrumento de tortura um “it” de modernismo: a forma suástica.

Na Itália, os Rocos e os Croces, os Gentiles, procuram lançar contra Cristo o novo César, como os judeus intrigavam os Imperadores Romanos com os primeiros cristãos.

Por toda a parte, só encontramos ódio, rancor, perseguição.

E, no entanto, cumpre que não desanimemos. Não seríamos dignos da graça inestimável do Batismo que recebemos se permitíssemos que o pânico se apoderasse de nós. Nem na ordem natural, nem na ordem sobrenatural, há motivos que justifiquem a inércia e o pessimismo.

O que a Igreja espera, hoje em dia, de seus filhos, é a realização de uma tarefa ao mesmo tempo muito grande e muito simples. Ela quer que todos os católicos (os católicos dignos desse nome, e não a turbamulta dos pagãos que usam rótulo católico), com uma persuasão vigorosa e magnífica, se ergam no tumulto do mundo contemporâneo, proclamando o Cristianismo como seu único Salvador.

Único, dissemos. E insistimos sobre esta palavra.

Erraria crassamente, quem supusesse que o Cristo só veio salvar a humanidade de seu tempo. Em todos os tempos, em todos os países, para todos os povos, em todos os perigos, em todas as dificuldades, apesar de todos os pecados, Cristo é o único Salvador.

Os países democráticos pensam que podem atingir a prosperidade e a paz por meio de pequenas receitas políticas em que misturam, em doses variáveis, a autoridade e a liberdade. Loucura e ilusão. Se eles não aceitarem as normas sociais e morais da Igreja, se não derem ao catolicismo a influência preponderante a que tem direito, não escaparão à ruína. De reforma em reforma, rolarão para o abismo.

Os países da “direita” pensam que o braço vigoroso de um ditador lhes pode restituir a felicidade. Loucura, ainda e ilusão. Porque o maior homem do mundo, dotado da mais lúcida inteligência, da mais alta moralidade, da mais vigorosa energia, do mais formidável poder, não conseguiria organizar convenientemente um povo que vivesse entregue à anarquia intelectual e efetiva que, fora da Igreja, é inevitável. Um povo é um conjunto de homens. Um povo disciplinado não pode ser composto de homens anarquizados no mais íntimo do seu ser, como um copo de água pura não pode constar de um conjunto de gotas de água impuras.

Cristo como base da civilização, e as formas do governo como aspectos secundários e acidentais da vida de um povo, eis aí uma das grandes lições do Natal.

Mas, dirá alguém, Cristo é um Salvador ausente. Eternamente mudo, atrás da cortina de nuvens que o escondem no Céu. Ele não se mostra à humanidade aflita. E esta então corre à busca de outros pastores.

É horrível dizer-lo, mas há entre católicos quem fale assim. Há ainda quem não ouse falar, mas pense assim. E há quem não ouse pensar, mas sinta assim!

Daí o existirem católicos que tem mais esperança na ação da democracia ou das direitas, do que na ação do Cristo.

Ah! São esses os corações que recebem a visita eucarística do Cristo, mas não recebem o seu Espírito: *"in propria venit, et sui eum non receperunt"*.

Ah! São esses os corações que ouvem a palavra do Cristo, vinda do Vaticano, e não conhecem na voz do Papa o timbre da voz de Deus. A palavra do Papa ecoa no mundo, e o mundo não a conhece: **"lux in tenebrae lucet, et tenebrae eam non cognoverum"**.

O Cristo, para o bom católico, não está ausente. Na Eucaristia, Ele está tão realmente quanto esteve na Judéia. E do Vaticano fala tão verdadeiramente, quanto falou ao Povo de Israel.

A Igreja é tão seguramente guiada pelo Cristo em 1936, quanto o eram os Apóstolos, antes da Ascensão.

O que o Cristo quer fazer, fá-lo por meio da Igreja. O que o Cristo quer dizer, di-lo por meio do Papa. Logo, a Igreja em certo sentido é onipotente e onisciente porque é instrumento da onipotência e porta-voz da onisciência de Deus.

Se Cristo é o Salvador único, a Salvação virá da Igreja.

Trabalhar, lutar, sofrer, rezar, imolar-se ou sacrificar-se alegremente pela Igreja, deve ser o fruto desta meditação de Natal.

Porque todas as causas e todos os ideais devem vir depois da suprema Causa e do supremo ideal da Igreja.

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS, E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE.

Um dos erros mais frequentes entre católicos consiste em considerar a missão do Salvador como definitivamente encerrada com a sua Ascensão ao Céu.

Em geral, supõe o povo que, tendo subido ao Céu, Jesus Cristo deu por finda a obra redentora para cuja realização veio à terra. E a Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo é hoje um episódio histórico do passado, tão distante de nós quanto as guerras de Augusto ou a morte de Cleópatra.

Desse erro fundamental decorre outro ainda mais grave...

Enquanto os Anjos proclamam a glória de Deus, os comunistas profanam os restos de seus servos. Enquanto os Anjos almejam “paz na terra aos homens de boa vontade”, a civilização burguesa materialista arma-se para uma hecatombe.

LEGIÓNARIO

JORNAL DOS TEMPOS PRESENTES

Christus heri et hodie, ipse et in saecula (Hebr. XIII-8)

Director:
Pílnio Corrêa de Oliveira

NUMERO AVULSO \$200
Tel.: 2-7276 e 5-5792 - Cx. Postal 3471

Director-gerente:
José Filinto da Silva Junior

Gloria a Deus no Céu, e paz na terra aos homens de boa vontade

Emquanto os Anjos de nossos piedosos presepes ostentam distintos, em que se lê: "Gloria a Deus nos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade", a imprensa diária está cheia de noticias terríveis que destoam tristemente da promessa angelica.

Ha, no Mundo contemporaneo, tres grandes correntes, que se convencionou chamar da esquerda, do centro e da direita. Em nenhuma dellas, o Christo, se nascesse hoje, poderia encontrar refugio seguro.

Nos arraiaes da esquerda, o Natal será commemorado com horribéis sacrilegios. Os tumulos violados; a santidade dos logares sagrados profanada; as imagens, outr'ora veneradas, hoje atiradas á fogueira, por entre horribéis imprecções; as familias destróadas; a honra immaculada das virgens de Deus ou do lar, entregue a um bando de salteadores infrenes; a velhice abandonada sem defeza, á sanha criminosa de bandidos que causaríam horror ao proprio Barrabas. E' assim que a "esquerda" commemora o Santo Natal.

No Centro liberal, o espectáculo, sem ser tão negro, não deixa de ser profundamente triste. O Sr. Blum tenta roubar á Igreja a sua gloriosa Primogenita. E atica em surdina as brazas com que reeditará na França os horrores da Hespanha. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, em outros paizes menos distantes, a politica liberal fecha os olhos á propaganda comunista, manifestando cegueira que confina a um tempo com a covardia de Pilatos e a ganancia de Judas. Alguns lavam as mãos, dizendo-se irresponsaveis pelos desatinos de uma multidão que lhes caberia jugular. Outros, com o beijo de Judas, trahem a Igreja Catholica, abandonando-a nas mãos de seus inimigos, tintas de sangue.

Na direita, o Sr. Hitler já tem, para o Christo, preparada uma

Na Italia, os Rôcos e os Crocees, os Gentiles, procurám lançar contra Christo o novo Cesar, como os judeus intrigavam os Imperadores Romanos com os primeiros christãos.

Por toda a parte, só encontramos odio, rancor, perseguição.

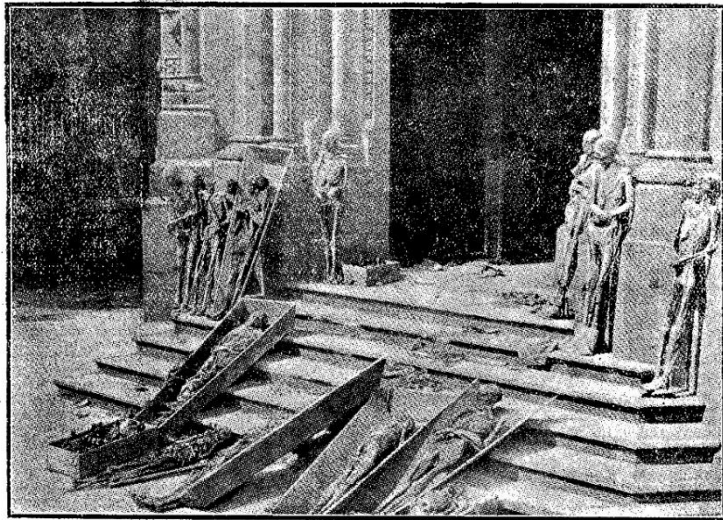
E, no entanto, cumpre que não dosanimemos. Não seríamos dignos da graça inestimavel do Baptismo que recebemos,

um dictador lhes pode restituir a felicidade. Loucura, ainda, e illusão. Porque o maior homem do mundo, dotado da mais lucida intelligencia, da mais alta moralidade, da mais vigorosa energia, do mais formidavel poder, não conseguiria organizar convenientemente um povo que vivesse entregue á anarchia intellectual e efectiva que, fóra da Igreja, é inevitavel. Um povo é um conjunto de homens. Um

deiramente, quanto fallou ao Povo de Israel.

A Igreja é tão seguramente guiada pelo Christo em 1936, quanto o eram os Apostolos, antes da Ascensão.

O que o Christo quer fazer, fal-o por meio da Igreja. O que o Christo quer dizer, dil-o por meio do Papa. Logo, a Igreja em certo sentido é omnipotente e omnisciente, porque é instrumento da omnipotencia e



Emquanto os anjos proclamam a gloria de Deus, os comunistas profanam os restos de seus servos.

Emquanto os anjos almejam "paz na terra aos homens de boa vontade", a civilização burguesa materialista arma-se para uma hecatombe.

porta-voz da omniscencia de Deus.

Se Christo é o Salvador unico, a Salvação virá da Igreja.

Trabalhar, lutar, soffrer, rezar, immolar-se e sacrificar-se alegremente pela Igreja, deve ser o fructo desta meditação de Natal.

Porque todas as causas e todos os ideaes devem vir depois da suprema Causa e do supremo Ideal da Igreja.

GLORIA A DEUS NAS ALTURAS. E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE.

Um dos erros mais frequentes entre catholicos consiste em considerar a missão do Salvador como definitivamente encerrada com a sua Ascensão ao Céu.

Em geral, suppõe o povo que, tendo subido ao Céu, Jesus Christo deu por finda a obra redemptora para cuja realisação veio a terra. E a Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo é hoje um episodio historico do passado, tão distante de nós quanto as guerras de Augusto ou a morte de Cleopatra.

Desse erro fundamental, decorre outro ainda mais grave.

Figura 11 - Fac-símile do artigo "Glória a Deus..."

ARTIGO 06**“À margem da crise” in Legionário, No 315 de 25 de setembro de 1938.****À Margem da Crise**

Como deve um católico considerar os últimos acontecimentos europeus? É esta a questão que tem acudido a numerosos amigos que tem desejado conhecer o ponto de vista exato do “Legionário” a este respeito.

Respondendo a esta questão, procuremos, com imparcialidade própria a católicos, examinar a questão.

Desde logo, impõe-se que distingamos, na recente crise centro-européia, três grupos de questões perfeitamente diversos: 1) como deve o católico considerar as consequências ideológicas dos últimos triunfos do eixo Roma-Berlim? 2) como deve o católico considerar a violação dos tratados firmados entre diversas potências europeias e a Checoslováquia? 3) como deve o católico considerar, sob o ponto de vista de seus fins e resultados, os voos políticos do Sr. Chamberlain?

Examinemos uma por uma, estas questões.

Nenhum católico digno desse nome pode duvidar de que o nazismo representa, no mundo contemporâneo, um perigo doutrinário imenso, que ameaça atirar as almas a um paganismo tão funesto e tão completo que até mesmo os espíritos os mais moderados se sentem inclinados a afirmar que o nazismo em nada é preferível ao comunismo.

Ainda recentemente, estive lendo uma obra magistral muito documentada, “*Le Retour Offensif du Paganisme*”, de Gustavo Combés. Com citações dos mais qualificados representantes do nazismo, e principalmente do Sr. Hitler, mostra aquele autor que o nazismo realizou um prodígio de incongruência com a elaboração de uma doutrina ao mesmo tempo ateia e idólatra, em que o sangue, a raça e o solo são adorados como deuses. Ora, ter tais deuses é ser ateu, mas, ao mesmo tempo, é ser idólatra.

Esta idolatria gera, no terreno político e social, consequências tão profundamente diversas das do Evangelho que a sociedade integralmente nazista tem de ser necessariamente uma sociedade integral, irremediável e ferozmente anticristã.

É incontestável que o comunismo é a antítese do Catolicismo. Mas o nazismo, por seu lado, constitui outra antítese da doutrina católica, muito mais próxima do comunismo do que qualquer destes do Catolicismo.

Isto posto, qualquer alastramento de influência nazista na Europa Central deve ser visto pelos católicos exatamente com os olhos com que a Igreja, na Idade Média, considerava os avanços dos muçulmanos no centro europeu. São hordas anticristãs que se avolumam e que se estendem. Nas almas seus efeitos são idênticos aos das patas do cavalo de Átila: por onde passam, esterilizam, matam e extinguem toda vitalidade espiritual.

Tanto mais perigosa se torna esta influência quanto observarmos que a projeção da doutrina nazista não constitui um perigo apenas para os povos de língua alemã mas para todos os outros povos. Haja vista a Itália, que caminha a passos largos para a aplicação da doutrina racista na sua íntegra, e que toma neste particular atitudes cada vez mais suspeitas, como a do Sr. Mussolini no seu discurso de Trieste.

Os católicos, portanto, sejam eles brasileiros, italianos, alemães, turcos ou chineses, devem deplorar profundamente o avanço de Hitler pela Europa Central. Qualquer nacionalismo que transforme em júbilo este justíssimo pesar, é um ato de desamor a Deus. Porque se Deus dever ser amado acima de todas as coisas, a Santa Igreja deve ser colocada acima de qualquer pátria terrena.

Isto posto, façamos outra pergunta: se o Sr. Hitler não fosse nazista, se não fosse um heresiarca impregnado de ódio contra a Igreja, como deveriam os católicos considerar suas reivindicações territoriais?

Postos de lado, nesta hipótese, os supremos e impostergáveis direitos da Igreja, temos uma questão moral a resolver, que seria a seguinte: até que ponto tem a Alemanha a obrigação de respeitar o tratado de Versalhes? E, ao lado desta questão, teríamos outra: até que ponto estavam a França e a Inglaterra obrigadas a respeitar seus compromissos para com a Checoslováquia?

Os princípios católicos, nesta matéria, são claros. A grande dificuldade consiste em ver com clareza os fatos, para que sobre eles se apliquem com precisão e lógica os princípios.

É óbvio que um tratado é coisa sagrada, que obriga gravemente a todas as potências contratantes.

A imprensa alemã sustenta, entretanto, que a Checoslováquia criou condições de vida insuportáveis para os sudetos, e que estes adquiriram, com isto, o direito de reivindicar sua incorporação ao Reich.

Provada essa afirmação da imprensa alemã, realmente ninguém se poderia legitimamente opor ao “*Anschluss*” dos sudetos, porque o Tratado de Versalhes nunca poderia obrigar validamente um povo a se submeter a condições de vida insuportáveis - tomo a palavra no seu sentido etimológico e literal - isto é, que ninguém pudesse suportar.

Há aí, pois, uma questão de fato a ser apurada. Serão insuportáveis essas condições de vida? Serão verídicas as informações da imprensa alemã? Nesta questão de fato, a doutrina católica não entra, e a Santa Igreja não se pronunciou. Cada católico pode, pois, achar o que entender.

Minha impressão pessoal, no entanto, é de que há ao menos 90% de probabilidade de que essas condições de vida não eram insuportáveis, e de que, como de costume, a imprensa nazista mentiu, e mentiu escandalosamente. Para mim, pois, parece probabilíssimo que, com a Checoslováquia, o Sr. Hitler fez o que fez em inúmeras outras ocasiões de sua vida: desonrou a palavra oficial e inviolável do Reich. E com isto fica tudo dito.

Vamos agora ao “caso” Chamberlain-Daladier. Agiram bem os “premiers” inglês e francês, abandonando o camundongo tcheco à ferocidade dos leões?

A França, sobretudo, tinha para com a Checoslováquia os mais sagrados compromissos. No que se convencionou chamar a “hora h”, ela os rompeu. Andou bem?

[Trecho ilegível] sobre as quais a Igreja não se pronunciou, e em relação às quais os católicos são livres de opinar, sendo, entretanto, obrigados a fazê-lo com sinceridade, imparcialidade e honestidade.

Se realmente se acha que o sacrifício da Checoslováquia poderia trazer a paz ao mundo, a França e a Inglaterra tinham todo o direito de suspender o cumprimento de suas obrigações. O infortúnio tcheco, por mais deplorável que seja, não pode obrigar a França e a Inglaterra a transformarem a Europa e quiçá o mundo inteiro em um montão de ruínas.

O bem geral deve ceder ante o bem particular. O compromisso franco-tcheco nunca poderia ser interpretado imoralmente, de forma a justificar o arrasamento do mundo em benefício de um povo.

É verdade que a política dos Srs. Chamberlain e Daladier adiaram a guerra? A este respeito, achem os católicos o que quiserem. Minha opinião individual é de que, de alguns dias, a guerra foi adiada. Mas que essa paz mais do que precária foi comprada por um preço absurdo, e que o recuo franco-inglês revela uma miopia assombrosa.

Como o "*Osservatore Romano*", achamos simpático o gesto do Sr. Chamberlain de ir a Berchtesgaden conferenciar com o *Führer*. Era um supremo esforço para manter a paz razoável e duradoura. Mas o que resultou desse esforço é uma paz tão precária e tão vã que não compreendemos como o Sr. Chamberlain teve coragem de pedir para ela o concurso e o apoio do Rei e dos ministros ingleses.

Aliás, tanto quanto nos consta, também foi só a viagem de Chamberlain que o "*Osservatore*" elogiou, mas a folha do Vaticano manteve silêncio quanto às consequências desta viagem.

Quanto à Checoslováquia, individualmente, não posso deixar de elogiar e admirar a coragem de seus filhos.

Resumindo, fizemos as seguintes proposições:

I) - Todos os católicos são absolutamente obrigados a deplorar o alastramento do nazismo pela Europa Central;

II) - Quanto à atitude do Sr. Hitler, impondo a anexação, meu juízo pessoal é de que é francamente imoral, mas tratando-se de questões de fato, devo ter a lealdade de acentuar que esse meu juízo é exclusivamente pessoal, e que a Igreja não opinou a respeito;

III) - Quanto à atitude do Sr. Chamberlain, pareceu-me simpática enquanto teve o aspecto de uma tentativa suprema para a salvaguarda da paz. Hoje, ela aparece como um revoltante gesto de fraqueza, ao qual infelizmente o Sr. Daladier se associou. Para a França, essa fraqueza foi muito mais grave, porque a França tinha tratados sagrados com os tchecos. Mas também essa opinião é puramente pessoal;

IV) – Finalmente, é capital não se esquecer que a Providência pode ter se servido de tudo isto para poupar a guerra ao mundo, intervindo de forma inesperada nos acontecimentos.

A' margem da crise

Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA

Como deve um catholico considerar os ultimos acontecimentos europeus? E' esta a questao que tem accudido a numerosos amigos que tem desejado conhecer o ponto de vista exacto do LEGIONARIO a este respeito.

Respondendo a esta questao, procuremos, com imparcialidade propria a oatholicos, examinar a questao.

Desde logo, impoe-se que distinguamos, na recente crise centro-europea, tres grupos de questoes perfeitamente diversos: 1) como deve o catholico considerar as consequencias ideologicas dos ultimos triumphos do eixo Roma-Berlim? 2) como deve o catholico considerar a violacao dos tratados firmados entre diversas potencias europeas e a Tcheco-Slovaquia? 3) como deve o catholico considerar, sob o ponto de vista de seus fins e resultados, os voos politicos do sr. Chamberlain?

Examinemos, uma por uma, estas questoes.

*

Nenhum catholico digno desse nome pode duvidar de que o nazismo representa, no mundo contemporaneo, um perigo doutrinario immenso, que ameaça atirar as almas a um paganismo tao funesto e tao completo, que até mesmo os espiritos os mais moderados se sentem inclinados a afirmar que o nazismo em nada é preferivel ao comunismo.

Ainda recentemente, estive lendo uma obra magistral muito documentada, "Le Retour Offensif du Paganisme", de Gustavo Combès. Com citações dos mais qualificados representantes do nazismo, e principalmente do sr. Hitler, mostra aquelle autor que o nazismo realizou um prodigio de incongruencia, com a elaboração de uma doutrina ao mesmo tempo athea e idolatra, em que o sangue, a raça e o solo são adorados como deuses. O'ra ter taes deuses é ser atheu, mas, ao mesmo tempo, é ser idolatra.

Esta idolatria gera, no terreno politico e social consequencias tao profundamente diversas das do Evangelho, que a sociedade integralmente nazista tem de ser necessariamente uma sociedade integral, irremediavel e ferozmente anti-christã.

E' incontestavel que o comunismo é a antithese do Catholicismo. Mas o nazismo, por seu lado, constitue outra antithese da doutrina catholica, muito mais proxima do comunismo do que qualquer destes do Catholicismo.

Isto posto, qualquer alastramento de influencia nazista na Europa Central deve ser visto pelos catholicos exactamente com os olhos com que a Igreja, na Edade Media, considerava os avancos dos mussulmanos no centro europeu. São hordas anti-christãs que se avolumam e que se estendem. Nas almas seus efeitos são identicos aos das patas do cavallo de Attila: por onde passam, esterilizam, matam e extinguem toda vitalidade espiritual.

Tanto mais perigosa se torna esta influencia, quanto observarmos que a projecção da doutrina nazista não constitue um perigo apenas para os povos de lingua allemã mas para todos os outros povos. Haja vista a Italia, que caminha a passos largos para a applicação da doutrina racista na sua integra, e que toma neste particular attitudes cada vez mais suspeitas, como a do sr. Mussolini no seu discurso de Trieste.

Os catholicos, portanto, sejam elles brasileiros, Italianos, allemães, turcos ou chinezes, devem deplorar profundamente o avancos de Hitler pela Europa Central. Qualquer nacionalismo que transforme em jubilo este justissimo pezar, é um acto de desamor a Deus. Porque, se Deus deve ser amado acima de todas as coisas, a Santa Igreja deve ser collocada acima de qualquer patria terrena.

*

Isto posto, façamos outra pergunta: se o sr. Hitler não fosse nazista, se não fosse um heresiarcha impregnado de odio contra a Igreja, como deveriam os catholicos considerar suas reivindicacoes territoriales?

Postos de lado, nesta hypothese, os supremos e impostergaveis direitos da Igreja, temos uma questao moral a resolver, que seria a seguinte: até que ponto tem a Alemanha a obrigacao de respeitar o tratado de Versailles? E, ao lado desta questao, teriamos outra: até que ponto estavam a França e a Inglaterra obrigadas a respeitar seus compromissos para com a Tcheco-Slovaquia?

Os principios catholicos, nesta materia, são claros. A grande dificuldade consiste em ver com clareza os factos, para que sobre elles se applicuem com precisão e logica os principios.

E' obvio que um tratado é coisa sagrada, que obriga gravemente a todas as potencias contractantes.

A imprensa allemã sustenta, entretanto, que a Tcheco-

Slovaquia criou condições de vida insupportaveis para os sudjetos, e que estes adquiriram, com isto, o direito de reivindicar sua incorporação ao Reich.

Provada essa affirmação da imprensa allemã, realmente ninguém se poderia legitimamente oppor ao "anschluss" dos suddetos, porque o Tratado de Versailles nunca poderia obrigar validamente um povo a se submitter a condições de vida insupportaveis — tomo a palavra no seu sentido ethymologico e literal — isto é, que ninguém pudesse supportar.

Ha ahí, pois, uma questao de facto a ser apurada. Serão insupportaveis essas condições de vida? Serão veridicas as informacoes da imprensa allemã? Nesta questao de facto, a doutrina catholica não entra, e a Santa Igreja não se pronuncia. Cada catholico pode, pois, achar o que entender.

Minha impressao pessoal, no entanto, é de que ha ao menos 90 % de probabilidade de que essas condições de vida não eram insupportaveis, e de que, como de costume, a imprensa nazista mentiu, e mentiu escandalosamente. Para mim, pois, parece probabilissimo que, com a Tcheco-Slovaquia, o sr. Hitler fez o que fez em innumeradas outras occasoes de sua vida: deshonrou a palavra official e inviolavel do Reich. E com isto fica tudo dito.

*

Vamos agora ao "caso" Chamberlain-Daladier. Agiram bem os "premiers" inglez e francez, abandonando o camomdongo tcheque á ferocidade dos leões?

A França, sobretudo, tinha para com a Tcheco-Slovaquia os mais sagrados compromissos. No que se convencionou chamar a "hora h", ella os rompeu. Andou bem?

bre as quaes a Igreja não se pronunciou, e em relação ás quaes os catholicos são livres de opinar, sendo, entretanto, obrigados a fazel-o com sinceridade, imparcialidade e honestidade.

Se realmente se achu que o sacrificio da Tcheco-Slovaquia poderia trazer a paz ao mundo, a França e a Inglaterra tinham todo o direito de suspender o cumprimento de suas obrigações. O infortunio tcheque, por mais deploravel que seja, não pode obrigar a França e a Inglaterra a transformarem a Europa e quicá o mundo inteiro em um montão de ruinas.

O bem geral deve ceder ante o bem particular. O compromisso franco-tcheque nunca poderia ser interpretado immoralmente, de forma a justificar o arrazamento do mundo em beneficio de um povo.

E' verdade que a politica dos srs. Chamberlain e Daladier adaram a guerra? A este respeito, achem os catholicos o que quizerem. Minha opiniao individual é de que, de alguns dias, a guerra foi adiada. Mas que essa paz mais do que precaria foi comprada por um preço absurdo, e que o recuo franco-inglez revela uma myopia assombrosa.

Como o "Osservatore Romano", achamos sympathico o gesto do sr. Chamberlain, de ir a Berchtesgaden, conferenciar com o Fuehrer. Era um supremo esforço para manter a paz razoavel e duradoura. Mas o que resultou desse esforço é uma paz tao precaria e tao vã, que não comprehendemos como o sr. Chamberlain teve coragem de pedir para ella o concurso e o apoio do Rei e dos ministros inglezes.

Alías, tanto quanto nos consta, também foi só a viagem do Chamberlain, que o "Osservatore" elogiou, mas a folha do Vaticano manteve silencio quanto ás consequencias desta viagem.

Quanto á Tcheco-Slovaquia, individualmente, não posso deixar de elogiar e admirar a coragem de seus filhos.

*

Resumindo, fixemos as seguintes proposições:

I) — Todos os catholicos são absolutamente obrigados a deplorar o alastramento do nazismo pela Europa Central;

II) — Quanto á attitude do sr. Hitler, impondo a annexação, meu juizo pessoal é de que é francamente immoral, mas, tratando-se de questoes de facto, devo ter a lealdade de accentuar que esse meu juizo é exclusivamente pessoal, e que a Igreja não opinou a respeito;

III) — Quanto á attitude do sr. Chamberlain, pareceu-me sympathica emquanto teve o aspecto de uma tentativa suprema para a salvaguarda da paz. Hoje, ella apparece como um revoltante gesto de fraqueza, ao qual infelizmente o sr. Daladier se associou. Para a França, essa fraqueza foi muito mais grave, porque a França tinha tratados sagrados com os tcheques. Mas tambem essa opiniao é puramente pessoal;

IV) — Finalmente é capital não se esquecer que a Providencia pode ter se servido de tudo isto, para poupar a guerra ao mundo, intervindo de forma inesperada nos acontecimentos.

Figura 12 - Fac-símile do artigo "À margem da crise"

ARTIGO 07

“A liberdade da Igreja no dia de amanhã” in Legionário, nº 549 de 14 de fevereiro de 1943.

A liberdade da Igreja no dia de amanhã

As considerações que vínhamos fazendo acerca da liberdade da Igreja em artigos anteriores são, para nós católicos, da mais transcendental importância. Com efeito, é essencial que não percamos de vista nossos mais graves interesses. Estes consistem, para a Igreja, antes de tudo e de mais nada, no direito de viver livremente a sua vida, sem as peias de qualquer restrição. Não há honrarias, vantagens, munificências que possam compensar qualquer prejuízo da liberdade da Igreja. Desta afirmação, temos eloquentíssima prova na análise da situação religiosa da Espanha. Ninguém ignora que desde sua ascensão ao poder, procurou o Gal. Franco entrar em entendimentos com a Santa Sé a respeito das relações entre a Igreja e o Estado. Ofereceu-se o “caudillo” a restaurar todos os privilégios, honras, prerrogativas e vantagens de que gozava na Espanha monárquica o catolicismo. No mundo moderno, não sei de país em que a Igreja fosse cercada de regalias maiores. Entretanto, o “caudillo” pediu em compensação uma só coisa: que a Igreja renunciasse ao direito de escolher livremente os Bispos, aceitando a colaboração do Estado neste assunto. Até agora, a concordata, por este motivo, não foi assinada. É tão alto o preço da liberdade para a Santa Igreja!

Não se pense que advogando a liberdade da Igreja estamos tomando a defesa do liberalismo. Não somos dos que entendem que, quando a Igreja exerce todo o direito que possui de pregar livremente a verdade e o bem, se deve dar à califa dos comunistas, socialistas, etc. idêntica liberdade. Não sabemos porque a liberdade de Nosso Senhor há de gerar necessariamente a de Barrabás. Tranque-se nas masmorras o criminoso, deixando-se livre o Justo. A liberdade não é uma abominável licença para que todos, bons e maus, façam o que entenderem. O Estado liberal comete um crime quando, sob pretexto de liberdade das almas deixa que se preguem os princípios os mais subversivos impunemente. Sua conduta é tão lógica quanto se, sob pretexto de não coarctar a liberdade que tem os vendedores de gêneros alimentícios sadios de fornecer livremente sua mercadoria. ele se declarasse

incompetente para impedir que os vendedores de gêneros deteriorados também vendessem sua mercadoria.

Por isto mesmo, também erraram crassamente certos doutrinadores totalitários europeus quando, sob pretexto de combater o comunismo ou o socialismo, entenderam de policiar também as atividades da Igreja Católica, e ainda mais crassamente erraram certos católicos ingênuos e falhos de princípios que aceitaram de boa mente que se algemassem na ponta de uma corrente a Santa Igreja de Deus, desde que na outra ponta se algemassem os comunistas, corifeus do anticristo. Consentir, em tese, em que a Igreja seja algemada para que também o sejam os seus adversários é absolutamente tão estúpido e tão iníquo quanto entender que Nosso Senhor deveria realmente ter sido crucificado desde que tal fosse necessário para não serem soltos os dois ladrões. Tanto o erro liberal de conceder liberdade ao bem e ao mal, quanto o erro totalitário de oprimir igualmente o bem e o mal, são graves e procedem da mesma raiz. Em presença da Verdade, que é a Igreja, tanto o Estado liberal quanto o Estado totalitário tomam uma atitude idêntica à de Pilatos perguntando “*quid est veritas*” – “o que é a Verdade?”. O agnosticismo, o indiferentismo entre a Verdade e o erro, o Bem e o mal, é sempre uma fonte de injustiças. E o católico não pode pactuar, nem com uma, nem com outra coisa.

Estas reflexões são importantíssimas no presente momento. A derrocada dos exércitos nazistas se afirma de modo cada vez mais claro e não é difícil entrever o alcance e a natureza dos problemas que teremos de enfrentar depois desta guerra. Todos falam a este respeito. [...] O certo é que a Santa Igreja também deverá ter um lugar no mundo de amanhã, e nós não vemos quem com isto se preocupa. Os católicos estão passando, na Alemanha, na Áustria, na Checoslováquia, na Holanda, na Bélgica, na França, no Luxemburgo, na Polônia, e na Rússia por martírios inomináveis, de que talvez só encontraremos precedentes na era das catacumbas. Em outros países os riscos que a Santa Igreja corre são simplesmente vertiginosos. No Extremo-Oriente, infiltra-se um pensamento cada vez mais radicalmente nacionalista, que já acarretou uma expulsão em massa de missionários católicos do Japão e ameaça seriamente as missões da China. Tudo isto são problemas, terríveis problemas, gravíssimos problemas. E não só isto: para nós, católicos, são problemas supremos, pois que tudo quanto diz respeito à Santa Igreja de Deus em qualquer parte do globo é para nós de suprema importância. Onde os parlamentares, os jornalistas, os escritores, os homens de Estado que se preocupam com isto?

Não desperdicemos nem nossa solicitude, nem nosso prestígio, nem nossas forças, pensando em assuntos certamente interessantes e até nobres como o das minorias étnicas, sem antes ter feito tudo quanto está em nosso alcance pelo maior de todos os assuntos: a liberdade e grandeza da Santa Madre Igreja no mundo de amanhã.

A LIBERDADE DA IGREJA NO DIA DE AMANHÃ

Plinio Corrêa de Oliveira

As considerações que vinhamos fazendo acerca da liberdade da Igreja em artigos anteriores, são, para nós católicos, da mais transcendental importância. Com efeito, é essencial que não percamos de vista nossos mais graves interesses. Estes consistem, para a Igreja, antes de tudo e de mais nada, no direito de viver livremente a sua vida, sem as pelias de qualquer restrição. Não ha honrarias, vantagens, munificências que possam compensar qualquer prejuizo da liberdade da Igreja. Desta afirmação, temos eloquentíssima prova na análise da situação religiosa da Espanha. Ninguém ignora que desde sua ascensão ao poder, procurou o General Franco entrar em entendimentos com a Santa Sé a respeito das relações entre a Igreja e o Estado. Ofereceu-se o "caudillo" a restaurar todos os privilégios, honras, prerrogativas e vantagens de que gozava na Espanha monárquica o Catolicismo. No mundo moderno, não sei de país em que a Igreja fosse cercada de regalias maiores. Entretanto, o "caudillo" pediu em compensação uma só coisa: que a Igreja renunciasse ao direito de escolher livremente os Bispos aceitando a colaboração do Estado neste assunto. Até agora, a concordata, por este motivo, não foi assinada. É tão alto o preço da liberdade, para a Santa Igreja!

* * *

Não se pense que advogando a liberdade da Igreja, estamos tomando a defesa do liberalismo. Não somos dos que entendem que, quando a Igreja exerce todo o direito que possui, de pregar livremente a verdade e o bem, se deve dar à cafile dos comunistas, socialistas, etc. Idêntica liberdade. Não sabemos porque a liberdade de Nosso Senhor ha de gerar necessariamente a de Barrabás. Tranque-se nas masmorras o criminoso, deixando-se livre o Justo. A liberdade não é uma abominável licença para que todos, bons e maus, façam o que entenderem. O Estado liberal comete um crime quando, sob pretexto de liberdade das almas deixa que se preguem os princípios os mais subversivos impunemente. Sua conduta é tão ilógica quanto se, sob pretexto de não coarctar a liberdade que tem os vendedores de gêneros alimentícios sadios, de fornecer livremente sua mercadoria, ele se declarasse incompetente para impedir que os vendedores de gêneros deteriorados também vendessem sua mercadoria.

* * *

Por isto mesmo, também erraram crassamente certos doutrinadores totalitários europeus quando, sob pretexto de combater o comunismo ou o socialismo, entenderam de policiar também as atividades da Igreja Católica, e ainda mais crassamente erraram certos católicos ingênuos e falhos de princípios, que aceitaram de boa mente que se algemassem na ponta de uma corrente a Santa

Igreja de Deus, desde que na outra ponta se algemassem os comunistas, corifeus do anti-cristo. Consentir em tese em que a Igreja seja algemada para que também o sejam os seus adversários é absolutamente tão estúpido e tão iníquo quanto entender que Nosso Senhor deveria realmente ter sido crucificado desde que tal fosse necessário para não serem soltos os dois ladrões. Tanto o erro liberal, de conceder liberdade ao bem e ao mal, quanto o erro totalitário de oprimir igualmente o bem e o mal, são graves e procedem da mesma raiz. Em presença da Verdade que é a Igreja, tanto o Estado liberal quanto o Estado totalitário tomam uma atitude idêntica à de Pilatos perguntando "quid est veritas" — "o que é a Verdade?". O agnosticismo, o indiferentismo entre a Verdade e o erro, o Bem e o mal, é sempre uma fonte de injustiças. E o católico não pode pactuar, nem com uma, nem com outra coisa.

* * *

Estas reflexões são importantíssimas no presente momento. A derrocada dos exércitos nazistas se afirma de modo cada vez mais claro e não é difícil entrever o alcance e a natureza dos problemas que teremos de enfrentar depois desta guerra. Todos falam a este respeito. Não faltam correspondências telegráficas copiosas que deixam antever as garantias de que se deverão cercar as minorias, os judeus, etc.; a respeito da liberdade do mundo mussulmano; acerca das pequenas nações e das minorias étnicas. Tudo isto está bom ou está mal, não vem ao caso no momento. Mas o certo é que a Santa Igreja também deverá ter um lugar no mundo de amanhã, e nós não vemos quem com isto se preocupe. Os católicos estão passando, na Alemanha, na Austria, na Tcheco-Slováquia, na Holanda, na Bélgica, na França, no Luxemburgo, na Polonia e na Rússia por martírios inomináveis, de que talvez só encontraremos precedentes na era das catumbas. Em outros países os riscos que a Santa Igreja corre são simplesmente vertiginosos. No Extremo-Oriente, infiltra-se um pensamento cada vez mais radicalmente nacionalista, que já acarretou uma expulsão em massa de missionários católicos do Japão e ameaça seriamente as missões da China. Tudo isto são problemas, terríveis problemas, gravíssimos problemas. E não só isto: para nós, católicos, são problemas supremos, pois que tudo quanto diz respeito à Santa Igreja de Deus em qualquer parte do globo é para nós de suprema importância. Onde os parlamentares, os jornalistas, os escritores, os homens de Estado que se preocupam com isto?

Não desperdicemos, nem nossa solicitude, nem nosso prestígio, nem nossas forças, pensando em assuntos certamente interessantes e até nobres como o das minorias étnicas, sem antes ter feito tudo quanto está em nosso alcance pelo maior de todos os assuntos: a liberdade e grandeza da Santa Mãe Igreja no mundo de amanhã.

Figura 13 - Fac-símile do artigo "A liberdade da Igreja no dia de amanhã"

ARTIGO 08

“Comunismo” in Legionário, nº 552 de 7 de março de 1943.

Comunismo

Discursando no Parlamento Britânico, certo estadista disse, há pouco, que a Rússia evoluiu muito, e não podemos considerar suas instituições, muito menos radicais do que as que Lenine implantou, como indiscutivelmente inaceitáveis. A mesma impressão, acrescentou ele, experimentavam os ingleses do século XVIII ante a estrutura social e política igualitária adotada pelas colônias americanas recentemente libertadas do jugo inglês. No entanto, a evolução do mundo inteiro, a da própria Inglaterra, indicou que nesse sentido é que se encontravam os verdadeiros rumos do futuro. Parou aí o discurso. Mas não é difícil entrever que o facundo parlamentar entendia que a Inglaterra de hoje, cheia de prevenções contra a Rússia de Stalin, bem poderia ser levada a caminhar pelos mesmos trilhos no futuro.

Todas as notícias de jornal, para os que as sabem ler, indicam uma séria reação da opinião britânica contra as manobras socializantes de alguns de seus políticos. O plano Beveridge foi aprovado em termos que constituem uma verdadeira derrota para os extremistas do socialismo inglês. E o espírito tradicional dos súditos do Reino Unido oferecerá obstáculos não pequenos a qualquer esforço ou manobra política que se faça no sentido de extinguir o que a Inglaterra tem de mais honroso e mais tipicamente seu, isto é, o cunho aristocrático de suas instituições. Seria, pois, ridículo exagerar o alcance do discurso daquele parlamentar.

Nem por isto, entretanto, são destituídos de interesse alguns comentários sobre a insólita declaração daquele parlamentar inglês. Em nosso público, não falta quem esteja constantemente à cata dos mais leves sintomas de que uma ideia vai entrar em moda, para imediatamente a ela aderir. O comodismo ideológico de muita gente é, neste sentido, imensamente mais novidadeiro do que a dos “fãs” mais entusiasmados das modas europeias ou americanas em matéria de indumentária. Não faltará, pois, quem suponha que a turbamulta dos escritores, professores, políticos e jornalistas que forjam pelo mundo inteiro a opinião pública se vai inclinar para esse *leit-motiv* de que a socialização do mundo é o caminho forçado de sua

evolução política e social. E bastará tanto, para que em todos os quadrantes ideológicos - com que dor o dizemos - já os adesistas se ponham em movimento.

Se bem que, pois, possa vir a ser voz meramente isolada a daquele parlamentar, e é neste sentido que fazemos nossos melhores votos, é absolutamente indiscutível que a refutação de seu ponto de vista evitará que muita gente se desorienta.

Diz nosso Parlamentar que a Rússia evoluiu. Evoluiu quanto? Em que sentido? Precisamente, o que é a Rússia de hoje? - Evoluiu é termo muito vago. Evoluir é caminhar. E tanto se pode um metro quanto um quilômetro. Quanto andou a Rússia soviética? Esta pergunta parece não lhe ter parecido fácil e cômoda de responder. O certo é que, para acalmar as apreensões justíssimas do público que o ouvia, limitou-se a dizer que a Rússia “evoluiu”. A nós não nos tranquiliza tão vaga afirmação. O regime soviético só se pode tornar aceitável de um modo: passando a ser precisamente o contrário de tudo que era. E, neste sentido, não nos referimos às relações entre a Igreja e a URSS, mas a própria organização do Estado, da família, da sociedade e da economia. Uma simples “evolução” parcial, minimalista, não nos contenta. E, sobretudo, não nos pode contentar uma evolução indeterminada, que provavelmente terá sido mais ou menos pequena.

Esta deve ser necessariamente a posição de qualquer católico sensato.

De mais a mais, é curioso notar que as perspectivas que nosso parlamentar entreabriu não são muito simpáticas para os anticomunistas sinceros. Diz ele que o mundo deve rumar do regime da propriedade privada para o lusco-fusco do socialismo, assim, como já rumou do “*Ancien Régime*” anterior a 1789 para a liberal-democracia. É curioso. Quer dizer que, quando tivermos acedido a este sombrio convite, nosso parlamentar nos dirá mais uma vez que devemos evoluir do socialismo moderado para o comunismo radical. E, se não disser, será sumamente ilógico. Seja ele ilógico embora, não faltará quem procure tirar por ele as premissas de tão tristes conclusões. E o mundo se encontrará em pleno comunismo.

Ninguém ignora que o “Legionário” é o mais fundamental, essencial e radicalmente antinazista dos jornais. Nossa campanha contra o totalitarismo é muito anterior aos dias que correm. Como sorrimos hoje em dia quando vemos às vezes explosões de antitotalitarismos brotar de lábios que não há muito tempo só se abriam para censurar nossa atitude hostil aos regimes ditatoriais “*soi-disant*” da direita!

Por isto, tudo quanto direta ou indiretamente pode dar a impressão de totalitarismo deve ser tido como altamente suspeito aos olhos desta folha. Ora, francamente não sabemos que diferença se poderia ver entre uma URSS - um pouco evoluída - e o nacional-socialismo. Para que combater o nacional-socialismo então?

Todo anticomunista sincero e lógico deve ser, por força e por excelência, um antitotalitário ferrenho. É, em nome da luta contra o totalitarismo que devemos livrar-nos cuidadosamente de opiniões como a do parlamentar inglês.

Na realidade, a Igreja já definiu perfeitamente o que um católico deve pensar sobre os poderes do Estado, os direitos de corporação, da família, do proprietário, do empregado, e da pessoa humana em geral. Sobretudo, a Igreja já definiu perfeitamente os direitos de Deus, dentro da sociedade.

Quem hipertrofiar o papel do Estado será necessariamente socialista, quaisquer que sejam as máscaras que procure afivelar no rosto. E o fundo da vertente socialista é o comunismo.

Quem hipertrofiar os direitos do indivíduo ou dos outros grupos será necessariamente individualista, e o fundo dessa vertente é a anarquia.

Da anarquia completa, que seria o niilismo, ou da anarquia estável e organizada que é o totalitarismo, devemos libertar-nos formando para nós uma consciência católica vigorosa e firme, na qual não haja lugar para complacência para com erros de qualquer jaez.

COMUNISMO

Plínio Corrêa de Oliveira

Discursando no Parlamento Britânico, certo estadista disse, ha pouco, que a Russia evoluiu muito, e não podemos considerar suas instituições, muito menos radicais do que as que Lenine implantou, como indiscutivelmente inaceitáveis. A mesma impressão, acrescentou ele, experimentavam os Ingleses do século XVIII ante a estrutura social e politica igualitária adotada pelas colonias americanas recentemente libertadas do jugo Inglês. No entanto, a evolução do mundo inteiro, e da própria Inglaterra, indicou que nesse sentido é que se encontravam os verdadeiros rumos do futuro. Parou aí o discurso. Mas não é difícil entrever que o facundo parlamentar entendia que a Inglaterra de hoje, cheia de prevenções contra a Russia de Stalin, bem poderia ser levada a caminhar pelos mesmos trilhos no futuro.

Todas as noticias de jornal, para os que as sabem ler, indicam uma séria reação da opinião britânica contra as manobras socializantes de alguns de seus politicos. O plano Beveridge foi aprovado em termos que constituem uma verdadeira derrota para os extremistas do socialismo Inglês. E o espirito tradicional dos súditos do Reino Unido oferecerá obstáculos não pequenos a qualquer esforço ou manobra politica que se faça no sentido de extinguir o que a Inglaterra tem de mais honroso e mais tipicamente seu, isto é, o cunho aristocrático de suas instituições. Seria, pois, ridiculo exagerar o alcance do discurso daquele parlamentar.

Nem por isto, entretanto, são destituídos de interesse alguns comentários sobre a insólita declaração daquele parlamentar Inglês. Em nosso público, não falta que esteja constantemente à cata dos mais leves sintomas de que uma idéia vai entrar em moda, para imediatamente a ela aderir. O comodismo ideológico de muita gente é, neste sentido, imensamente mais novidadeiro do que a dos "fãs" mais entusiásticos das modas europeias ou americanas em matéria de indumentária. Não faltará, pois, quem suponha que a turba-multa dos escritores, professores, politicos e jornalistas que forjam pelo mundo inteiro a opinião publica se vai inclinar para essa "leit-motiv" de que a socialização do mundo é o caminho forçado de sua evolução politica e social. E bastará tanto, para que em todos os quadrantes ideológicos — com que dor o dizemos — já os adesistas se ponham em movimento.

Se bem que, pois, possa vir a ser voz meramente isolada a daquele parlamentar, é neste sentido que fazemos nossos melhores votos, é absolutamente indiscutível que a refutação de seu ponto de vista eviltará que muita gente se desoriente.

* * *

Diz nosso parlamentar que a Russia evoluiu. Evoluiu quanto? Em que sentido? Precisamente, o que é a Russia de hoje? -Evoluiu" é termo muito vago. Evoluir é caminhar. E tanto se pode um metro quanto um quilômetro. Quanto andou a Russia soviética? Essa pergunta parece não lhe ter parecido facil e comoda de responder. O certo é que, para acalmar as apreensões justissimas do publico que o ouvia, limitou-se a dizer que a Russia "evoluiu". A nós não nos tranquiliza tão vaga afirmação. O regime soviético só se pode tornar aceitavel de um modo: passando a ser precisamente o contrário de tudo que era. E, neste sentido, não nos referimos às relações entre a

Igreja e a URSS, mas à própria organização do Estado, da familia, da sociedade e da economia. Uma simples "evolução" parcial minimalista, não nos contenta. E, sobretudo, não nos pode contentar uma evolução indeterminada, que provavelmente terá sido mais ou menos pequena.

Esta deve ser necessariamente a posição de qualquer católico sensato.

* * *

De mais a mais, é curioso notar que as perspectivas que nosso parlamentar entreabriu não são muito simpáticas para os anti-comunistas sinceros. Diz ele que o mundo deve rumar de regime da propriedade privada para o lusco-fusco do socialismo, assim como já rumou do "ancien régime" anterior a 1789 para a liberal-democracia. É curioso. Quer dizer que, quando tivermos acedido a este sombrio convite, nosso parlamentar nos dirá mais uma vez que devemos evoluir do socialismo moderado para o comunismo radical. E, se não disser, será sumamente ilógico. Seja ele ilógico embora, não faltará quem procure tirar por ele as premissas de tão tristes conclusões. E o mundo se encontrará em pleno comunismo.

* * *

Ninguém ignora que o LEGIONARIO é o mais fundamental, essencial e radicalmente anti-nazista dos jornais. Nossa campanha contra o totalitarismo é muito anterior aos dias que correm. Como sorrimos hoje em dia quando vemos às vezes explosões de anti-totalitarismo brotar de lábios que não ha muito tempo só se abriam para censurar nossa attitude hostil aos regimes ditatoriais "soi-disant" da direita!

Por isto, tudo quanto direta ou diretamente pode dar a impressão de totalitarismo deve ser tido como altamente suspeito aos olhos desta fôlha. Ora, francamente não sabemos que diferença se poderia ver entre uma URSS -um pouco evoluida" e o nacional-socialismo. Para que combater o nacional-socialismo então?

Todo anti-comunista sincero e lógico deve ser, por força e por excelência, um anti-totalitario ferrenho. E em nome da luta contra o totalitarismo, que devemos livrar-nos cuidadosamente de opiniões como a do parlamentar Inglês

* * *

Na realidade, a Igreja já definiu perfeitamente o que um católico deve pensar sobre os poderes do Estado, os direitos de corporação, da familia, do proprietário, do empregado, e da pessoa humana em geral. Sobretudo, a Igreja já definiu perfeitamente os direitos de Deus, dentro da sociedade.

Quem hipertrofiar o papel do Estado será necessariamente socialista, quaisquer que sejam as máscaras que procure afivelar no rosto. E o fundo da vertente socialista é o comunismo.

Quem hipertrofiar os direitos do individuo ou dos outros grupos será necessariamente individualista, e o fundo dessa vertente é a anarquia.

Da anarquia completa, que seria o nihilismo, ou da anarquia estavel e organizada que é o totalitarismo, devemos libertar-nos formando para nós uma consciência católica vigorosa e firme, na qual não haja lugar para complacências para com erros de qualquer jaez.

Figura 14 - Fac-símile do artigo "Comunismo"

ARTIGO 09

“Pela grandeza e liberdade da Ação Católica” in Legionário, nº 331 de 15 de janeiro de 1939.

Pela grandeza e liberdade da Ação Católica

O “Legionário” já comentou a alocução de Natal, proferida pelo Santo Padre. O comentário abrangeu, entretanto, apenas a parte em que o Papa denunciou perigos e condenou erros. Resta comentar a parte positiva, de suma importância.

Em nosso último artigo, já mostramos os incalculáveis inconvenientes que de uma colisão profunda entre o Papado e o regime fascista poderia decorrer para a Santa Igreja. Realmente, ninguém poderia prever a atitude que tomaria o Sr. Mussolini e as restrições parciais ou até totais que ele poderia impor ao normal funcionamento dos órgãos que compõem a administração eclesiástica. Ferida a Santa Sé, o mundo católico inteiro estaria ferido, e os mais graves assuntos religiosos de toda a Cristandade poderiam sofrer uma interrupção no seu curso normal, cujos inconvenientes é absolutamente impossível de calcular.

Entretanto, o Santo Padre, na grandeza de sua sabedoria, julgou dever enfrentar todos esses inconvenientes, exclusivamente para evitar que a legislação italiana ferisse dois pontos: a doutrina católica sobre o matrimônio e a liberdade da Ação Católica. Em outros termos, ainda mesmo que os mais pesados inconvenientes desabassem sobre os interesses religiosos de toda a Cristandade, não seria possível, de nenhum modo, ao Santo Padre, permitir que estes dois pontos fossem violados sem sua palavra de protesto paternal, mas santamente destemida. Podem os católicos de nossos dias ter uma lição mais sublime a respeito da grandeza do matrimônio sacramental e da Ação Católica?

Não basta que nos preocupemos com os erros do fascismo. Os católicos devem ser anticomunistas, antinazistas, antiliberais, antissocialistas, antimaçônicos etc., porque são católicos. E nunca, como pensa certa gente, ser católico porque são anticomunistas, antinazistas ou qualquer outra coisa do mesmo gênero. Odiamos certamente o erro. Mas esse ódio é uma consequência do amor à verdade. Mais, portanto, do que condenar o erro, importa-nos conhecer e amar perfeitamente a verdade. É, pois, para nós, da mais alta importância examinar as duas grandes

verdades que o Santo Padre afirmou, repetindo com o eloquente vigor que todos Lhe conhecem, a doutrina já ensinada por seus predecessores.

Infelizmente, as dimensões de um simples conquanto longo artigo de jornal não nos permitem que tratemos devidamente de ambos os assuntos. Preferimos, pois, escrever hoje sobre a Ação Católica, reservando-nos para abordar, em outra oportunidade que se ofereça, a questão do matrimônio religioso.

O que se dá na Itália a respeito da Ação Católica é fácil de descrever. O governo fascista, pela própria natureza do regime, tende a enfeixar sob sua autoridade, e a orientar para os fins por ele colimados, todas as atividades sociais. Não lhe convém, pois, e isto está na própria essência dos Estados totalitários, que fique fora desta órbita qualquer organização. Estado “totalitário” significa Estado que abrange tudo, que intervém em tudo, que orienta e que disciplina tudo. E, neste “tudo”, tanto estão compreendidas a economia, a defesa sanitária e a defesa militar do país, quanto os esportes, as artes, a cultura e... a Religião.

Entretanto, Mussolini tem mitigado notavelmente, na prática, os princípios da ala mais ardida do partido fascista. E, por isto mesmo, tanto quanto eu saiba, nunca ou muito raramente se verificaram na Itália conflitos entre associações religiosas, como Congregações Marianas, Ordens Terceiras, Conferências Vicentinas etc., e elementos fascistas. Ao menos depois da reconciliação subsequente ao incidente de 1931 e à Encíclica “*Non abbiamo bisogno*”, nunca mais houve dificuldades.

Houve-as, entretanto, e muito fortes, quanto à Ação Católica, a tal ponto que, mesmo antes da questão racista, ela tem sido o pomo de discórdia de diversos conflitos entre o Vaticano e o Quirinal, conflitos estes que, em 1931, quase tiveram um desfecho altamente dramático. Na sua alocução de Natal, o Santo Padre alude a estes fatos, e mostra que eles atingiram uma tal premência, que já não Lhe é possível calar. E, a este propósito, o Santo Padre repete as manifestações de particularíssimo carinho que já tem tido, em inúmeras outras oportunidades, para com a Ação Católica, “a menina de seus olhos”, como ele mesmo já disse.

Cabe aqui o primeiro comentário.

O Santo Padre, pela natureza de seu augusto cargo, nunca pode dar sua adesão a doutrinas erradas, nem consentir em uma mutilação dos direitos da Santa Igreja. Entretanto, a Igreja é Mãe. Por isto mesmo, na ordem concreta dos fatos, condescende Ela frequentemente com a autoridade temporal, a fim de, salvos sempre

os princípios, tolerar alguns inconvenientes para evitar os inconvenientes ainda maiores que decorrem dos grandes conflitos religiosos.

Pensamos que o Santo Padre poderia perfeitamente, a fim de evitar novas dificuldades com o governo fascista, ordenar o fechamento da Ação Católica, desde que ficasse bem claro que este fechamento não implica no reconhecimento, ao Estado, do direito de cercear as atividades da Igreja, mas apenas em uma concessão benévola, para evitar males maiores.

Neste sentido, a complacência da Igreja é tocante, com prova manifesta de sua bondade maternal. Bastará ler, por exemplo, a concordata entre a Santa Sé e Napoleão, para se ter uma ideia da benignidade da Igreja em questões que não afetam os princípios de que Ela é infalível depositária.

Fechada a Ação Católica, nem por isto estaria tolhida a possibilidade de a Igreja exercer entre os fiéis sua missão. Para isto, existem as inúmeras outras associações religiosas que têm florescido na Itália até aqui, e que continuam a florescer admiravelmente ao lado da Ação Católica. Sem a Ação Católica tal qual ela está hoje organizada, a Igreja poderia continuar no desempenho de sua tarefa. A Ação Católica absolutamente não é, para a Santa Igreja, uma condição de existência. A Ação Católica é apenas um meio que ela instituiu para, na época presente, atingir mais facilmente a restauração do Reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, para este fim, não é indispensável a Ação Católica, no sentido estrito desta palavra. Sem ela, os Apóstolos conquistaram o mundo...

Evidentemente, entendemos por “Ação Católica” aquilo que esta expressão significa no seu sentido estrito, e não, em sentido lato, qualquer ação praticada por qualquer católico, com permissão da autoridade eclesiástica, no sentido do apostolado.

Nesta ordem de ideias, há na Santa Igreja um exemplo frisante. Foi o fechamento da gloriosa e benemérita Companhia de Jesus por ordem do Papa.

Não nos cabe comentar aquela decisão pontifícia. O que é certo é que a Companhia de Jesus, que vinha prestando então, como hoje, à Igreja, os mais inestimáveis serviços, que correspondia evidentemente a um plano absolutamente providencial, que era e é uma pepineira inexcedível de Santos e de sábios insignes, a Companhia de Jesus, que era o martelo das heresias e a admirável campeã da Fé, a Companhia de Jesus, que era o que é hoje, isto é, a alegria e o orgulho santo de qualquer homem que tivesse dois dedos de senso católico, a Companhia de Jesus foi

fechada por Clemente XIV a 21 de julho de 1773, exclusivamente a fim de evitar um cisma de algumas nações católicas, então governadas por elementos maçonizados.

A respeito dessa resolução pontifícia, a Companhia de Jesus, tão profundamente atingida, guardou sempre um admirável silêncio. Imitemo-la e, edificados pela maravilhosa disciplina de que deu provas, também guardemos silêncio nós.

Sem comentar, entretanto, o fato quanto à oportunidade e à conveniência da deliberação que o Pontífice tomou, uma coisa é certa: é que se a Santa Sé chegou a dissolver a Companhia de Jesus sem sacrifícios de princípios, ela poderá também, a fortiori, dissolver a Ação Católica. A Igreja não desaparece com o desaparecimento de qualquer instituição apostólica por Ela criada, por mais que essa instituição seja proveitosa e providencial.

Isto posto, está claro que Pio XI poderia, para não entrar em colisão com o fascismo, fechar a Ação Católica. Entretanto, o Pontífice não o quis fazer. Por que? A razão é evidente. Ele acha que o fechamento da Ação Católica traria inconvenientes tão profundos, que não são comparáveis nem sequer às maiores lutas religiosas na Itália.

Se o Pontífice enfrenta tanto e tais perigos para conservar a Ação Católica na integridade de sua pujança e de seu apostolado, o que dizer-se dos católicos que não enfrentam e não dominam seus egoísmos, grandes ou pequenos, seus caprichos pessoais, seus interesses, suas questiúnculas, para prestar à Ação Católica o mais decidido, o mais entusiástico, o mais fervoroso apoio?

Para a liberdade e pujança da Ação Católica, Pio XI expõe a paz religiosa de um país inteiro, de um admirável e belíssimo país que constitui objeto de simpatia de toda a Cristandade. Para a grandeza da Ação Católica, não exporemos também nós algo de nossos interesses, de nossas comodidades?

LEGIÓNARIO já commentou a allocução de Natal, proferida pelo Santo Padre. O commentario abrangeu, entretanto, apenas a parte em que o Papa denunciou perigos e condemnou erros. Resta commentar a parte positiva, de summa importancia.

Em nosso ultimo artigo, já mostramos os incalculaveis inconvenientes que, de uma colisão profunda entre o Papado e o regime fascista, poderia decorrer para a Santa Igreja. Realmente, ninguem poderia prever a attitude que tomaria o sr. Mussolini, e as restricções parciais ou até totaes que elle poderia impor ao normal funcionamento dos órgãos que compõem a administração ecclesiastica. Ferida a Santa Sé, o mundo catholico inteiro estaria ferido, e os mais graves assumptos religiosos de toda a Christandade poderiam soffrer uma interrupção no seu curso normal, cujos inconvenientes é absolutamente impossivel de calcular.

Entretanto, o Santo Padre, na grandeza de sua sabedoria, julgou dever enfrentar todos estes inconvenientes, exclusivamente para evitar que a legislação italiana ferisse dois pontos: a doutrina catholica sobre o matrimonio e a liberdade da Acção Catholica. Em outros termos, ainda mesmo que os mais pesados inconvenientes desabassem sobre os interesses religiosos de toda a Christandade, não seria possível, de nenhum modo, ao Santo Padre, permittir que estes dois pontos fossem violados sem sua palavra de protesto paternal mas santamente desentendida. Podem os catholicos de nossos dias ter uma lição mais sublime, a respeito da grandeza do matrimonio sacramental e da Acção Catholica?

Não basta que nos preocupemos com os erros do fascismo. Os catholicos devem ser anti-comunistas, anti-nazistas, anti-liberaes, anti-socialistas, anti-maçonicos, etc., porque são catholicos. E nunca, como pensa certa gente, ser catholicos porque são anti-comunistas, anti-nazistas ou qualquer outra coisa do mesmo genero. Odiamos, certamente o erro. Mas esse odio é uma consequencia do amor á verdade. Mais, portanto, do que condemnar o erro, importa-nos conhecer e amar perfeitamente a verdade. E, pois, para nós, da mais alta importancia, examinar as duas grandes verdades que o Santo Padre affirmou, repetindo com o eloquente vigor que todos Lhe conhecem, a doutrina já ensinada por seus predecessores.

Infelizmente, as dimensões de um simples comquanto longo artigo de jornal não nos permittem que tratemos devidamente de ambos os assumptos. Preferimos, pois, escrever hoje sobre a Acção Catholica, reservandonos para abordar, em outra oportunidade que se offereça, a questão do matrimonio religioso.

O que se dá, na Italia, a respeito da Acção Catholica, é facil de descrever. O governo fascista, pela propria natureza do regime, tende a enfeixar sob sua autoridade, e a orientar para os fins por elle colimados, todas as actividades sociaes. Não lhe convem pois, e isto está na propria essencia dos estados "totalitarios", que fique fora desta orbita qualquer organização. Estado "totalitario" significa Estado que abrange tudo, que intervem em tudo, que orienta e que disciplina tudo. E, neste "tudo", tanto estão comprehendidas a economia, a defesa sanitaria, e a defesa militar do paiz, quanto os esportes, as artes, a cultura e... a Religião.

Entretanto, Mussolini tem mitigado notavelmente, na pratica, os principios da ala mais ardida do partido fascis-

ta. E, por isto mesmo, tanto quanto eu saiba, nunca ou muito raramente se verificaram na Italia conflictos entre associações religiosas como Congregações Marianas, Ordens Terceiras, Conferencias Vicentinas, etc., e elementos fascistas. Ao menos depois da reconciliação subsequente ao incidente de 1931 e á Encyclica "Non abbiamo bisogno", nunca mais houve difficuldades.

Houve-as, entretanto, e muito fortes, quanto á Acção Catholica, a tal ponto que mesmo antes da questão racista ella tem sido o pomo de discordia de diversos conflictos entre o Vaticano e o Quirinal, conflictos estes que, em 1931, quasi tiveram um desfecho altamente dramatico. Na sua allocução de Natal, o Santo Padre allude a estes factos, e mostra que elles atingiram uma tal premeencia, que já não Lhe é possível calar. E, a este proposito, o Santo Padre repete as manifestações de particularissimo carinho que já tem tido, em innumeradas outras oportunidades, para com a Acção Catholica, "a menina de seus olhos", como Elle mesmo já disse.

Cabe aqui o primeiro commentario. O Santo Padre, pela natureza de seu augusto cargo, nunca pôde dar sua adhesão a doutrinas erradas, nem consentir em uma mutilação dos direitos da Santa Igreja. Entretanto, a Igreja é Mãe. Por isto mesmo, na or-

Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA

Pela grandeza e liberdade da Acção Catholica

Uma concreta dos factos, condescende ella frequentemente com a autoridade temporal, affim de, salvos sempre os principios, tolerar alguns inconvenientes para evitar os inconvenientes ainda maiores, que decorrem dos grandes conflictos religiosos.

Pensamos que o Santo Padre poderia, perfeitamente, affim de evitar novas difficuldades com o governo fascista, ordenar o fechamento da Acção Catholica, desde que ficasse bem claro que este fechamento não implicaria no reconhecimento, ao Estado, do direito de cercar as actividades da Igreja, mas apenas em uma concessão benevola, para evitar males maiores.

Neste sentido, a complacencia da Igreja é tocante, como prova manifesta de sua bondade maternal. Bastará ler, por exemplo, a concordata entre a Santa Sé e Napoleão, para se ter uma idéa da benignidade da Igreja em questões que não affectam os principios de que ella é infallivel depositaria.

Fechada a Acção Catholica, nem por isto estaria tolhida a possibilidade de a Igreja exercer entre os fieis sua missão. Para isto, existem as innumeradas outras associações religiosas que tem florescido na Italia até aqui, e que continuam a florescer admiravelmente ao lado da Acção Catholica. Sem a Acção Catholica tal qual ella está hoje organizada, a Igreja poderia continuar no desempenho de sua ta-

refa. A Acção Catholica absolutamente não é, para a Santa Igreja, uma condição de existencia. A Acção Catholica é apenas um meio que ella instituiu para, na epocha presente, atingir mais facilmente a restauração do Reinado de Nosso Senhor Jesus Christo. Mas para este fim não é indispensavel a Acção Catholica, no sentido estricto desta palavra. Sem ella, os Apostolos conquistaram o mundo...

Evidentemente, entendemos por "Acção Catholica" aquillo que esta expressão significa no seu sentido estricto, e não, em sentido lato, qualquer acção praticada por qualquer catholico, com permissão da Autoridade Ecclesiastica, no sentido do apostolado.

Nesta ordem de idéas, ha na Santa Igreja um exemplo frisante. Foi o fechamento da gloriosa e benemerita Companhia de Jesus por ordem do Papa.

Não nos cabe commentar aquella decisão pontificia. O que é certo é que a Companhia de Jesus, que vinha prestando então como hoje, á Igreja, os mais inestimaveis servicos, que correspondia evidentemente a um plano absolutamente providencial, que era e é uma pepineira inexcedivel de Santos e de sabios insignes, a Companhia de Jesus que era o martello das heresias e a admiravel campeã da Fé, a Companhia de Jesus que era o que é hoje, isto é, a alegria e o orgulho santo de qualquer homem que tivesse dois dedos de senso catholico, a Companhia de Jesus foi fechada por Clemente XIV a 21 de Julho de 1773, exclusivamente affim de evitar um scisma de algumas nações catholicas então governadas por elementos maçonisados.

A respeito dessa resolução pontificia, a Companhia de Jesus, tão profundamente atingida, guardou sempre um admiravel silencio. Imitemol-a, e, edificados pela maravilhosa disciplina de que deu provas, tambem guardemos silencio nós.

Sem commentar, entretanto, o facto quanto á oportunidade e á conveniencia da deliberação que o Pontifice tomou, uma coisa é certa: é que se a Santa Sé chegou a dissolver a Companhia de Jesus sem sacrificios de principios, ella poderia tambem, a fortiori, dissolver a Acção Catholica. A Igreja não desaparece com o desaparecimento de qualquer instituição apostolica por ella creada, por mais que essa instituição seja proveitosa e providencial.

Isto posto, está claro que Pio XI poderia, para não entrar em collição com o fascismo, fechar a Acção Catholica. Entretanto, o Pontifice não, o quiz fazer. Porque? A razão é evidente. Elle acha que o fechamento da Acção Catholica traria inconvenientes tão profundos, que não são comparaveis nem sequer ás maiores luctas religiosas na Italia.

Se o Pontifice enfrenta tantos e taes perigos, para conservar a Acção Catholica na integridade de sua pujança e de seu apostolado, o que dizer-se dos catholicos que não enfrentam e não dominam seus egoismos, grandes ou pequenos, seus caprichos pessoais, seus interesses, suas questiunculas, para prestar á Acção Catholica o mais decidido, o mais entusiastico, o mais fervoroso apoio?

Para a liberdade e pujança da Acção Catholica, Pio XI expõe a paz religiosa de um paiz inteiro, de um admiravel e bellissimo paiz que constitue objecto de sympathia de toda a Christandade. Para a grandeza da Acção Catholica, não exporemos tambem nós algo de nossos interesses e de nossas commodidades?

Figura 15 - Fac-símile do artigo "Pela grandeza e liberdade da Acção Católica"

ARTIGO 10

“A falsa alternativa” in Legionário, nº 723 de 16 de junho de 1946

A falsa alternativa

Toda a luta da Igreja contra os liberais no século passado pode, ao menos de certo ponto de vista, resumir-se em algumas linhas. Receosos dos excessos do poder público, eles diminuían de tal maneira as atribuições da autoridade, que a tornavam impotente, não só para conter ilegalidades, mas até para manter a ordem pública. Isto é um mal, ensinava a Igreja. Ninguém tem o direito de praticar o mal. Assim, toda a constituição política que tire ao Estado o poder de reprimir pronta e completamente o mal, está errada em sua própria base. Os fatos comprovaram, com trágica eloquência, o ensinamento da Igreja. É só ler as cartas políticas da maior parte das nações ocidentais no século passado, e ainda nas primeiras décadas deste século: todas elas atavam de tal maneira o poder público que este, impotente para conter a maré montante da anarquia, não tinha outro remédio senão assistir de braços cruzados o naufrágio lento e inexorável da ordem social. Bem apurada a causa deste erro, ela se reduz à ideia de que não é possível organizar tão bem o Estado que ele reprima o mal, sem ao mesmo tempo sacrificar a liberdade de fazer o bem. E, diante desta afirmação inicial, os liberais, preferindo a anarquia ao despotismo, deixaram deslizar os interesses públicos pela rampa do liberalismo e da dissolução de toda a vida social.

Penso que nunca se atentou bem para este ponto, que é o verdadeiro nervo das questões suscitadas entre católicos e liberais. Muitos há que têm pensado que diante da inevitável alternativa entre o excesso da liberdade ou o abuso de autoridade, o liberal era partidário do primeiro e a Igreja do segundo.

De fato, porém, a tese da Igreja é outra. Ela contesta o valor científico da alternativa anarquia-despotismo. Desde que Deus dispõe com tão admirável sabedoria a ordem universal, no que diz respeito aos seres inanimados e irracionais, seria monstruoso imaginar que Ele a houvesse organizado de modo imperfeito no que diz respeito ao homem. Há de haver no homem qualidades em estado potencial, que o habilitem a constituir a sociedade humana de modo ainda mais perfeito do que o que se observa entre os seres irracionais, entre as abelhas ou as formigas, por exemplo. Do contrário, o homem não seria a obra prima de Deus.

Isto posto, não é possível que a condição normal da sociedade humana só se possa encontrar dentro de uma destas trágicas alternativas: caminhar para a anarquia, ou jazer sob o peso do despotismo. Há de existir, existe a possibilidade de organizar estavelmente, duravelmente, normalmente, a sociedade humana, em um ponto de equilíbrio que não tenda para qualquer destes dois extremos.

E precisamente por isto é que a Igreja condena os liberais que preferem o caminho da anarquia. Ela se recusa a escolher entre as duas vias de perdição: entre os abismos que se abrem de um lado e do outro, Ela aponta à humanidade o caminho certo, que não tende nem para a anarquia nem para o despotismo. Este caminho é a ordem cristã.

Durante muitos decênios o liberalismo procurou iludir a Igreja. O monstro liberal tinha mil faces para todos os gostos. Uma delas sorria à Igreja, procurando aliciar e fascinar seus filhos ingênuos. Outra olhava a Igreja com uma fisionomia apreensiva e de cenhos cerrados, com o intuito de paralisar os católicos medrosos. Outra, ainda, fitava a Igreja com a suspicácia, o tédio, o mau humor com que o filho pródigo correu os olhos pela casa paterna no momento da despedida: pura manobra para desanimar a reação dos católicos autênticos, que temessem uma apostasia em massa de seus irmãos, os católicos liberais. E dito tudo isto, não está esgotada a descrição da hidra. Em mil outras cabeças, com mil outros aspectos, anticlericalismo, livre pensamento, (...) anarquismo, ela impelia ao assalto das Igrejas, à violação dos tabernáculos, à profanação das imagens, ao assassínio dos sacerdotes e das virgens consagradas, dos reis e chefes de Estado, esta turba multa de niilistas, petroleiros, carbonários, bandidos, que desde 1789 até nossos dias, não têm cessado de operar, aqui ou acolá.

É claro que, a tão disparatadas atitudes no campo liberal, haveria de corresponder uma grande diversidade de tendências no campo católico, quanto ao modo de encarar a hidra e de a combater.

Raros eram os que lhe percebiam todas as faces. Destes, mais raros ainda eram os que compreendiam que esta pluralidade de faces não era a imagem externa de uma íntima vacilação de tendências da grande hidra. Que tudo quanto era sorriso era mentira; e tudo quanto era blasfêmia era verdade. Que apesar de suas aparentes incertezas e contradições, o liberalismo era lógico, inflexível, invariável, na sua marcha para a anarquia e para o ateísmo.

A tantas faces, deveriam corresponder outras tantas linguagens diversas. Nem tudo que o liberalismo propunha era forçosamente condenado, em si mesmo, no campo da pura doutrina.

Assim, era possível concordar com algumas reivindicações liberais, sem professar implicitamente doutrina condenada pela Igreja.

O que fazer? Concordar com o que era possível, para depois amansar a fera? Ou atacá-la desde logo, de pronto, de rijo, sem vacilação?

Tentou-se um pouco de tudo. E, no fim, considerada a evolução da Europa no século XIX, uma só verdade salta claramente aos olhos. O movimento liberal, a despeito de todas as tentativas de colaboração católica, tomou conta da Europa, e realizou seus objetivos essenciais: descristianizou-a, laicizou-a, dissolveu a família e o Estado, e arrastou o mundo contemporâneo por um caminho em que chegou a dois dedos da anarquia.

O terror súbito desta anarquia foi o sentimento de cuja força propulsora nasceu a reação contrária: o fascismo e o nazismo.

Diante da falsa alternativa “despotismo-anarquia”, os totalitários de todos os matizes preferiram o despotismo para reagir contra a anarquia.

Terão acertado? Está claro que não. Porque mais uma vez não souberam libertar-se da alternativa errada. Ficaram dentro dela, e, fugindo do liberalismo, escorregaram do vértice do dilema, para o fundo do abismo. Não compreenderam que não se tratava de escolher, entre os dois precipícios, um. Mas de procurar o Caminho que não conduz para os abismos, mas para o Céu.

De sorte que a reação contra a anarquia, em lugar de nos levar à Civilização Cristã, nos levou para outro desastre: o Estado Moloch.

Seja dito isto para se compreender muito bem que há uma raiz comum entre o liberalismo e o despotismo. Que despotismo? As questões de cor política não interessam. Seja ele de bandeira parda, vermelha, preta, é sempre o despotismo. E se este despotismo for brando, benigno, macio como o despotismo róseo que o governo trabalhista quer instaurar na Inglaterra, ainda assim, será sempre o despotismo.

O socialismo de hoje, como o nazismo ontem, como anteontem o liberalismo, ostenta mil faces, sorri com uma à Igreja, ameaça-a com outra, e discursa contra ela com outra ainda.

Contra este novo socialismo, como outrora contra o liberalismo, a atitude dos católicos no mundo inteiro, mas sobretudo na Europa, só pode ser uma: combate decidido, franco, inflexível, destemido.

O socialismo não é um animal selvagem, susceptível de ser domado e domesticado. É um monstro apocalíptico, reunindo a falsidade da raposa à violência do tigre. Não nos esqueçamos disto, porque senão os fatos acabarão por no-lo ensinar de modo muito doloroso...

A FALSA ALTERNATIVA

Toda a luta da Igreja contra os liberais, no século passado, pode, ao menos de certo ponto de vista, resumir-se em algumas linhas. Reciosos dos excessos do poder público, eles diminuíam de tal maneira as atribuições da autoridade, que a tornavam impotente, não só para cometer ilegalidades, mas até para manter a ordem pública. Isto é um mal, ensinava a Igreja. O homem é livre para praticar o bem. Ninguém tem o direito de praticar o mal. Assim, toda a constituição política que tira ao Estado o poder de reprimir pronta e completamente o mal, está errada em sua própria base. Os fatos comprovaram com tragica eloquencia, o ensinamento da Igreja. E só ler as cartas políticas da maior parte das nações ocidentais no século passado, e ainda nas primeiras décadas deste século: todas elas atavam de tal maneira o poder público, que este, impotente para conter a maré montante da anarquia, não tinha outro remédio, sendo assistir de braços cruzados a naufragio lento e inesorável da ordem social. Bem apurada a causa deste erro, ela se reduz á idéia de que não é possível organizar tão bem o Estado, que ele reprima o mal, sem ao mesmo tempo sacrificar a liberdade de fazer o bem. E, diante desta afirmação inicial, os liberais, preferindo a anarquia ao despotismo, deixaram deslisar os interesses públicos pela rampa do liberalismo e da dissolução de toda a vida social.

Penso que nunca se atendeu bem, para este ponto, que é o verdadeiro nervo das questões suscitadas entre católicos e liberais. Muitos ha que tem pensado que, diante da inevitável alternativa entre o excesso da liberdade ou o abuso de autoridade, o liberal era partidario do primeiro, e a Igreja do segundo.

De fato, porém, a tese da Igreja é outra. Ela contesta o valor científico da alternativa anarquia-despotis-

mo. Desde que Deus dispôs com tão admirável sabedoria a ordem universal no que diz respeito aos seres inanimados e irracionais, seria monstruoso imaginar que Ele a houvesse organizado de modo imperfeito no que diz respeito ao homem. Ha de haver no homem qualidades em estado potencial, que o habilitem a constituir a sociedade humana de modo ainda mais perfeito do que o que se observa entre os irracionais, entre as abelhas ou as formigas, p. exemplo. Do contrario, o homem não seria a obra prima de Deus. Isto posto, não é possível que a condição normal da sociedade humana só se possa encontrar dentro de uma destas tragicas alternativas: caminhar para a anarquia, ou fazer sob o peso do despotismo. Ha de existir, existe a possibilidade de organizar estavelmente, duravelmente, normalmente, a sociedade humana, em um ponto de equilibrio que não tenda para qualquer destes dois extremos.

E, precisamente por isto é que a Igreja condena os liberais que preferem o caminho da anarquia. Ela se recusa a escolher entre as duas vias de perdição: entre os abismos que se abrem de um lado e do outro, ela aponta á humanidade o caminho certo, que não tende nem para a anarquia, nem para o despotismo. Este caminho é a ordem cristã.

Durante muitos decenios o liberalismo procurou iludir a Igreja. O monstro liberal tinha mil faces para todos os gostos. Uma delas sorria á Igreja, procurando aliciar e fascinar seus filhos ingenuos. Outra olhava a Igreja com uma fisionomia apreensiva e de cenhos cerrados, com o intuito de paralisar os católicos medrosos. Outra, ainda, fitava a Igreja com a suspicacia, o tedio, o mau humor com que o filho prodigo correu os olhos pela ca-

sa paterna, no momento da despedida: pura manobra para desanimar a reação dos católicos autênticos, que temessem uma apostasia em massa, de seus irmãos, os católicos liberais. E dito tudo isto, não está esgotada a descrição da hidra. Em mil outras cabeças, com mil outros aspectos, anti-clericalismo, livre pensamento, maçonismo, anarquismo, ela impelia ao assalto das Igrejas, á violação dos tabernáculos, á profanação das imagens, ao assassinio dos Sacerdotes e das Virgens consagradas, dos reis e chefes de Estado, esta turba multá de nihilistas, petroleiros, carbonários, bandidos, que desde 1789 até nossos dias, não tem cessado de operar, aqui ou acolá.

E' claro que, a tão disparatadas atitudes no campo liberal, haveria de corresponder uma grande diversidade de tendencias no campo católico, quanto ao modo de encarar a hidra, e de a combater.

Raros eram os que lhe percebiam todas as faces. Destes, mais raros ainda eram os que compreendiam que esta pluralidade de faces não era a imagem externa de uma intima vacilação de tendencias da grande hidra. Que tudo quanto era sorriso era mentira; e tudo quanto era blasfemia era verdade. Que apesar de suas aparentes incertezas e contradições, o liberalismo era logico, inflexivel, invariavel, na sua marcha para a anarquia e para o ateismo.

A tantas faces, deveriam corresponder outras tantas linguagens diversas. Nem tudo que o liberalismo propunha era forçosamente condenavel, em si mesmo, no campo da pura doutrina.

Assim, era possível concordar com algumas das reivindicações liberais, sem professar implicitamente doutrina condenada pela Igreja.

O que fazer? Concordar com o que era possível, pa-

(Continua na 7.a pag.)

★ PLÍNIO CORREIA DE OLIVEIRA ★

Figura 16 - Fac-símile do artigo "A falsa alternativa"

ARTIGO 11

“17 anos” in Legionário, nº 616 de 28 de maio de 1940.

17 anos

No dia 29, o LEGIONÁRIO completará 17 anos de lutas e de trabalhos. Sua fundação, que se deu em 1927, coincidiu com as primeiras manifestações do renascimento católico que se vem pronunciando de modo cada vez mais acentuado em nosso país. “Coincidiu” não é, entretanto, bem exatamente o termo. Entre um e outro fato não houve mera coincidência, mas uma relação vital e direta de causa e efeito. O LEGIONÁRIO nasceu do zelo e da dedicação dos pioneiros que desde a primeira hora levantaram entre nós o estandarte da reação católica. Ele nasceu, portanto, com uma missão bem determinada. Cumpria-lhe exprimir as tendências essenciais dessa reação, velar por que essas tendências, conservadas íntegras dentro da natural mutabilidade das circunstâncias e dos tempos, conservassem também ao “*renouveau*” de Catolicismo que se operava, o seu verdadeiro sentido, os seus objetivos iniciais, sua continuidade histórica enfim. Cumpria-lhe ser o porta-voz dessa mentalidade de reação vital, estender-lhe a influência, facilitar-lhe o triunfo final.

Desde o seu primeiro dia portanto, o LEGIONÁRIO não teve o caráter de um órgão católico inerte, apregoando nossa doutrina com um sistema abstrativo e tão indiferente à realidade, que poderia servir igualmente para o século XX e para a época em que os primeiros imperadores da dinastia dos Mings começavam a governar a China. Dentro da Santa Igreja, cada época herda das anteriores certas virtudes que lhe cumpre praticar e crescer, e se defronta com problemas em função dos quais deve praticar de modo especial e por assim dizer novo, virtudes que as épocas anteriores ainda não tinham considerado sob o prisma da época presente. Assim, na indefectível continuidade histórica que existe na Santa Igreja, pode-se notar de época para época diferenças de matiz análogas às que se notam, na mesma época, de uma para outra Ordem Religiosa. O LEGIONÁRIO situou-se claramente, desde seus primeiros dias, diante dos problemas peculiares à nossa época, e teve desde logo um feitio espiritual muito característico. Ele trazia em seu programa todas as promessas e todas as esperanças da reação religiosa que começava então a se esboçar. Nesta vigília de um aniversário que transcorrerá em quadra de tanta significação para a

Igreja e a Cristandade, é bem chegado o momento de um sério exame de consciência para os que lutam pela causa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dos maiores aos menores, temos todas responsabilidades que, se no quadro geral dos acontecimentos podem não ser grandes - aliás o que não é grande, desde que interesse à salvação das almas? -, são grandes por certo no quadro de nossas responsabilidades particulares. Um exame de consciência pressupõe a noção clara de um dever a cumprir, e a análise de uma conduta para ver se nela se cumpriu o dever. O exame de consciência confere um ideal com uma vida, para ver se a vida está à altura do ideal. É o que procuraremos fazer publicamente.

Qual o ideal inicial do LEGIONÁRIO? Qual a direção em que se movia a reação espiritual que começava a clarear os horizontes ideológicos do Brasil de 1927?

Estávamos na liquidação final do regime liberal. Saturados de ceticismo, de latitudinarismo, de materialismo, deformados pelo linguajar baixo e deprimente da imprensa, pelo espírito dissoluto do teatro e do cinema, pelo ambiente de crassa trivialidade em que se desenvolvia a juventude, aspirávamos todos por um ideal mais alto. Não tínhamos dúvida sobre esse ideal. Era o Catolicismo, plenitude de todos os ideais verdadeiros e nobres. Na atmosfera que respirávamos, duas circunstâncias nos afastavam desse ideal. De um lado, os inimigos declarados da Religião [...]. De outro lado, os barateadores do espírito cristão: semicatólicos, muito rezadores e... muito pecadores; gente que cria mas não praticava; gente que cria neste dogma mas que não cria naquele; gente que conservava, com um rótulo cristão, todos os sintomas de comodismo, displicência, indiferentismo do espírito do século. Católicos, enfim, para os quais a Igreja era um fardo que carregavam sem entusiasmo, um ideal com o qual procuravam sofismar, um espírito que procuravam de todos os modos acomodar com o da época, a fim de terem também a sua parte, lauta e confortável, no grande festim de Baltazar, que foram os últimos anos da democracia liberal.

Os [inimigos da Religião] desprezavam a fundo o católico de tipo corrente. Sabiam que ele era, de antemão, o grande derrotado, pois que, no momento oportuno, deixaria a carga de catolicismo ir a pique, para salvar assim o prazer de viver. Nesta gente que acendia dois círios, um a Deus e outro ao demônio, o círio de Deus minguava, se consumia, bruxuleava. O círio do demônio era novo, alvo, rijo, sua chama gorda e cintilante. No dia em que o círio de Deus começasse a queimar os dedos do burguês, [nenhum dos adversários da Igreja] tinham dúvidas sobre o que faria desse pavio incômodo o burguês comodista. Estávamos no último lusco-fusco

de um ocaso da Cristandade. Na reação que clareou os horizontes, havia implícitas duas reações. Uma, contra os adversários da Fé, que deveriam aprender pela rijeza dos golpes que recebessem, que o campo não estava mais aberto sem reservas, à sua insolência, sua afoiteza, seu cínico desprezo do Catolicismo. Outra, contra os católicos de meias medidas - “católicos café com leite”, era o termo da época - que com o escândalo de sua tibieza insinuavam por toda a parte a ideia de que o catolicismo morria de inanição. Todo o espírito da época se resumia nesta frase de nosso primeiro diretor: “quem não é apóstolo, é apóstata”. Acabou-se o falso Catolicismo de mangas largas, em que qualquer batedor de peito era tido como católico. A simples inércia já era uma apostasia. Poucos, mas bons. Era esse o nosso ideal. Esse ideal tinha nas atitudes, na linguagem, na direção viva, nervosa, inteligente de Jackson de Figueiredo a sua concretização contemporânea. E em Dom Vital, [...] o seu herói histórico.

Dessas atitudes iniciais, deduziam-se outras. Disciplina entusiástica à Santa Sé. Amor intensíssimo a todas as Ordens Religiosas, e especialmente à Companhia de Jesus. Nítido espírito de contrarrevolução: o padre acima e muito acima do leigo, mais acima ainda o bispo e acima do próprio bispo, o Papa. A palavra de um leigo devia levantar-se sempre para sustentar a autoridade do sacerdote. Era o sacerdote quem acima de tudo devia dirigir as iniciativas leigas. A palavra do sacerdote era sempre respeitada como a expressão autêntica do pensamento do bispo, doutor e pastor em sua diocese. A palavra do Papa era a palavra do próprio Deus, fonte de toda a autoridade e de toda a verdade, coluna na qual se deviam firmar todos os magistérios, para serem legítimos e válidos. Muita, muita, muitíssima devoção a Nossa Senhora. Espírito Eucarístico ardente. Uma especial delicadeza em tudo que se refere à pureza e aos bons costumes. Em suma, como sempre se deu na Santa Igreja, os fiéis de escol deveriam amar com especial ardor tudo aquilo que de modo especial se atacava na Religião.

Os atuais dirigentes do LEGIONÁRIO, em sua quase totalidade, não pertenceram aos primeiros dias do jornal. Pessoalmente, só ingressei na Congregação Mariana de Santa Cecília, à qual então o LEGIONÁRIO pertencia, em 1928, como tímido e distante noviço. Lembrando-me, entretanto, daqueles tempos saudosos, dos mais saudosos de toda a minha vida, lembrando-me de toda a atmosfera intensamente católica que se oferecia ao meu espírito ávido de adolescente, e que respirei com a sofreguidão de quem sai de um porão sombrio para

o mais puro dos píncaros de Campos do Jordão, revivo cheio de reconhecimento e de saudades uma quadra que me parece um Tabor. E voltando daí para os dias que correm, tão cheios de angústias, de apreensões, de problemas, os meus olhares, não posso deixar de dizer que, graças a Deus, o LEGIONÁRIO de hoje é bem o de ontem, e que o pendão que ele ostenta não perdeu nenhum de seus florões.

Toda a obra humana tem defeitos, lacunas, misérias. Perdoe-nos Deus as nossas. Dentro de poucos dias, festejar-se-á a Universal Mediação da Rainha do Céu. Pedir-Lhe-emos muito especialmente que nos alcance, com o conhecimento exato de todas as nossas faltas, um desejo ardente de as emendar, e as graças necessárias para tal. Mas, ao mesmo tempo, podemos dizer com humilde reconhecimento que, a despeito de todas as lacunas, o LEGIONÁRIO é sempre o mesmo LEGIONÁRIO de seus primeiros dias.

Antes de tudo, amamos sempre o Pontífice Romano. Não houve uma palavra do Papa que não publicássemos, que não explicitássemos, que não defendêssemos. Não houve um interesse da Santa Sé, que não reivindicássemos com o maior ardor de que uma criatura humana seja capaz. Em nossas palavras, graças a Deus, nenhum conceito, nenhum matiz que destoasse do Magistério de Pedro em uma só vírgula, em uma só linha sequer. Fomos em toda a linha os homens da Hierarquia, cujas prerrogativas defendemos com ardor estrênuo, contra as doutrinas que pretendem arrancar ao episcopado e ao clero a direção do laicato católico. Não houve equívocos, nem confusões, nem tempestades que conseguissem deixar em nosso estandarte a mais leve mácula neste ponto. Defendemos em toda linha o espírito de seleção, de formação interior, de mortificação e de ruptura com as ignomínias do século. Lutamos pela doutrina da Igreja contra os excessos torvos do nacionalismo estatolátrico que dominou a Europa; contra o nazismo, o fascismo e todas as suas variantes; contra o liberalismo, o socialismo, o comunismo, e a famosa “politique de la main tendue”. Ninguém se ergueu em nenhuma parte do mundo contra a Igreja de Deus, [sem] que o LEGIONÁRIO - dentro do âmbito evidentemente limitado de suas possibilidades - não protestasse. Ao mesmo tempo, nunca perdemos de vista a obrigação de alimentar de todos os modos a devoção a Nossa Senhora, e ao Santíssimo Sacramento. Não houve uma só iniciativa católica genuína, que não tivesse todo o nosso entusiástico apoio. Nunca a estas portas bateu quem tivesse em mira apenas a maior glória de Deus, sem encontrar colunas amigas e acolhedoras. Há nessa vida um bom combate a combater. Estamos extenuados, sangramos por todos os membros. Foi nesse

combate que nos cansamos, que nos ferimos. Em compensação, não ousamos pedir como prêmio senão o perdão de tudo quanto inevitavelmente tenha havido de falível e de humano nesta obra que deveria ser toda para Deus, só para Deus.

17 ANOS

Plínio Corrêa de Oliveira

No dia 29, o LEGIONARIO completará 17 anos de lutas e de trabalhos. Sua fundação, que se deu em 1927, coincidiu com as primeiras manifestações do renascimento católico que se vem pronunciando de modo cada vez mais acentuado em nosso país. "Coincidiu" não é, entretanto, bem exatamente o termo. Entre um e outro fato não houve mera coincidência, mas uma relação vital e direta de causas e efeitos. O LEGIONARIO nasceu do zelo e da dedicação dos pioneiros que desde a primeira hora levantaram entre nós o estandarte da reação católica. Ele nasceu, portanto, com uma missão bem determinada. Cumpria-lhe exprimir as tendências essenciais dessa reação, velar por que essas tendências, conservadas íntegras dentro da natural mutabilidade das circunstâncias e dos tempos, conservassem também ao "renovau" de Catolicismo que se operava, e seu verdadeiro sentido, os seus objetivos iniciais, sua continuidade histórica enfim, Cumpria-lhe ser o porta-voz dessa mentalidade de reação vital, estender-lhe a influência, facilitar-lhe o triunfo final.

Desde o seu primeiro dia portanto, o LEGIONARIO não teve o caráter de um órgão católico inerte, apregoando nossa doutrina com um sistema abstrativo e tão indiferente à realidade, que poderia servir igualmente para o século XX e para a época em que os primeiros Imperadores da dinastia dos Mingos começavam a governar a China. Dentro da Santa Igreja, cada época herda, das anteriores, certas virtudes que lhe cumpre praticar e acrescentar, e se defronta com problemas em função dos quais deve praticar de modo especial e por assim dizer novo, virtudes que as épocas anteriores ainda não tinham considerado sob o prisma da época presente. Assim, na indefectível continuidade histórica que existe na Santa Igreja, pode-se notar de época para época diferenças de matiz análogas as que se notam, na mesma época, de uma para outra Ordem Religiosa. O LEGIONARIO situou-se claramente, desde seus primeiros dias, diante dos problemas peculiares a nossa época, e teve desde logo um feição espiritual muito característico. Ele trazia em seu programa todas as promessas e todas as esperanças da reação religiosa que começava então a se esboçar. Nesta vigília de um aniversário que transcorrerá em quadra de tanta significação para a Igreja e a Cristandade, é bem chegado o momento de um sério exame de consciência para os que lutam pela causa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dos maiores aos menores, temos todos responsabilidades que, se no quadro geral dos acontecimentos podem não ser grandes — aliás o que não é grande, desde que interesse à salvação das almas? — são grandes por certo no quadro de nossas responsabilidades particulares. Um exame de consciência prescreve a noção clara de um dever a cumprir, e a análise de uma conduta para ver se nela se cumpriu o dever. O exame de consciência confere um ideal com uma vida, para ver se a vida está à altura do ideal. É o que procuraremos fazer publicamente.

* * *

Qual o ideal inicial do LEGIONARIO? Qual a direção em que se movia a reação espiritual que começava a clarear os horizontes ideológicos do Brasil em 1927? Estávamos na liquidação final do regime liberal. Saturados de catolicismo de latitudinarianismo, de materialismo, de deformações pelo linguajar baixo e deprimente da imprensa, pelo espírito dissoluto do teatro e do cinema, pelo ambiente de crassa trivialidade em que se desenvolvia a juventude, aspirávamos todos por um ideal mais alto. Não tínhamos dúvida sobre esse ideal. Era o Catolicismo, plenitude de todos os ideais verdadeiros e nobres. Na atmosfera que respirávamos, duas circunstâncias nos afastavam desse ideal. De um lado, os inimigos declarados da Religião: maçons, espíritas, protestantes, ateus. De outro lado, os bartedores do espírito cristão: semi-católicos, muito reacionários e... muito pecadores; gente que cria mas não praticava; gente que cria neste dogma mas que não cria naquele; gente que conservava, com um rótulo cristão, todos os sintomas de comodismo, displicência, indiferentismo do espírito do século. Católicos, enfim, para os quais a Igreja era um fardo que carregavam sem entusiasmo, um ideal com o qual procuravam sofismar, um espírito que procuravam de todos os modos acomodar com o da época, afim de terem também a sua parte, lauta e confortável, no grande festim de Babilazar, que foram os últimos anos da democracia liberal.

Os protestantes, espíritas, maçons, desprezavam a fundo o católico de tipo corrente. Sabiam que ele era, de antemão, o grande derrotado, pois que, no momento oportuno, deixaria a carga de Catolicismo ir a pique, para salvar assim o prazer de viver. Nesta gente que acendia dois cirios, um a Deus e outro ao demônio, o cirio de Deus minguava, se consumia, bruxuleava. O cirio do demônio era novo, alvo, rijo, sua chama gorda e cintilante. No dia em que o cirio de Deus começasse a queimar os dedos do burguez, nem o espírito, nem o maçon, nem o protestante tinham dúvidas sobre o que faria, desse pavio incômodo, o burguez comodista. Estávamos no último lusco-fusco de um ocaso de Cristandade. Na reação que clareou os horizontes, havia implícitas duas reações. Uma, contra os adversários da Fé, que deveriam aprender pela rjeza dos golpes que recebessem, que o campo não estava mais aberto sem reservas, à sua insolência, sua afoiteza, seu cinico desprezo do Catolicismo. Outra, contra os católicos de meias medidas — "católicos café com leite", era o termo da época — que com o escândalo de sua tibieza insinuavam por toda a parte a idéia de que o

Catolicismo morria de inanção. Todo o espírito da época se resumia nesta frase de nosso primeiro diretor: "quem não é apóstolo, é apóstata". Acabou-se o falso Catolicismo de mangas largas, em que qualquer batedor de peito era tido como católico. A simples inércia já era uma apostasia. Poucos, mas bons. Era esse o nosso ideal. Esse ideal tinha nas atitudes, na linguagem, na direção viva, nervosa, inteligente de Jackson de Figueiredo a sua concretização contemporânea. E em Dom Vital, grande vencedor dos católicos de opa, balandra e fitão maçônico, o seu herói histórico.

* * *

Dessas atitudes iniciais, deduziam-se outras. Disciplinada a entusiástica à Santa Sé. Amor intensíssimo a todas as Ordens Religiosas, e especialmente à Companhia de Jesus. Nitido espírito de contra-revolução: o Padre acima e muito acima do leigo, mais acima ainda o Bispo, e acima do próprio Bispo, o Papa. A palavra de um leigo devia levantar-se sempre para sustentar a autoridade do Sacerdote. Era o Sacerdote, quem acima de tudo devia dirigir as iniciativas leigas. A palavra do Sacerdote era sempre respeitada como a expressão autêntica do pensamento do Bispo, Doutor e Pastor em sua Diocese. A palavra do Papa era a palavra do próprio Deus, fonte de toda a autoridade e de toda a verdade, coluna na qual se deviam firmar todos os magistrários, para serem legítimos e válidos. Muita, muita, muitíssima devoção a Nossa Senhora. Espírito Eucarístico ardente. Uma especial delicadeza em tudo quanto se refere à pureza e aos bons costumes. Em suma, como sempre se deu na Santa Igreja, os fídeis de escol deveriam amar com especial ardor tudo aquilo que de modo especial se atacava na Religião.

* * *

Os atuais dirigentes do LEGIONARIO, em sua quasi totalidade, não pertenceram aos primeiros dias do jornal. Pessoalmente, só ingressou na Congregação Mariana de Santa Cecilia, à qual então o LEGIONARIO pertencia, em 1928, como tímido e distante noviço. Lembrando-me entretanto daqueles tempos saudosos dos mais saudosos de toda a minha vida, lembrando-me do toda a atmosfera intensamente católica que se oferecia ao meu espírito avido de adolescente, e que respirei com a sofreguidão de quem sai de um porão sombrio para o mais puro dos pináculos de Campos do Jordão, revivo cheio de reconhecimento e de saudades uma quadra que me parece um Tabor. E voltando daí para os dias que correm, tão cheios de angústias, de apreensões, de problemas, os meus olhares, não posso deixar de dizer que, graças a Deus o LEGIONARIO de hoje é bem o de ontem, e que o pondão que ele ostenta não perdeu nenhum de seus florões.

Toda a obra humana tem defeitos, lacunas, misérias. Perdoe-nos Deus as nossas. Dentro de poucos dias, festejar-se-á a Universal Mediação da Rainha do Céu. Pedir-Lhe-emos muito especialmente que nos alcance, com o conhecimento exato de todas as nossas faltas, um desejo ardente de os emendar, e as graças necessárias para tal. Mas, ao mesmo tempo, pedamos dizer com humildade reconhecimento que, a despeito de todas as lacunas, o LEGIONARIO é sempre o mesmo LEGIONARIO de seus primeiros dias.

* * *

Antes de tudo, amamos sempre o Pontífice Romano. Não houve uma palavra do Papa, que não publicássemos, que não explicássemos, que não defendéssemos. Não houve um interesse da Santa Sé, que não reivindicássemos com o maior ardor de que uma criatura humana seja capaz. Em nossas palavras, graças a Deus, nenhum conceito, nenhum matiz, que destoasse do Magistério de Pedro em uma só vírgula, em uma só linha sequer. Fomos em toda a linha os homens da Hierarquia, cujas prerogativas defendemos com ardor estrênuo, contra as doutrinas que pretendem arrancar ao Episcopado e ao Clero a direção do laicato católico. Não houve equívocos, nem confusões, nem tempestades que conseguissem deixar em nosso estandarte a mais leve mácula neste ponto. Defendemos em toda a linha o espírito de seleção, de formação interior, de mortificação e de ruptura com as Ignomias do século. Lutamos pela doutrina da Igreja contra os excessos torvos do nacionalismo estatolátrico que dominou a Europa; contra o nazismo, o fascismo e todas as suas variantes; contra o liberalismo, o socialismo, o comunismo e a famosa "política de la main tendue". Ninguém se ergueu em nenhuma parte do mundo contra a Igreja de Deus, que o LEGIONARIO, dentro do âmbito evidentemente limitado de suas possibilidades, não protestasse. Ao mesmo tempo, nunca perdemos de vista a obrigação de alimentar de todos os modos a devoção a Nossa Senhora, e ao Santíssimo Sacramento. Não houve uma só iniciativa católica genuína, que não tivesse todo o nosso entusiástico apoio. Nunca a estas portas bateu quem tivesse em mira apenas a maior glória de Deus, sem encontrar colunas amigas e acolhedoras. Ha nessa vida um bom combate a combater. Estamos extenuados, sangramos por todos os membros. Foi nesse combate que nos cansamos, que nos ferimos. Em compensação, não ousamos pedir como prêmio senão o perdão de tudo quanto inevitavelmente tenha havido de falível e de humano nesta obra que deveria ser toda para Deus, só para Deus.

Figura 17 - Fac-símile do artigo "17 anos"